

3.000
1940 - 15 / 16
23

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1940 – ANO: VIII - Nº 15-16

SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO

Departamento de Documentação e

Arquivo

Reg. nº.

180

Cui tá.

02/08/1998

REVISTA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

ANO VIII

1940

TOMO XV-XVI

PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO

SUMÁRIO

Professoras novas para um mundo novo—discurso paraninfal — *José de Mesquita*
Marcha para Oeste — poesia — *D. Aquino Corrêa* [quitã]
Do « Poema da Serra » sonetos — *José de Mesquita*
Excelsa harmonia — A um bajulador — sonetos — *Lamartine Mendes*
Minha vida feliz — (Pedro Calvo) — soneto — trad. de *Cesário Prado*
Folk-lore matogrossense — *Ulisses Cuiabano*
A Imprensa em Mato Grosso — *Estevão de Mendonça*
A efeméride máxima de nossa urbs gloriosa — *Isac Póvoas*
Cultura matogrossense — (excerto) — *Francisco Mendes*
O outro Nietzsche — *A. Cesário Neto*
Lingua portuguesa e não lingua brasileira — *Severino de Queiroz*

O Dia Pan-Americano na Academia:

- 1) Discurso da representante do G. J. Lopes — *Benilde Moura*
- 2) Oração do presidente do G. A. Azevedo — *Rubens Mendonça*
- 3) Conferência: O Pan-Americanismo — *Philogonio Corrêa*
- 4) O dia pan-americano — *V. Corrêa Filho*

A Cadeira nº. 20 (Academico Franklin Cassiano):

- 1) O adeus da Academia — *José de Mesquita*
- 2) Palavras na romaria liceista — *Ulisses Cuiabano*

Centenário do Prof. José Estevão (patrono da cadeira n. 13)

- 1) Palavras do presidente da Academia — *José de Mesquita*
- 2) Discurso oficial — *Philogonio Corrêa*
- 3) Discurso do representante do diretor do Liceu Cuiabano — *Ulisses*
- 4) Discurso do representante do I. H. — *major Eudoro Corrêa* [Cuiabano]
- 5) Oração pelo corpo docente do Liceu — *prof. Benedito de Melo*
- 6) Oração do presidente do Gremio A. Azevedo — *Rubens de Mendonça*

- 7) Palmeiras humanas — discurso do presidente do Grémio Mat.ado
de Assis — *Corsindio Monteiro*

O dia de Rondon:

- 1) Discurso pelo I. H. de Mato Grosso — *José de Mesquita*
- 2) Discurso pela A. Matogrossense — *Isac Póvoas*
- 3) Rondon e o Índio — *Olegário de Barros*
- 4) Rondon e o Norte — *Francisco Mendes*

Descendentes de Lázaro — *Maria de A. Müller*

Recepção acadêmica — *L. Fender*

Páginas dos Mestres:

Alberto de Oliveira, homem da sua terra — *Oliveira Vianna*

Páginas dos Novos:

- Minha mãe que está no céu — *Antenor Nascimento Filho*
Papini, Huxley e a insatisfação — *Odilo Silva*
O destino do Poeta — *Benilde Moura*
Amor ideal — *Jorge Otaviano da Silva Pereira*
Festando São João na roça — *João Hamilton*
15 de Maio — *Francisco Lobo*
Tarde de beira de rio — *J. B. Martins de Mello*
Paisagens amigas — *Lenine C. Póvoas*

A padronização das Academias:

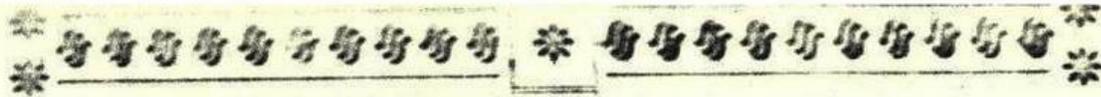
Código das Academias de Letras

Os novos Estatutos da Academia Matogrossense

Atas das sessões (1935 - 1938)

Bibliografia

Publicações recebidas.



PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO

Senhoras professoras:

O padrinho e as afilhadas

Duas circunstancias enaltecem o vosso gesto, indo buscar-me, na mais cativante das gentilezas, para ser o padrinho da linda festa da vossa formatura.

Contrariando a imposição de espaço e de tempo, que, antes, inculcar-vos-ia a escolha dum outro mais perto de vossa terra e de vossa época, fostes à procura de quem aparentemente se alonga de vós pela distancia e pela idade. Aparência apenas, direi, entanto, logo de início, pois nessa admiravel intuição que caracteriza o vosso sexo, bem vos persuadistes que não venho assim de tão longe, posto venha doutras plagas e de outra geração.

Porque, minhas queridas afilhadas, o que nos aproxima e coirmana é a alma, a afinidade mental e não essas circunstancias secundaríssimas de idade ou de nascimento. O nosso clima espiritual pode ser o mesmo — e estou que o é, — vindos à luz embora sob os mais variados sóis e em épocas as mais diferentes. O que faz a unidade psíquica é a compreensão recíproca, é a interpenetração das almas, é o modo igual ou afim de encarar e resolver os grandes problemas da vida. Vale pelo dominador comum das consciências a atitude semelhante de frente às equações morais, a noção identica do nosso papel diante do Divino

Nesta era de assombros, idade em que os prodígios do engenho humano se não contam mais pelas clássicas sete maravilhas do mundo, eis que todo o mundo é hoje uma imensa maravilha, devemos, entretanto, em agradecendo à Providência que nos fez nascer nesta época, reconhecer que, a despeito de todo esse formidável *devenir* do progresso e da civilização, os problemas de ordem moral continuam a ser, fundamentalmente, os mesmos de um século ou vinte centúrias atrás. A forma de examiná-los, de os aplicar e de os selecionar, é que tem de ser, talvez, diferente, hodiernizar-se, para se adaptar à mentalidade contemporânea.

A pedagogia varia, mas a alma, em que ela tem o seu objeto, é igual. A professora é a artífice que trabalha no material mais delicado e imponderável, como plasticizadora do caráter e modelatriz das consciências. O mundo hodierno exige outros processos de tratar as almas, e assim é que necessitamos, não há negar, de *professoras novas para um mundo novo*.

O verdadeiro sentido do feminismo

O século XX é o século da Mulher. Nunca vosso sexo, Senhoras Professoras, gozou maiores prerrogativas e, por isso mesmo, nunca lhe pesaram sobre os ombros mais árduas responsabilidades. As conquistas feministas valem, sem dúvida, pela aquisição de maiores direitos, mas importam, paralelamente, no investimento de mais graves deveres. A' mulher frívola e ignorante do papel relevantíssimo que lhe incumbe, não parecerá assim. Porque ela visualiza apenas o que o feminismo lhe carrega de vantagens materiais e proventos imediatos. Ser igual ao homem consiste para essas bonequinhas de salão e tânagras animadas dos jardins e avenidas em poder fazer tudo o que os homens podem fazer.

Não vêm, todavia, que ser igual ao homem importa em participar com ele dos tremendos onus que são, na vida social, os encargos da família e, no âmbito moral, os dramas mudos da consciência e do dever.

O homem sempre se outorgou, egoisticamente, todos os direitos, dando à mulher, na comunhão do lar, tão somente as obrigações. Hoje são meeiros, participes em ambas as cousas. A mulher moderna é a auxiliar, a colaboradora do seu companheiro doutro sexo. Trabalha e lida, atira-se, como ele, ao vórtice da vida, e sofre, junto dele, nessa luta áspera que é a existência, luta na sua essência, no seu desenvolvimento e na sua finalidade. Mas para isso há que entrar blindada do aço da sua resistência moral, armada como a clássica Minerva, da sua couraça da inteligência, e, ao mesmo tempo, aureolada, como as Madonas da nossa crença,

desse halo sobrenatural da Virtude,—que é força, e da Graça,—que é beleza. Só assim a mulher realiza o verdadeiro sentido do feminismo.

Compreensão do moderno

A atitude diante da Vida define o homem melhor que todas as afirmações ideológicas, muitas vezes apartadas do senso da realidade. Há uma novela de Bourget, cuja tese impressionante consiste em que, à força de pensarmos numa determinada maneira, acabamos por adaptarmos as nossas ações a esse modo de conceber o mundo. Será exata a recíproca: se vivemos dum dada forma, as nossas concepções se ajustam, mais tarde ou mais cedo, à maneira de viver. O homem tem, na encruzilhada de Tebas do destino, três atitudes diante da vida, que definem a sua compreensão do Moderno: uma, é a dos inconformados, que não se adaptam aos imperativos do tempo e vivem fóra da sua época; outra, a dos vanguardistas e prematuristas, que antevêm o futuro, esquecidos da realidade ambiente; a terceira, que é natural e lógica, a dos que se enquadram no real e se fazem homens do seu tempo. A' atitude de resistência passiva do passadismo e à nvaçada perigosa dos que andam no terreno movediço do futuro — preferiamos a de viver a nossa vida dentro do nosso tempo, que é o presente. Claro que sem exagero nem artificialismo. Não se ha de forçar a mão por parecer moderno, porque ser moderno não é ser exótico, estobe ou cabotino. Ser moderno é saber escolher do moderno o bom e aceitável, conservando, porém, do passado, o que ele tem de melhor. É preciso possuir o senso do moderno, que é equilíbrio, justeza, ponderação, evitando o amor excessivo ao que se foi, degenerando em rotina, e o entusiasmo fanatizante pelo que vem, de que se origina a modernomania.

O Encargo da Professora

A vós, Senhoras Professoras, cabe primacial encargo na formação da mentalidade moderna. Sois a « fabrica do novo homem » de que fala num livro sugestivo a escritora Alia Rachmanova. Encara ela a formação do «homem novo» à sua maneira, que não é, não pode ser a nossa. Como, entretanto, entre as mais desencontradas doutrinas, há sempre um angulo de incidência — terreno neutro da verdade—podemos, para ser sinceros, ver em Tajja, a protagonista da novela moscovita, com as naturais restrições ideológicas, as qualidades femininas primaciais, que são o amor e a dedicação. E' justamente munidas desses elementos que ireis plasmal, no hárro das consciências infantis, os Adões e as Evas do mundo novo. Mãe ou mestra, a Mulher é a artífice do homem. Mandatárias

do Eterno, completais a sua obra criadora, através da lição e do exemplo, que ensina ainda mais do que a palavra. A persuasão que nasce do que vemos vence mais do que a que decorre do que nos vem pelos ouvidos e não há dialética, por mais poderosa, que valha uma ação. A mulher tem nessas duas armas — o amor e a dedicação — a segurança do triunfo. Ela é toda um dar de si mesma, vive, em geral, fora do estúpido egoísmo, na atmosfera superior da abnegação e do desprendimento. Por isso é toda ela maternidade, e mesmo as que não são mães pelo sangue, o são pelo espírito. Vós que neste momento vos investís da honrosa missão de professoras, recebeis, com este diploma, a responsabilidade máxima de mães espirituais. Os vossos alunos verão em vós as suas segundas mães, e em vós encontrarão o paradigma da sua conduta. O lar, presentemente, nem sempre é uma escola. E' preciso que na escola a criança encontre sempre o que deve ter no lar. Medi, pois, palavras e gestos, as mais leves atitudes, as menos perceptíveis ações: o discípulo vai ser o que quizerdes, a sua alma vai se fazer à imagem e semelhança da vossa.

Sabeis pelo estudo da pedagogia quanto o mimetismo atua na formação do infante e do adolescente. Que os vossos alunos encontrem sempre o que imitar e copiar em vós. Porque, Senhoras Professoras, essas alminhas em botão se hão de abrir em flores ou esfazer-se em vermes, tal o adubo que tiverem, ou, melhor, a educação que de vós receberem. Mas tudo isso vós o sabeis tanto ou melhor do que eu.

As condições do mundo atual

Haveria de apontar, sim, as condições especiais do mundo moderno, impondo, por sua vez, atributos peculiares por parte dos educadores de hoje. Por fugir ao longo e cansativo que vai sendo já este discurso, sintetizarei em três rápidas visadas os males da civilização contemporânea: a falta de idealismo, o amortecimento da fé e a obliteração do sentimento. A carência de espiritualidade, que melhor se exprime inversamente, como a hipertrofia do utilitarismo, é um dos mais evidentes sinais da decadência moral do nosso tempo. O homem vive da vida material, por ela dá tudo, e dela, e só dela, tudo procura tirar. Os prazeres do momento, os lucros imediatos, formam a finalidade da chamada « luta pela vida. »

Ganhar dinheiro, gozar, cercar-se de consideração e conforto, fruir o bem-estar e ostentá-lo, quasi que a isso se reduz para o homem dos nossos dias a razão de existir. Daquilo que deveria ser, quando muito, um meio, se faz o fim, o escopo, a causa primária e final. E, o que é pior, prescindindo dos meios.

Buscam-se as riquezas, os prazeres, a fortuna fácil, frutos tentadores da Arvore do Bem e do Mal, sem se deter nos caminhos que levam à sua conquista. Dir-se-ia que todo ideal esvaneceu e toda a noção de ética se diluiu na alma dos homens.

Não há ver com olhos que não sejam os da cupidez, nem ouvir com ouças que não as do interesse ou da sensualidade. A vida volta a ser o banquete pagão, em que só se impreca aos deuses que não segue a Hipocrene do prazer e, coroadas de rosas as fronteiras, se adormece ao som dos pentacórdios, nos delírios báquicos ou venusinos. A abolição do espiritualismo transforma a História num mero suceder de eventos ligados uns aos outros por leis econômicas inexoráveis, faz da sociologia um capítulo da ciência das finanças, da Bolsa o templo sagrado, do Direito simples decorrência da Força bruta e da Moral uma capa remendada de mendigo que mal disfarça a nueza das conveniências e dos apetites malsãos.

Para isso concorre também, em grande parte, a diminuição da fé, o alarmante eclipse do sentimento religioso, fenômeno contristador, mas real, nos dias que vivemos. Não há mais que correr os olhos pela sociedade, dominada pela sede do ouro, pela fome dos instintos, mas totalmente esquecida dos anelos do Sobrenatural.

E o pior é que a fé, às vezes, sem desaparecer de todo, se deturpa e adultera, transvestindo-se de perigosos disfarces, seja se fazendo galan de poderosos, seja fugindo das igrejas para as *macumbas* ou antros ainda mais nocivos. Cresta-se a flor da pureza nas almas, a pretexto de ensinar a realidade de certas leis biológicas; fazem-se festas de caridade, como pretextos de exibição mundana e válvula de escapamento de instintos inferiores; as próprias casas de Deus parece que se tornam platéias mundanas de luxo e corrupção, como se fossem estádios, para ostentação de formas ou feiras de amostras da vaidade e do impudor.

Dessas duas premissas apontadas, deflue, logicamente, a crise do sentimento, que assola o mundo, pior que as piores pandemias, pois não mata, mas inutiliza e deforma para sempre as almas.

O sentimentalismo doentio do século XIX foi um grande mal, gerando os Werther e Adolfos, e fazendo notar aos Goncourt que a mulher se desgoverna mais facilmente pelo romanesco do que, mesmo, pelo fescenino.

Mas a crise romantica ainda, ao menos, se dourava duma auréola de poesia e espiritualidade.

A que ora campeia é, ao invés, gerada da falta de beleza moral e de sentimento, é a mecanização do homem, a sua transformação em máquina de dinheiro e de prazer.

Tudo se industrializa, até o amor.

Tudo se nivela na chatice do século standard, da era motorizada, da equiparação dos sexos, que nem permite encontrar na mulher o nível superior de sentimento que antes apresentava.

Não há contar com delicadezas, susceptibilidades, escrúpulos e barreiras morais: o que domina é a força quasi fatalística do instituto e da matéria.

A psicologia passou a simples capítulo da fisiologia e o homem a sêr considerado um animal, um pouco diferente dos outros, porque é infelizmente raciocinante e, por isso mesmo, mais perigoso.

Caim e Abel simbolizam ao vivo a fraternidade humana nesta era de subversão do sentimento, de guerras químicas e de apoteoses a gangsters, ditadores e pebolistas.

O sentimento, flor solitária e de sutis aromas, se abriga em pouquíssimas almas, que o mundo ignora ou escarnece. Porque o que soma agora é a conveniência e o coração « pêndulo universal dos ritmos » vai sendo aos poucos, no século Ford, substituído pela balança de valores.

A mulher e o modernismo

Em meio a esse angustiante panorama, a alma que ainda tem ideal, ainda crê e cultiva o sentimento, olha ansiosa, perscruta nos horizontes sombrios a aurora promissora da redenção.

E' então que entra a objetivar-se, a precisar formas e contornos, a corporificar-se, em linhas nítidas, a figura da mulher, como a salvadora do mundo.

Já uma vez ela o perdeu, com o nome de Eva, aliciando, com seus amavios, o homem para a transgressão da lei.

De outra feita, ela o remiu, sob a bela encarnação da Virgem-Mãe, Maria, a mulher das Dores, personificação do espírito feminino de renúncia e sacrifício, morrendo de morte mais dura que a própria morte, na paixão do filho.

Agora cabe, de novo, à mulher, na encruzilhada trágica do mundo moderno, salvar ou perder a humanidade.

Ela a salvará, estou certo. Ela salvará o mundo, dès que se disponha a ser Maria e não Eva.

A dar o exemplo do amor e da abnegação, e não o da vaidade e do apego aos gozos efêmeros.

A influir, pelo espírito de devotamento e bondade, na formação do Homem-novo.

A ser moderna, porque se não pode deixar de ser do seu tempo, mas, para orientar o modernismo e não para se deixar absorver e arrastar pelo que ele tem de delétero e nocivo.

A ser o guia, amiga e companheira do homem e não o seu superior.

A inculcar-lhe a Fé e a confiança, ao contrário de entoxicar-lhe a mente com o veneno das concupiscências.

A' mulher moderna está destinada essa grande missão de orientar o mundo moderno para a Salvação que é, mesmo abstraído do sentido místico, «guardar intacto o melhor do seu ser». Ah! minhas afilhadas, se soubesseis — mas vós, por certo o sabeis, se imaginasseis — e, seguro, o imaginaes — a força, o prestígio, a autoridade que tem a mulher, quando, norteadas para o bem do homem, lhe sabe ser amparo, confidente e encaminhadora na vida! Só lhe encontro paralelo no império fatal que ela sabe ter quando fascina para o mal e o arrasta, nos seus coleios serpentinicos, para o abismo dos abismos.

Do individuo à sociedade, através da Escola

Vêde aí a responsabilidade tremenda da mulher e que me apia vos pôr de manifesto nesta hora festiva da vossa colação de grau. Não há pensar em retroceder: o mundo vae sempre para frente, minhas filhas, e ainda que, por vezes, se repetindo, a História é uma espiral ascendente, que não volve ao ponto de partida. O passado passou e, enterrados os mortos, tratemos de construir o Futuro, com o material que temos em mãos. O mundo moderno há que ser refeito nos seus alicerces abalados que ameaçam iminente cataclismo. Vós, Senhoras Professoras, ides colaborar nessa obra hercúlea de refundamentar o mundo, dando-lhe novas bases de seguro concreto. Essa tarefa ciclópica tem de começar em nós mesmos. Temos de formar em nós o Homem-novo, começando assim, por nos refazer, para refazer-mos o mundo. Não se vai à sociedade, sem começar no individuo e sem passar pela família e pela escola. São círculos de uma enciclia sucessiva, em que o homem é a unidade, a escola e o lar os pontos intermédios necessários para se chegar à coletividade social. As sociedades são o que são a escola e a família — suas colunas mestras — e estas, por sua vez, dependem para sua solidez, da resistência do embazamento individual em que se apoiam. Inutil, pois, pensar em modificar as condições sociais, sem cogitar primeiro na melhoria do tipo individual. E isso se opera no lar e na aula, é tarefa conjugada das mães e das mestras. Eis porque nunca será demasiado insistir neste ponto: vós sois a segurança do edificio e onde houver boas professoras e boas mães, a construção social estará sólida e resistirá ao embate de todas as tempestades. É de vós que espera a humanidade futura, representada nessas cabecitas gentís que se

alinham, nas salas de aula, como floração mimosa, que a vossa inteligência e a vossa bondade irão irrigar para a frutificação esplêndida do futuro!

Professoras novas para um mundo novo

E como bem se ajusta à hora e ao ambiente, ambos propícios, o tema que tomei para esta oração de paraninfo: "professoras novas para um mundo novo." O momento é de angústia universal, hora babélica e confusa, como, talvez, somente o fosse aquele caos anterior à Criação de que nos fala o Gênesis — *terra autem erat inanis et vacua, et tenebrae erant super faciem abyssi* — a terra porém estava vazia e nua e as águas cobriam a face do abismo. As crises se acamadam umas sobre outras, qual a qual mais alarmante: crise social, política, econômica, financeira. A crise das crises, porém, é a crise moral. Ela é que gera todas as outras, e que começa na inquietação das consciências, para desfechar nesse tremendo drama da guerra, cuja verdadeira causa é a incompreensão entre os homens e a competição pelo dinheiro e pelo poder.

O «amai-vos uns aos outros» foi substituído pelo «desconfiai uns dos outros» e «guerreei-vos mutuamente». Contra essa mentalidade errônea e contra essa noção anticristã e antinatural do humano, é preciso agir e reagir. Agir para melhorar o homem; reagir, para impedir a completa ruína, a depravação total. O trabalho deve iniciar-se em nós para se irradiar na sociedade — pois o mal do mundo vem de dentro de nós. Por isso dizia, com rara intuição, René Arcos: «Não são as mãos, e sim os espíritos, que é preciso desamar.»

Mas, senhoras professoras, não é só o momento que torna adequado o tema desta oração, isto é, a necessidade de criar um novo conceito do magistério, diante dos imperativos do mundo contemporâneo.

Também o local oportuniza a tese escolhida. Campo Grande é bem um magnífico tablado donde se irradia, com mais vigor, o verbo da propaganda de nobres e altas idéas. E é, pelas suas condições próprias, a tribuna das idéas novas. Nova ela o é, cidade adolescente, no púbere desabrochar dos seus feitos, sorrindo, morena rubecente, ao sol macio da serra, entre o abraço caricioso de suas varzeas e o ósculo langue dos seus córregos. Em vinte e poucos anos conseguiu realizar, no campo do progresso, verdadeiros prodígios que nos lembram as cidades americanas do Pacífico. Cidade-padrão da zona sul, como o são Cuiabá, no norte, e Corumbá, no centro do Estado, até a

sua situação topográfica faz dela o grande palco majestoso, donde a voz como se propaga melhor a todos os rumos, qual se poderosos alto-falantes a irradiassem estentoriamente.

Estais no planalto, vale tanto dizer mais perto do Infinito e mais distante das contingências e fraquezas humanas.

E nesse antiplano, que é firmeza, elevação e equilíbrio, dominais, sobranceiramente, os quadrantes que vos cercam.

Como me sinto feliz de poder falar à mulher matogrossense, simbolizada nesta hora nas Professoras de Campo Grande!

E poder dizer a todas as minhas conterrâneas, nesta hora de gratas expansões e desta tribuna que parece elevær o vosso orador, que acredito no futuro radioso de Mato-Grosso, porque creio no prestígio e no valor da mulher matogrossense.

Mulheres de nossa terra

Ela é bem a herdeira das que, nos dias coloniais da penetração e do povoamento, morriam lado a lado dos seus companheiros na luta contra os índios, como aquelas duas heroínas do Carandá; é a descendente das mulheres de Coimbra, na trágica vigília de 64, fazendo cartuchos para a defeza do forte; da vivandeira do 17, das duas Inês e tantas outras notáveis pela bravura e pelo devotamento.

Alma feita de dedicação e de renúncia, sabe, como ninguém, que a vida consiste em sofrer e perdoar, e que a maior força está na fraqueza e a maior grandeza no amor humilde e desinteressado. Mais do que nos livros, vós aprendestes, Senhoras Professoras, nas narrativas da vida e da história — a vida que passou — que as Mulheres de nossa terra sempre souberam bravamente amar e servir o Brasil.

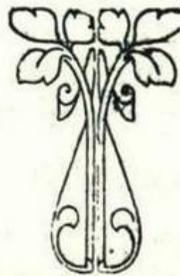
Foram sempre ótimas mães e excelentes mestras essas mulheres, obscuras e anônimas muitas vezes, de cujo seio e de cujos ensinamentos provieram heróis da estatura moral de um Antônio João e de um Batista das Neves.

É que elas sabem, como poucas, fazer da educação a disciplinadora dos instintos, desanimalizando o homem e dando-lhe esse cunho superior de espiritualismo e de brasilidade. As mulheres de Mato-Grosso, hoje como ontem, conseguem sobrepor a serena modéstia à arrogância estulta, pois compreendem que só na humildade há grandeza, enquanto no fofo jatar-se vai apenas o desconhecimento do nada e do efêmero que somos. A mulher matogrossense conhece, sobretudo, que só o amor resgata, eleva, purifica e redime e que o mundo novo será o que forem as mães e as mestras de hoje, atuando no espírito do homem de amanhã.

A alvorada do Oeste

Não devo me alongar mais. Concluirei, minhas gentís parainfadas, afirmando mais uma vez que tenho certeza que, nesta hora de maravilhoso despertar de Mato-Grosso, nesta alvorada magnífica do meu povo, alvorada paradoxal, mas verdadeira, do Oeste, até há pouco triste crepúsculo esmaecido e hoje transformado à grande voz do Estado Novo, em rútila aurora de esperanças, vós sereis a mais doce sinfonia, o clarão mais vibrante, a fazer mais belo esse prelúdio da era-nova que desponta.

Senhoras Professoras do Liceu Campograndense: os portões desta Mansão do Saber, deste nobre educandário, em que folgo em ver na direção e como professoras varias antigas alunas minhas, se abriram, alviçareiros, para receber-vos, meninas, no encanto da ignorância da vida, e hoje se descerram novamente para que, já preparadas pelas mãos dos vossos competentes e dedicados mestres, possais partir, apóstolas que se dispersam após a flama sideral do Pentecostes — e levar o Evangelho da Fé e do Bem pelas mais longes plagas. Que DEUS vós acompanhe e faça de cada uma de vós, pela Bondade e pela Inteligência — as únicas forças construtoras — as dignas Professoras novas de que precisa o Mundo novo!





MARCHA PARA OESTE

Ao presidente
Getúlio Vargas

D. Aquino Corrêa
Da Academia Brasileira



A civilização é como o sol brilhante,
Que sae do berço em flôr das rosas do levante,
E vai, sempre para oeste, o zênite atingir:
A marcha para oeste, é marcha para a altura,
E' marcha para o azul, para onde mais fulgura
O progresso a irradiar na glória do porvir.

Bem haja, pois, a voz da República nova,
Concitando a essa marcha, em que assim se renova
A avançada genial das velhas gerações,
Que recuaram a linha ideal de Tordesilhas,
Anexando ao Brasil todas as maravilhas
Do el-dorado, que são nossos verdes sertões.

Foi essa a marcha audaz das épicas bandeiras,
Que o nosso ínvio ocidente entraram, por primeiras,
E mostraram ao mundo, em fantástica luz,
As lendarias regiões, onde brotam os rios,
E erram em solo de ouro os tapuias bravios,
Num sonho de esmeralda e diamantes a flux!





Foi a marcha triunfal dos grandes diplomatas,
Capitães-Generais, que em nossas rudes matas,
Brilham inda mais, que em côrtes do ultramar;
E firmaram a posse e o poderio ingente
De el-rei de Portugal nestas zonas do poente,
Que em vão lhe quis a nobre Espanha disputar.

Foi a marcha tambem dos novéis pioneiros,
A marcha de Rondon e dos seus companheiros,
Devassando a soidão dos broncos penetrais;
Marcha da nossa historia, ela parte do oceano
Para a interlandia imensa, o novo eden arcano,
Em que Deus requintou os seus dons aos mortais.

E tú, ó minha terra! ó meu sertão de oeste!
Tú que inda és um botão de flôr mimosa e agreste,
Hás de ser conhecida, hás de crescer e abrir!
Hespéria do Brasil! Jardim dos pomos de ouro!
Serás da nossa Pátria o mais rico tesouro,
A fama a escurecer de Golconda e de Ofir!



DO "POEMA DA SERRA"

JOSÉ DE MESQUITA

I

O MONJOLO

Na doçura da noite enluarada e fria,
do monjolo de piúva ouço a voz incessante.
Durmo e acordo e ei-lo, a fio, em seu lidar constante,
a pilar milho ou arroz, no afan de noite-e-dia.

Desfere a "virgem" no "eixo" o grito lancinante.
Bate a "mão" no "pilão". No "inferno" a agua desfia.
Nada a "bica" detem, no esforço em que porfia,
a encher e a esvasiar o "cocho" a cada instante.

Simboliza o labor que não descontinúa,
a constancia, no seu isócrono traquejo,
a firmeza que luta e nunca se extenua,

e, acima disso tudo, esse desprendimento
de quem põe no trabalho o prazer e o desejo,
e em premio vil jamais coloca o seu intento.

II

O SIRIRI

Festa de Santa Cruz na "vila" da Chapada.
A saleta da juiza apinha-se de gente.
Começa o "siriri", na cadência dolente
e brejeira, que faz afluir a rapaziada.

Desfere o "tamboril" a voz grave e pausada.
Os "pratos" e o "ganzá" se alternam docemente.
Rompe a "guerra de mina", e aos poucos, todo o ambiente
vibra, em lindas canções de rústica toada.

Corre o café. Servem cigarros, de hora em hora.
No alegre sapateio, as velhas e as meninas
folgam juntas, gozando o "tempo que vai embora..."

E no "vilão-do-lenço" o pessoal se apura,
corre-corre, a pular em guinadas ligeiras,
na confusão da sala estreita e meia escura...

III

FLÔR DA SERRA

Na mata do Uatimá, avisto, com surpresa,
extranha parasita, em velho tronco adusto.
Atráe-me sua meiga e rústica beleza.
Debruço-me ao cavalo e colho-a quasi a custo.

E' um retalho de céu, um astro de turqueza,
uma falena iriada, um rostinho venusto,
ilusão de poeta, ideal da natureza...
Beijo-a. Aspiro-a. E ao guardá-la, eis que, num grande
[susto,

um ramo traiçoeiro a arrebatá já morta...
Flôr azul, minha flôr linda e desconhecida,
efêmera visão que em sêda se recorta,

ficarás para mim como a grata lembrança
de tudo o que se vê uma só vez na vida,
de tudo o que se perde e nunca mais se alcança!

"TOPE DE FITA"

Da serra da Bocaina a rude escharpa agreste
galgamos, da alimária aos passos vagarosos.
Ora em meia penumbra, ora ao fulgor celeste,
coleia a augusta via, entre calhaus fragosos.

De um lado, o paredão, que a hera macia veste,
e, de outro, o abismo e os panoramas grandiosos.
Já no "Tópe-de-fita", o último esforço investe
por ganhar do altiplano os chapadões formosos.

É a arrancada maior, a mais árdua, a mais dura.
Assim, na vida, quando, a ascensão já vencida,
julgamos ter logrado a calma da planura,

surge-nos muita vez, numa última escalada,
novo aclave a vencer, mais ingreme subida,
para o alto atingir da Perfeição sonhada!

A ALMA E A PAISAGEM

A nossa alma reflete os aspectos do ambiente que nos cerca e, por isso, ha estreita afinidade entre a vida interior — que é a única realidade — e a paisagem que nos envolve habitualmente.

Aí está por que eu revejo, ai! sempre com saudade o doce panorama encantado e envolvente desta Serra, onde a luz é um filtro enlanguesciente e o ar tem a sedução macia da bondade.

Funde-se no meu ser, numa estranha harmonia, esta crepuscular e outoniça poesia da paisagem serrana, em seu dulçor tristonho.

E sinto dentro em mim desenrolar-se, mudo, esse céu que nos faz, olvidados de tudo, imergir noutro céu infinito do sonho ...

VI

AS DUAS BORBOLETAS

Quando, em Maio, subi a Serra da Bocaina,
numa tarde de anil, sob um céu leve e brando,
linda falena azul, leve floco de paina,
largo trato de tempo eu vi me acompanhando.

Volto à Serra, em Novembro. Éolo, na aspera faina,
passa e, sob o céu gris, que os nimbos vão toldando,
vejo em roda de mim, à hora em que o vento amaina,
uma falena côr de cinza voltijando ...

A borboleta azul que em Maio me seguia
é a ilusão juvenil dos sonhos vintaneiros,
feita de extase e amor, de arroubo e de poesia.

E essa falena escura, a vôar entre nevoeiros,
é o rude desencanto, a agra melancolia,
que nos enche de tédio os anos derradeiros.

VII

AZUL DA SERRA

À proporção que a Serra se aproxima,
esse azul que de claro, leve e puro,
parece não haver tinta que o exprima,
vai tomando outro tom diverso e escuro.

Tons da vegetação verde que a encima
e do arenito avermelhado e duro,
e só quando descemos se reanima
do mesmo leve azul o imenso muro.

Assim, na vida, os sonhos bons que temos
— amor, beleza, glória, mocidade —
parecem-nos azues, nos céus extremos.

desse azul do desejo e da ansiedade...

E, depois de os perder, nós ainda os vemos

• azues... côr da distância e da saudade!

EXCELSA HARMONIA

LAMARTINE F. MENDES

Ao vento calmo, que desliza rindo,
o ambiente flue, cantando como um trilo
de ave, janela em fóra: e por seguí-lo,
o mundo se transforma em salmo lindo.

O firmamento canta: e por ouvi-lo
a terra é poema em cânticos se abrindo:
canções de nuvens no ar estão florindô,
hinos de aromas, no jardim tranquilo.

E as açucenas cantam: e por vê-las
assim cantando, cantam à porfia
as borboletas de ouro das estrêlas...

Estrêlas? Mas em pompa naufragando,
o sol deslumbra: pleno meio-dia
e eu sonho: minha musa está cantando...



A UM BAJULADOR

LAMARTINE F. MENDES

Desfeito em louvaminhas e chalaças,
aos figurões do mundo te descobres:
poderoso não vês sem que te dobres,
pequeno a que não dobres de ameaças.

Sonhas em vão te aproximar dos nobres,
com manhas, com zumbaias e negaças:
néscio! a virtude é a maior das graças,
com que sói Deus brindar ricos e pobres.

Tisnada a alma do pó em que te arrastas,
grandes te representam criaturas
enormes só nas aparências vastas.

Ergue os olhos ao céu, olha as estrêlas
se te não tolhe o mal das curvaturas
e verás que te enganas: basta vê-las.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

MINHA VIDA FELIZ

De Pedro Calvo

(Tradução de CESARIO PRADO)

Quanta gente ha que diz que a ventura é um mito;
Para mim o viver não pode ser melhor:
Amei a Arte e deu-me o pouco que hei escrito,
Em vez da gloria vã, a amizade e o amor.

Na calma do meu lar, leio muito e medito,
Interrogando tudo, o astro, o inseto e a flor,
E a alma unvida da paz imensa do Infinito,
Cristaliza em bondade a tristeza e a dor.

Tenho a marcha traçada e a linha definida:
Serenos a trabalhar, sinto que minha vida,
Qual um nobre poema, a depurar-se vai.

(Nisto entra meu filho) E de mim se aproxima,
Presentindo quiçá que me falta uma rima,
Salta-me ao colo e grita: Eu te amo, Papai!



FOLC-LORE MATOGROSSENSE

ULISSES CUIABANO

I — FOLCLORE

O vocábulo folclore, do inglês arcaico *folk*-povo e *lore*-ciência, designa o ramo dos conhecimentos humanos que trata das tradições, lendas, mitos, provérbios, cantos e contos gerados por entre as massas populares, sem nenhuma preocupação literária e transmitidos oralmente de geração em geração, ao redor das fogueiras crepitantes dos acampamentos ou no recêso plácido dos lares primitivos.

Entre os nossos indígenas essa prática da passagem verbal de fatos concernentes à vida da tribo ainda está em pleno vigor. Uma das maiores hordas de selvícolas que atualmente palmilham o nosso imenso *hinterland*, os "orarimugudogue", já têm as suas lendas e os seus mitos fielmente registrados por um missionário salesiano, o P. Antonio Colbacchini, na monumental obra denominada I BOROROS ORIENTALI.

O folclore, porém, não é privilégio somente de povos em embrionário estado de civilização. Todos os grupos étnicos dis-

seminados pela superfície do globo terrestre possuem o seu acervo de tradições orais.

O folclore, como ciência, é um auxiliar poderoso da História, fornecendo-lhe elementos seguros sobre as condições espirituais de um povo, em dado momento, e descobrindo o padrão para o reconhecimento da identidade de usos, preconceitos e paixões de gentes de origens aparentemente diversas mas ligadas por laços que sómente o estudo folclorista poderia desvendar.

Na literatura clássica vamos encontrar Ovídio, nas suas METAMORFOSES, registrando os mitos gregos e latinos. Aliás, como disse Macy, esta portentosa obra tem sido uma fonte inesgotável de temas para os escritores de todos os quadrantes da terra. Mas o estudo sistematizado do folclore apareceu, na Inglaterra, com Macpherson, seguindo-se Percy e Walter Scott. Alastrou-se posteriormente por toda a Europa e finalmente por todo o mundo. No Brasil os mais autorizados folcloristas foram, entre os mortos, Silvio Romero, João Fibeiro, Melo Moraes, Maria do Carmo Melo Rego, Couto de Magalhães, José Veríssimo, José de Alencar, Gonçalves Dias, Visconde de Taunay, e muitos outros. Feliciano Galvão poderia muito bem figurar em semelhante lista, pois foi um apaixonado pelo estudo do folclore matogrossense.

Ainda agora um grupo destacado de belettristas continúa a seguir a obra paciente dos nossos maiores, investigando, perscrutando, avaliando e comparando os motivos populares, afim de deduzir as conclusões exigidas pelo rigor científico. De passagem podemos citar Monteiro Lobato, Cornélio Pires, Viriato Corrêa, Gastão Penalva, José Lins do Rego, Catulo Cearense, Pereira da Costa, Gustavo Barroso, Leonardo Mota, João de Minas, Requete Pinto, e muitos outros espíritos brilhantes da nessa intelectualidade.

Aqui, no longínquo oeste, rebuscando por entre as camadas populares, urbanas e rurais, ribeirinhas ou dos cerradões, as obras obscuras dos nossos anônimos caipiras, se agigantam, com amor pelas nessas ceusas regionalistas, J. Bonifácio de Albuquerque, José de Mesquita, Arnaldo Serra, D. Aquino Corrêa, Lamar-tine e Francisco Mendes, Deocleciano Martins, Gabriel de Arruda, Luiz Feitosa e outros. E por entre garimpeiros e pescadores, poaieiros e caçadores, vaqueiros, seringueiros e tripulantes de igarités, vão pesquisar temas interessantes, que fotografam em versos melodiosos ou em prosa sem jaça, e assim vão construindo a trama original de cantos e de contos, de sabor tropical e palpí-tantes emoções.

II — NEGRINHO D'AGUA

(Do folclore Rio-Abaixano)

Era no tenebroso tempo das rixas entre as uzinas do L e A., cujos proprietários se arrogavam em *leaders*, no Rio Abaixo, das duas correntes políticas que se degladiavam em torno dos cofres públicos de Mato Grosso.

Justamente na época em que se dá o estranho acontecimento, que resultára na loucura do Joveniano, jovem "capanga" de D.^o M. do A., as questões entre os dois notáveis estabelecimentos industriais haviam chegado a tal extremo que uma luta fratricida era esperada a qualquer momento. Feita a mobilização geral para a briga, as uzinas adversárias pareciam verdadeiras praças de guerra. Durante o dia organizavam-se as tropas, que se adestravam à moda local, e se dispunham de todos os meios ao alcance para o êxito de cada bando. Armas e munições eram arrecadadas por todos os jeitos e o recrutamento de adeptos era um fato. Durante a noite fôra estabelecido um rigoroso serviço de vigiância, que previniria qualquer surpresa.

Nessa noite trevosa de junho a usina do A. estava mergulhada em sombrio silêncio, apenas interrompido, de quando em quando, pelo brado de alerta das sentineias.

No porto, bem junto à descida da escada que serve de trapiche às lanchas, estava postado, como ataláia, o Joveniano, rapazola dos seus 18 anos, corajoso e atrevido, e que iniciára a sua vida de capanga eliminando, a faca, um embarcação, em rixa singular. Por êsse feito heróico, pois a vítima era, além de um rapaz robusto, capoeira de fama, o jovem estreante do crime fôra promovido a guarda-noturno da usina, recebendo, com as precisas recomendações, a garrucha de dois canos, de carregar pela boca, e o sabre *combain*, insígnias dos belenguins uzineiros.

Meia noite. Havia passado a ronda e o silêncio era profundo. Fazia um friozinho de bater queixo.

O poético rio Cuiabá corria preguiçosamente por entre as suas baixas margens, onde canaviais intérminos ostentavam suas fléxas empenachadas.

O Joveniano, sempre atento, pois era caboclinho de rija têmpera, sentiu o seu coração pulsar desordenadamente, e instintivamente desembainhou o longo facão. Era que mesmo no topo da escada estava de pé, de braços cruzados, um vulto negro, de pequena estatura e olhos incendiados.

— Quem vem lá? regougou a sentinela, cuja voz saiu em surdina, tal a comoção da qual se via preso, ao deparar-se com um ente que, sem dúvida alguma, havia surgido do seio misterioso das águas.

— “Steje quieto, rapaz. Quero apenas o seu chapéu, pois o meu já tá munto véio; dá cá o manguêra, que já tô de ida”.

Joveniano teve uma sensação de alívio. Tratava-se, provavelmente, de um caibra qualquer, talvez embriagado, que atrevidamente vinha procurar briga. Talvez alguém do I...

— “Dá cá o chapéu, e depressa, que tenho mais que fazê” disse asperamente o intruso, avançando para o guarda.

— “Tome!”, replicou o Joveniano, aplicando uma bem forte lambada de sabre ao seu audacioso agressor.

Mas o caso foi que o robusto capanga de D.^a M., agarrado subitamente por mãos poderosas, achou-se inteiramente subjugado, depois de ser atirado ao sólo com incrível violência.

O Negrinho d'Água, pois outro não era o musculoso adversário, arrebatou rapidamente o chapéu novo do Joveniano, cuspinhou nas ventas do rival vencido, e muito calmamente tomou o rumo da escada, lançando-se ao rio, onde mergulhou-se acintosamente.

Aos gritos pavorosos do caboclo acorreram ao local onde êle se encontrava caído, ainda aturdido pelo violento choque, os seus camaradas de cangaço, que verificaram, com geral espanto, o fato estranho de estar tomado de completa insensatez o valente e destemeroso Joveniano.

Hoje, encarcerado numa das masmorras tenebrosas da famigerada uzina, está o pobre capanga, já alquebrado e prematuramente envelhecido, a chamar, num desvairado linguajar, pelo caboclinho d'água, ora suplicando humildemente a devolução do seu precioso chapéu de abas largas, ora ameaçando de tomar a força o cubiçado objeto, lutando desesperadamente para escapar-se da prisão e lançar-se ao rio, no fundo do qual habita o terrível e invejoso ente sobrenatural.

Muito caibra sarado, no A., não se arrisca aproximar-se, sozinho, em noite véilha, da escada do porto, temendo a sorte do Joveniano.

E' que o Negrinho d'Água não respeita muque...

III — CHACORORÉ

Mimoso !

Se se fosse possível identificar a localidade onde, ao tempo do Pai Adão, o Padre Eterno construira, com as próprias mãos, o Eden terrestre, creio que acertaria quem afirmasse ser o Mimoso, o berço natal do General Rondon, o outr'ora Paraíso, que a serpente pôs a perder por causa de uma simples maçã.

Beleza, amenidade, fartura, deleite, eis os predicados que se podem aplicar ao trato de terras privilegiadas que se estendem às margens da maravilhosa lagôa de Chacororé.

Campos razos, cobertos de admiráveis pastagens, onde predomina a gramínea que impôs o seu proprio nome às paragens edénicas do Mimoso, desdobram-se, a perder de vista, manchados, aquí e alí, por bosques de elegantes buritis e capões ferteis de essências vegetais.

Nestes sítios opulentos pastam milhares de rezes bovinas e equinas, em promiscuidade com manadas de veados brancos e emas de grande porte.

A beira da lagôa nuvens de pássaros aquáticos, de matizes e tamanhos variados, cruzam os ares em revoadas ou pousam serenamente sôbre os camalotes, a cata da farta subsistência, que é sobejamente encontrada na abundante fauna ictiológica daquel-
la massa de agua doce.

Na orla do vasto campo esmeraldino, brancas e isoladas, as pitorescas casinhas mimoseanas formam como que um semi-círculo, dominando as bordas da grande área paradisíaca. Constituem-se essas habitações rurais o povoado do Mimoso, cujos habitantes masculinos, destros cavaleiros e habéis laçadores, meteriam num chinelo, se comparados, os mais afamados cow-boys do Far West americano.

— “E' muito linda a lagôa”, disse eu ao Euzébio, rapaz típico do Mimoso, aparentando descender, em linha quasi réta, de bugres outr'ora alí radicados.

— “E' nhór sim, seu moço, mas tem um grande defeito...”

— “?”

— “E' encantada”.

— “Acaso a mãi d'agua?...”

— “Nhór não; é que mora bastante moradô no fundão da baía. Inté êles tem criação...”

— “Conta-me lá isso”, pedi ao Euzébio, e êste narrou-me o caso seguinte:

Noite clara de lua quasi cheia, Euzébio, bem montado, laço à garupa, regressava do Tamandaré, onde fôra a negócios. Nesse

momento, meia noite, atravessava o extenso largo, já antegosando as delícias da sua rede cuiibana. Ao passar por perto de um barreiro, no sopé de uma mouta de carandá-í, ouviu muito distintamente os gritos de alguém que tocava uma rez. O generoso mimoseano bumbeou a rédea e o pangaré, acostumado aos trabalhos pastorís, foi-se aproximando do local onde um vaqueiro lutava para encaminhar um garrote, que, laçado, arranchára-se perto de um cupim-guassú, não dando mostras de querer obedecer aos brados do boiadeiro. Euzébio, tendo balbuciado o competente "Bas noite", que não foi correspondido, desenrolou o laço do couro crú no intuito, para todo o mimoseano louvavel, de ajudar o patricio, embóra não o reconhecesse ao clarão da lua. E laçou a rez, que, sob dois jugos, agora sómente teve de acompanhar o esquesito campeador noturno. Este fez a guia e o grupo se encaminhou, não sem que isso causasse extranheza ao Euzébio, rumo ao inenso lago, nesse momento silencioso e tranquilo. E cada vez mais se aproximando da vasta planície líquida, Euzébio notou, com quasi terror pánico, que cavalo, cavaleiro e garrote, em desabrida carreira, foram se metendo lagôa a dentro, desaparecendo-se no misterioso seio das aguas amareladas da Chacororé. Momentos de angústia para o mimoseano, que tudo compreendêra. Estava auxiliando um habitante da lagôa encantada! Puchar pela afiada carniceira, cortar o laço e disparar para trás, foi obra de alguns segundos, e o vigoroso descendente da outr'ora gente bravía que se amalocava nas margens da Chacororé chegou ofegante à sua pitoresca casinha, onde sua velha mãe, depois que ouviu do filho a trágica narração, o apostrofou:

— "Bem feito! isto é para ocê me oví. Já não le disse que não navegasse de noute pela beirada da baía?"

IV — GOMBÊ

Nas cercanias de Poconé, a linda cidade pantaneira, existiu outr'ora, no tempo das brilhantes cavahadas, um guapo mancebo, que era o terror dos "mouros" no arrebatamento das argolinhas. Chamava-se Leonel o altivo centauro. Era, de fáto um seguro "peão", mas possuía uma qualidade, aliás muito rara naqueles austéros tempos: era um inveterado "queima campo".

Conheci-o já velhusco, alquebrado, porém sempre disposto para pregar uma tóra. E que tóra...

— Conte-nos um caso dos seus, *seu* Leonel.

E ele, sem se fazer de rogado, logo principiava:

— "Uma vez,"... e ia desfiando um rosário de casos, cada qual mais gosado.

De uma feita fomos, eu e o Pancrácio, filar uma chícara de café em casa do incorrigível contador de lorotas. Enquanto esperavamos passar o pó pelo coador, saiu-se o Leonel com esta pilhéria:

— Este bule foi comprado por minha viúva, logo depois da minha morte...

— O senhor, então, já morreu alguma vez?...

— Pois não sabiam? Já faz um tempão. Talvez *seu* Pancrácio ainda não era nascido. Quantos anos tem mesmo você, *seu* Pancrácio?

— Posso lhe garantir que já fiz trinta e seis..., respondeu o eirado caudico, um impenitente solteirão.

— Pois foi mesmo antes de você vir para o mundo. Nessa época eu possuía um cavalo de nome Gombê. Era um animal perfeito; apenas tinha as pernas dianteiras — cambaias, mas as trazeiras eram juntouras, de sorte que um defeito anulava o outro. Também era caôlho, mas quem olhava de banda não dava pela causa. Mas não havia cavalo para correr como Gombê. Depois que ganhei um dinheirão em corridas, não achei mais um "pato", todos já conheciam a força do meu "quatro pés". Um dia saí campo fóra, olhando o gado. Ia montado no baio malacara, que era a côr do animal. Varando a lagôa do Faval, naquele largo onde hoje fica a olaria do Chiquinho Cearense, estava parado um veado branco. Eu quiz experimentar as pernas do cavalo. O "Dogue" que me acompanhava, viu também o campeiro e sobre o mesmo se lançou velozmente. Eu ainda encostei num landi e cortei um virotê. Era com aquela varinha que eu queria sapear as ancas do chifrudinho. E soltei as rédeas do Gombê. Instantes após já eu ia colhendo o veado na "iapa" e o cachorrinho também, de sorte que o bicheco, vendo-se apanhado, começou a pular e a berrar. E quando armei o galho do landizeiro para começar a surra, deu-se a catástrofe. O cachorro embraçou-se nas gambias do Gombê, este tropicou no veado e todos nós fomos ver o barro de perto. Que rodada!

.....

Acordei-me como de um pesado sôno. Olhei vagarosamente em tôrno de mim, e o que eu vi arrepiou-me a espinha. Santo Deus! exclamei, "será possível?" Junto a mim estava uma ossadzinha, branca e muito limpa. O pescoço ainda trazia uma coileira, muito minha conhecida. Era do "Dogue"... Logo adiante um esqueleto maiorzinho brilhava ao sol nascente. Conheci o

veado pelos chifres. E ao redor de mim, espalhados, estavam os ossos de um cavalo.

Recompús a carcassa, e uma lágrima furtiva veio-me ao canto dos olhos. Era, sem dúvida alguma, a do Gombê, com os ossos das pernas dianteiras tortos para dentro e os das pernas trazeiras embodocados, com a abertura para fóra. Que tristeza... Saí tonto, a caminho de casa e então reparei que um "potossim" de urubús, certamente os comedores do Gombê, do Dogue e do infeliz veado, me acompanhava, com esse passo malandro de negro vestido de fraque... Apanhei o virote, que, embora já sêco, estava ali à mão, e dei uma "rabanada" sobre o fúnebre acompanhamento de corvos, que se dispersou, grasnando, por todos os lados. Os ladrões, como é sabido, não comem bicho vivo, e esperavam seguramente eu morrer, para servir-lhes de sobremesa. Alguns até lambiam os bicos, antegosando o sabôr da minha paquéra.

.....

Quando fui chegando ao sítio, pálido e magro, barbudo e trôpego, o meu povo pôs-se a bradar por socorro. Parecia que estava veado um defunto fugido da cova. E foi aquela disparada mata a dentro: mulher, sete filhos, dois camaradas, afóra uns cinco ou seis aderentes. Entrei, encabulado, na cozinha e encontrei este bule, que eu não conhecia ainda, cheiozinho de café, aliás bem quente. E quando me confortava com o precioso líquido, a minha mulher regressou, sarapantada, do bamburrão, afim de se certificar do ocorrido. Sómente, então, reparei que ela estava de luto.

— "Quem foi que lhe morreu, para estar assim vestida?", perguntei-lhe.

— Pois você, tendo desaparecido e o Ernesto, o moleque campeador, tendo participado que havia encontrado quatro corpos na varzea do Faval, sendo um de gente, e todos sendo comidos pelos urubús, ví logo que você tinha morrido...

— E porque não cuidou do meu enterro?

— Estava fedendo muito e ninguém queria ir fazer o serviço, nem sendo pago...

— Quantos dias fazem que eu saí de casa, então?

— Pois já tem dois meses!..

Eu e Pancrácio, tendo saboreado o cafézinho, saímos satisfeitos com o caso e prometemos ao Leonel voltar qualquer dia, para ouvirmos outra história.



A Imprensa

em Mato-Grosso

Estevão de Mendença

Virgilio Corrêa Filho, sempre sóbrio nos conceitos, referindo-se ao Marquez de S. Vicente (José Antonio Pimenta Bueno), teve pelo "Jornal do Comercio" estas palavras fieis ao sentir da nossa gente:

Do breve, mas operoso período presidencial, em que permaneceu à testa da administração matogrossense, não trouxe o futuro Marquez de S. Vicente apenas os louvores do povo, que lhe aplaudira o governo judicioso, como também o acréscimo do lar, onde aflorou Francisco Antonio Pimenta Bueno.

Nomeado presidente por C. I. de 5 de Novembro de 1835, e empossado a 26 de Agosto do ano imediato, por sua iniciativa veio a lume o primeiro jornal que circulou em Mato Grosso. O seu relatório de 1837 já lhe prestava ocasião de dizer à Assembléia Provincial:

«As instituições políticas, assim como as demais coisas, têm atributos e dependências que são essenciais à sua natureza. O sistema administrativo, que nos rege, exige a publicidade dos atos das autoridades, que também dela dependem muitas vezes, para que bem possam corresponder a seus fins. Tal é uma das condições que as leis demandam; é justo, é mesmo indispensável fazê-las conhecidas, quanto possível, aliás a pena imposta pela sua inobservância será repetidas vezes verdadeira tirania.

E porque o interesse comum seja o fim desse sistema, justo é vulgarizar também o conhecimento de todos os melhoramentos que as circunstâncias da província possam adotar para que dess'arte sirva-se ao mesmo interesse.

Assim é que a não existência de uma só tipografia nesta província, resolveu-me a fazer agitar subscrição pelos diferentes municípios para compra e estabelecimento de uma, que se destine só e unicamente àqueles fins e cuja propriedade fique a esta Assembléa Legislativa.

O produto das subscrições se não excede já de 3:000\$000, eleva-se pelo menos a essa quantia, metade do qual está arrecadada; trato de fazê-la vir, e estabelecida que seja teremos removida a dificuldade, em que por esse lado laboramos. Seria justo que o cofre das rendas provinciais concorresse com alguma quantia para um estabelecimento tão útil ao público serviço e aos trabalhos desta Assembléa».

Tarefa de mais vulto, porém, lhe fôra confiada pela Regência. De parelha enérgico e conciliador, o dr. Pimenta Bueno pôs feliz termo ao caudilhismo campeante na província, restabelecendo a tranquilidade pública em menos de dois anos de governo. Assim, cumprida essa alta missão, em Maio de 1838 transferia a administração ao substituto legal.

Decidido a tornar vitorioso o seu propósito, no tocante ao projetado veículo de publicidade, tornava

ainda ao mesmo tema, perante a Assembléa Provincial, pouco antes de deixar a presidência. E' uma vontade que se espelha neste seu relato breve.

»O total arrecadado da subscrição que o governo fez agitar para a compra da Tipografia, elevou-se a 2:948\$868; ela já se acha comprada, e segundo sou informado, é bôa e sortida; a sua importância, incluindo papel e tinta de que vem acompanhada, foi de 1:178\$840. O negociante João Francisco da Rocha, por contrato reduzido a escrito, obrigou-se a conduzi-la da Côrte para esta cidade».

Virgilio se repete — sic vos non nobis, Foi no período governamental do dr. Estevão Ribeiro de Rezende, a 14 de Agosto de 1839, que pela primeira vez circulou um jornal impresso em Mato Grosso. «Themis Matto-Grossense» era o título, semanário de duas colunas largas por pagina, de 0,31x0,21 cada uma.

Seguiram-se outros, de espaço a espaço — «Cuiabano Oficial», «O Cuiabano», «Gazeta Cuiabana», «O Echo Cuiabano», «A Imprensa de Cuiabá», «A Matraca», «O Popular» e «Independência», até 1870. Após a terminação da guerra do Paraguai a imprensa local se fez de preferência partidária, feição que veio aos nossos dias.

Falharam em Cuiabá as poucas tentativas para manutenção de uma folha diária, e nesse particular se distanciaram as cidades de Campo Grande, com o «Jornal do Comercio», e Corumbá com «A Tribuna». O «Diário Oficial», órgão do governo como indica o título, remodelado recentemente sob orientação capaz, bem corresponde aos moldes de um jornal moderno.

E honra sem dúvida à cultura da capital do Estado

Cuiabá — Agosto de 1939.

A EFEMÉRIDE MÁXIMA DE NOSSA URBS GLORIOSA

ISAC POVOAS

PASSA-SE HOJE a data faustosa em que se comemora a fundação de Cuiabá, nossa cidade bem amada.

E' a efeméride máxima da nossa urbs gloriosa, efeméride que quanto mais se repete na marcha incessante do tempo, mais nos enche de justa admiração pelo feito memorável que ela nos relembra.

Deve-se a Antônio Pires de Campos, o arrojado cometimento que foi a fundação da nossa cidade. Foi o seu feito épico, fazendo subir a sua valorosa Bandeira o rio Cuiabá, chegando até S. Gonçalo Velho, que determinou no ano seguinte o avanço de Pascoal Moreira Cabral pelo Coxipó acima até as paragens longinhas da "Foiquilha", onde foram lançadas as bases da fundação da cidade que mais tarde deveria crescer e prosperar sob a invocação de Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

Os trabalhos inauditos, as tormentas sem nome por que tiveram de passar aqueles intemeratos devassadores de sertões até realizarem o feito memorável que a data de hoje nos lembra, eram bem um prenuncio das tormentas e dos trabalhos que mais tarde deveriam enfrentar os filhos da altiva e bela cidade plantada no coração da America do Sul para processarem a sua marcha ascencional para os seus gloriosos destinos.

Não importa, porém, que haja trazido a nossa cidade, desde o berço, esse estigma de lutas, de dissabores e de sofrimentos que mais tarde haveria de ser exigido dos seus filhos.

Quis o Destino, por um capricho que até se nos afigura razoavel, que fossemos dignos do precioso legado que nos veio às mãos à custa dos mais duros sacrifícios; que fossemos dotados da mesma força de vontade inquebrantavel — características marcantes daquela raça forte de que proviemos, encontrando sempre nas dificuldades mais insuperaveis um incentivo para vencer.

Não importa que cidades outras muitissimo mais novas que a nossa legendária Cuiabá, tenham tido maiores surtos de progresso em mais curto lapso de tempo. Esse fato não nos desdoura, não importa para nós em uma diminuição.

O pouco que somos e que temos devemos exclusivamente a nós, aos nossos esforços, à nossa tenacidade, ao nosso heroismo.

Esse pouco foi conquista vagarosa, obtida em dilatado espaço de tempo, mas, digamos alto e bom som — é uma conquista sólida e indestrutivel.

Revezes inúmeros, golpes profundissimos capazes de determinar o seu aniquilamento completo, tem sofrido a altiva cidade, que a despeito de tudo vai marchando sobranceira, certa de que dentro em breve, mostrará a sua grandora e o seu esplendor, esplendor e grandeza que são capazes de lhe dar os seus filhos que ainda conservam a mesma fibra, o mesmo valor, o mesmo denodo dos heroicos bandeirantes de que provieram.



Cultura Matogrossense

(Excerto das Respostas às Teses propostas pelo Ministério da Educação e Saúde Pública ao Govêrno de Mato Grosso.)

Francisco Ferreira Mendes

Acadêmico, Diretor Geral de Instrução Pública

A exiguidade do tempo não nos permite um estudo sucinto sôbre o desenvolvimento cultural do país, de conformidade com os itens estabelecidos, pelo Ministério da Educação e Saúde. Assim, falaremos rapidamente sôbre a produção científica, literária e artística no país, tendo a mente voltada mais para as realizações matogrossenses cujo índice cultural é um atestado insofismavel do valor e da tenacidade do nosso povo. Sim, porque, ninguém desconhece as dificuldades de toda a ordem que impedem o desenvolvimento do Estado. Dentre todas essas dificuldades, nenhuma se apresenta com características mais especiais, requerendo estudos meticolosos e corôentes, como a resolução do problema vital matogrossense — vias de comunicação, Quando nos referimos ao problema de comunicação temos :

as vistas voltadas para a Capital do Estado, situada no coração da America do Sul, centro para onde convergem todos os assuntos que se relacionam com a grande árvore administrativa, o Govêrno do Estado, e de onde dimanam todas as medidas referentes à solução dos magnos problemas que interessam diretamente a vida da entidade -- o Estado, base neste caso para se tratar de quaisquer assuntos que se relacionam com o seu progresso material, moral e intelectual.

Mato-Grosso, com 1 477.041 quilômetros quadrados, é, na sua configuração geográfica, o retrato do Brasil e da própria America do Sul, e, o esforço hercúleo de seus filhos, com as suas gigantescas realizações de trabalho, sintetisa também o retrato moral da Pátria, porque a sua história está repleta de lances que glorificam o homem; os feitos do seu passado, dignificam e orgulham, e constituem exemplos sublimes da fé que enaltece a nossa nacionalidade; as suas tradições elevam a alma brasileira porque toda ela revive a fama da nossa soberania, toda ela se assinala pelas epopéias grandiosas de desagravo dos brios nacionais, entretecidos dos mais edificantes exemplos de filantropia.

Em Mato-Grosso, tudo espelha a grandesa do Brasil. Os seus sertões portentosos, os seus pantanais infindos, as lombadas das suas serras misteriosas, as grupiaras ricas do seu sólo, os rios caudalosos que deslisam na placidez das suas águas, atravessando em todos os sentidos a sua área gigantesca; a fauna variada e maravilhosa das suas matas e das suas águas; os rebanhos incontáveis que povoam os seus campos ubertosos, a amenidade do seu clima, tudo acena para o mundo a apontar as maravilhas outorgadas por Deus a este grande rincão pátrio onde os seus filhos realizam obras ciclópicas que extasiam e ufanam.

E o homem de Mato-Grosso tem procurado corresponder com trabalho inteligente, com dedicação insuperável à grandeza da terra, enriquecendo-a pela cultura.

de seus filhos, tornando-se digno da grande dádiva de Deus.

Entretanto, estimulando o homem na conquista da terra, a própria natureza com suas magnificências opõe barreiras aos empreendimentos humanos.

Este o motivo porque o progresso matogrossense, não obstante o desenvolvimento cultural dos seus filhos, não logrou atingir o gráu de aperfeiçoamento almejado, em correspondência com os anseios de brasilidade, aspiração mais ardente que domina o coração e o espírito do seu povo. E' verdade insofismavel que a inteligência e a cultura se expandem de acôrdo com o meio: quanto mais adiantado é o centro, maiores as probabilidades de desenvolvimento científico e artístico porque, a prosperidade industrial e comercial é campo de ação onde a inteligência se refaz constantemente com as emulações do trabalho que é fonte irradiadora da vida.

Não proporciona ainda o ambiente regional facilidades para maior expansão das produções literárias do espírito matogrossense. A história científica e literária do Estado, como bem acentúa V. Correia Filho, na sua obra "Mato-Grosso", — «avulta com valor muito maior, em qualidade e quantidade, com a contribuição dos estudiosos, alguns deles notaveis, da sua história e geografia.»

Não empreenderemos neste trabalho um estudo histórico do movimento literário matogrossense que sabemos iniciado logo após a fundação de Cuiabá com as produções de José Barboza de Sá, cronista, espírito combativo, cujos trabalhos de valor são fontes preciosas para os que se dedicam ao estudo do desenvolvimento de Mato Grosso. Constituiria trabalho exaustivo o estudo da literatura matogrossense se nos propuzessemos ao histórico dos seus reais valores, citando nomes aureolados dos mais renomados cultores das letras e das ciencias desde os primórdios da sua vida política até

o advento da obra gigantesca do General Candido Mariano da Silva Rondon, o sertanista intrépido, realizador da maior obra social que revelou ao mundo o valor do povo brasileiro, através das inúmeras produções científicas, conferências e monografias sobre os assuntos antropológicos, etnográficos, zoológicos, botânicos, geológicos, e geográficos, acervo brilhante que enriquece o patrimônio nacional. E a cultura se destaca em todas as faces em que se encare a polimorfa manifestação do gênio e do talento humano, em todos os gêneros da literatura e da arte, com as produções poéticas dos seus vates, eloquência arrebatadora dos seus oradores sacros e profanos, inspirações magníficas de sublimes paisagistas e decoradores de que são atestados eloquentes os painéis hieráticos, que ornamentam os templos religiosos, perpetuando a tradição genial de grandes mestres da arte sutil e delicada do pensamento humano. Mas, a própria história da vida político-social de Mato-Grosso, perpetuada nos arquivos esparsos existentes no Estado e nos elementos proporcionados pelo Arquivo Nacional, evidencia à sociedade as épocas de agitações e lutas internas que profundamente abalaram a sua vida econômico-administrativa em diversos períodos, alguns dos quais marcantes de impressionantes características de natureza psicológica, que encheriam páginas confrangedoras pela completa falha de realizações e empreendimentos que revelem a continuidade das ações humanas na sua manifestação de cultura em nossa terra. Entretanto, o labor matogrossense se acentuava gradativamente incrementando a cultura da mocidade, acompanhando o evoluer da sociedade civilizada, em todos os ramos do saber, como testemunha o seu fasto literário, com a criação de centros culturais destinados ao incentivo das artes e das letras, com o cultivo da inteligência. A 1º de janeiro de 1919, instalava-se solenemente o Instituto Histórico e Geográfico de Mato-Grosso, instituição brilhante que, estimulando os estudos, perpetua com a

publicação da sua Revista, os monumentos históricos do passado, seguindo-se-lhe em 1922 o Centro Matogrossense de Letras, elevado hoje à dignidade de "Academia Matogrossense de Letras", reconhecida de utilidade pública e filiada à Confederação das Academias de Letras do Brasil. Não poderemos esquecer nesta síntese em que falamos da manifestação cultural matogrossense, de um modo geral, de citar com grande ufania as florações literárias da arte intelectual feminina de Mato-Grosso, manifestada através do "Grêmio Literário Julia Lopes", que reuniu no seio das escritoras matogrossenses no seu seio, mantendo a sua publicação periódica que, com as suas congêneres da "Academia" e do "Instituto Histórico", mantém com todo o país o intercâmbio cultural que torna Mato-Grosso conhecido e respeitado pelo valor moral de sua exponencialidade intelectual. Além disso, em outros centros matogrossenses, não pequena tem sido a contribuição literária para o engrandecimento da terra; Corumbá a "cidade branca" refletindo no espelho argentino das águas do Paraguai, inspira os seus filhos nas produções magníficas dos seus poetas; Campo-Grande a "cidade moça" surgindo apenas para a vida, revela a pujança dos seus gênios brilhantes, gênios moços e esperançosos como esperançosa é a terra cuja natureza exuberante parece perpetuar num perene amanhecer a fecundidade impar das campanhas promissoras e infindas dos campos sulinos. Por outro lado, a administração do Estado, estimulando as iniciativas particulares, subvencionando-as, institue a "Biblioteca Pública" do Estado, que desde o ano de 1911, funcionando regularmente, com apreciável aquisição de obras científicas e literárias, proporciona aos estudiosos valioso centro de consultas que muito tem contribuído para o aperfeiçoamento e cultivo da inteligência dos nossos jovens.

Um dos fatos de maior relevo da vida social que de certo modo evidência o valor intelectual matogros-

sense, é sem duvida a obra jornalística que, incontestavelmente, representa maior esforço e revela a mais alta compreensão da cultura de seu povo. O que foi e o que é a imprensa matogrossense, seria historiar um longo passado entremeado de duros revezes e de constrangimentos porque, a imprensa em Mato Grosso, como em todo Brasil, na sua missão a serviço da ciência, das letras, da arte, da religião, da educação e da política, se viu muitas vezes compelida no terreno da polémica esteril, a se transformar em azorrague nas mãos de iconoclastas. para destruir em vez de erigir, abastardar em vez de honrar, aviltar ao envez de enaltecer, tantas obras de benemerência que orgulham e desvanecem. Felizmente, êsse vendaval teve o fim das tempestades, passou para não mais votar. A imprensa matogrossense, renovado hoje com a habilitação dos costumes implantada com o Estado Novo, está na sua missão social de educar, orientar e incrementar o progresso nacional.

Não queremos dizer com isso, que toda a imprensa de Mato Grosso tivesse estado sempre a serviço da política, não, que órgãos houve sempre que culminaram na scára do jornalismo indigena, sobrepassando bem alto ás competições e aos interesses políticos com altivez e dignidade. Afinal, a imprensa do Estado é hoje, desde a oficial ás particulares, elemento propulsor de progresso do Estado, representando o seu papel de guia da coletividade, escriptorio do pensamento intelectual de que depende em grande parte a prosperidade do país. Ao lado deste elemento cultural e orientador da inteligência, o têatro, o cinema e o radio, com o incremento progressivos do Estado em todos os seus aspectos, tem se desenvolvido com inteligente orientação no serviço educativo da infância e juventude matogrossense. Já existem em Cuiabá, Carumbá, Campo Grande, estações emissoras de radio que vêm concorrendo eficazmente para o progresso educativo da sociedade. A da

Capital, embora ainda em experiência, fruto de iniciativa individual, ora sob o patrocínio da Prefeitura da Capital, vem exercendo grande influência no espírito do povo e é, através do seu microfône, que a Diretoria Geral da Instrução Pública transmite seus avisos e propagandas educativas. O papel que o rádio desempenha como colaborador educativo é dos mais preponderantes.

O departamento de Imprensa e propaganda no Rio de Janeiro, iniciou já uma série de conferências educativas, pronunciadas por ilustres educadores patricios, ao microfône dos seus estúdios no Palácio Tiradentes.

Dizer-se sôbre o que representam essas conferências, pelos resultados que proporcionam, a ninguém cabe com maior entusiasmo do que á classe do magistério das longinquas paragens brasileiras, onde com muito custo chegam os écos de renovação social da escola. Por isso é que, com o apoio do benemérito governo estadual contamos poder brevemente dar grande desenvolvimento á instrução pública matogrossense com a utilização sistemática dos aparelhos de rádio, difundindo também, com o maior interesse o cinema educativo e a cultura artística, o têatro infantil nas escolas primárias e incentivando também entre os jovens matogrossenses esta modalidade da arte que constitui uma das mais eficientes obras de cooperação educativa da sociedade.

Por outro lado ainda com o apoio governamental, esperamos lançar á luz da publicidade obras de propaganda educativa com a colaboração dos professores secundários e primários do Estado, como meio de proporcionar aos estudiosos facilidades para o desenvolvimento cultural, artístico, literário e científico, e ao mesmo tempo, estabelecendo o intercambio cultural no país, levar a todo o Brasil a prova cabal da nossa eficiência em matéria de ensino, feita sempre com amor e devotamento á Pátria estremecida.



O OUTRO NIETZSCHE

A. Cesário Neto

Não tem sido pequena ultimamente a preocupação de falar em espontaneidade, em mecanismo, em liberdade, *laisser aller et laisser faire*, e ao mesmo tempo, de cambulho, em Nietzsche, dando a entender que tivesse êste sido a personificação daquelas coisas e daquelas palavras, quando, assim, empregadas sem sentido.

Deixe um escapar a fantasia ou as paixões, o automatismo ou as forças dispersivas do psiquismo, sem inibição nem tomadas de consciência, e aí está um Nietzsche. Ponha-se outro a escrever o que lhe escorre dos bicos da pena, sem esforço e sem reflexão nem estudo, e aí está Nietzsche outra vez.

Não duvido que com tal facilidade e com tais desejo de ser Nietzsche ou de ve-lo em tudo, passe algum bigodudo, de olhos apertados e miopes e um pouco de neurose, a considerar outro Nietzsche em carne e osso. Carne, ossos, bigodes, psicose, miopia de Nietzsche, embora sem o cerebro nem a sensibilidade de quem escreveu a *Guia Ciência*.

E se a coisa entra, assim, a parecer extravagante ou grotesca, porque a trago, em comparação, para o lado material e visível, não se diga que a exagero nem a escarneço. Mostro, apenas, num traço caricatural, o que se passa no dominio intelec-

tual, onde o discernir é menos fácil, e onde, por isso mesmo, o caricatural e o grotesco que há no caso se não deparam à primeira vista, como na imagem que usei.

Se ainda não há quem se ufane de nietzschiano por aqueles traços fisionômicos ou patológicos, será tão somente porque, sem dúvida, ninguém, por ora, se ufana de ter bigode e olhos no fundo, nem de ser míope ou neuropata.

Mas o que é fato é que a mania existe e grande, e, com ela, uma deformação completa do espírito de Nietzsche.

Vivem no ledão equivoco de que o seu amoralismo dele visasse à supressão de propositos e de direções, que a vontade de poder fosse um cego confiar-se na eterna retribuição; e que haja o super-homem, em cada empresário de um grande hotel.

Nem falta quem senhe Nietzsche, porque andeje semifaminto numa grande urbe moderna, porque já viu construir um arranha-céu, ou porque (viva Nietzsche e o carnaval!) já se não preocupa com velharias de moral ou de religião, e, sobretudo porque escreve mal e pensa pior.

Entretanto, a quem já leu alguma coisa do filósofo prussiano, causa devéras espanto que ande hoje em moda atribuir-lhe o apostolado da desordem, da madraçaria e da proletarização intelectual.

E com isso o seu pensamento passa a interpretar-se pelo avêso: ser escravo das paixões e das aparências enganosas do tempo. O super-homem, um boquiaberto diante da industria e das máquinas, quasi um super-crangotango. A aristocracia, essa Beatriz do poeta de Zaratustra, — desmoralizada e desvirtuada em mercantilismo e em domínio das massas e do esporte. O artista (ó o artista!) escravo do automatismo linguístico e apaixonado pelo calão grosso, inimigo do gosto e da arte de escrever.

Nem parece aquele Nietzsche, que vociferava contra os crevêdores sem correção nem esmero e que chamou, indignado, "alemão de porcos", *Schweindeutsch!* — á linguagem incorreta e imprecisa do jornalismo da época.

Já não é aquele mesmo, que recomendava o inibir-se, o seleccionar, e o unificar-se por algum grande proposito; que se lamentava do desleixo e da improvisação no pensar e no escrever e que infava da indiferença dos seus contemporâneos pela composição artistica, dando desta o exemplo êle próprio, ao modelar as páginas mais tersas e vibrantes da prosa alemã.

Como todo esse pseudo-nietzschianismo de hoje está longe daquele Nietzsche que comparava a composição literária á fuitu-

ra de uma estátua esculpida e recomendava que em cada frase sepusesse a arte divina. - *"dass Kunst in jedem guten Satz steckt!"*

E não só no domínio da arte, mas no da ação e da vida, como é que haveria de acreditar que um super homem se plasmasse com automatismo e dispersão, com instintos desordenados, com estados psíquicos de baixa tensão, quem, como êle, penetrou com tanta agudeza, embora com crueldade, o mecanismo de alguns processos psicológicos, em *Humano Muito Humano?*

Que idéa fazem da psicologia êsses moralistas do abulia, êses super-homens da indisciplina, e artistas do inestético?

Não sei nem investigo se fazem bem, se fazem mal, ou se estão, dessa forma, com a verdade moderna nem com a futura. O que não deixo de apontar é que êles não proveem de onde desejam provir: de Nietzsche.

São pintos de outra casca.

Porque, doutrina cruel e severa como meio, utópica e monstruosa como finalidade, a sua filosofia pode servir a tudo, menos a uma porta aberta para o *laissez aller*, para a desordem e para a indisciplina. Muito ao contrário, foi um sonho doloroso que a saudade da vida coloriu de côres trágicas, afirmando morbidamente o predomínio da vontade e da fôrça, e sobretudo o predomínio do humano sobre o mecânico, e da direção sobre a desordem.

Pregou e viveu trágicamente uma luta indefessa contra a inércia e contra o materialismo mecanicista, contra o automatismo e, sobretudo, contra um conceito invertido e invertido da liberdade, a mais negativa e falsa das liberdades: a que se recusa ao esforço e à disciplina, constituindo a pior escravidão.

Não sou em nada nietzschiano. Nunca pude conciliar comigo o seu anacraismo patológico. Não lhe creio no super-homem brutal, menos ainda na sua morbida fobia contra o cristianismo, contra a humildade e a cordura, que êle ingenuamente supunha excessivas no mundo.

Tão somente assinalo aqui o contraste paradoxal e ridículo entre Nietzsche e alguns bufarinheiros de equivocos, que proclamam o nome do filósofo.

São justamente os conceitos medulares da sua doutrina que hoje se utilizam invertidos, com o mais incrível desmentido ao sonho daquele gênio infeliz.

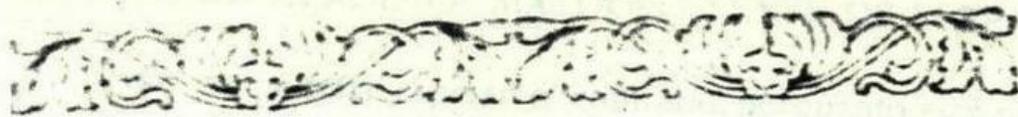
E é por isso, só por isso, que trago à baila o assunto: não para me propor discutir o que há de falso ou perigoso no

seu sistema. Vejo somente que não é ele o que anda agora por aí muitas vezes com ares ou com vontade de o ser, -- Lucrecia Borgia com presunção de passar por aquela sua homônima, a esposa suicida de Farquino Colatino.

O breve reparo que aqui fica não é, pelo conseguinte, de ordem moral ou doutrinária, nem ainda tem visos de crítica filosófica. É puramente lógico, visando ao ilógico e falso que há na modernice incoerente de alguns homens-massa, que usam apadrinhar-se aos conceitos e ao nome do maior inimigo do homem-massa.

Um Nietzsche (hoje são muitos) que nega o esforço, o auto-contrôle, a disciplina do espírito, não é o que escreveu alguns livros como o *Assim falava Zaratustra* e *Além do Bem e do Mal*. Será, quando muito, o outro, isto é, o que não escreveu nenhum deles: que não escreveu, nem pensou.





Língua Portuguesa e não Língua Brasileira!

— Severino de Queiroz

Continuam na imprensa, no livro e nos congressos culturais as críticas à injustificável mudança de nome do idioma nacional.

A inovação, se bem contrária à verdade e à justiça, tem vários advogados entre os brasileiros e já mereceu as honras de u'a lei municipal, como se o legislativo de um município pudesse tratar de assunto de tanta magnitude.

É sabido que a Câmara do vereadores do Distrito Federal aprovou um projeto, que deteminou fosse denominada — *língua brasileira*, nas escolas e nas repartições municipais, a mesma língua portuguesa! Vetada a estranha resolução pelo prefeito Pedro Ernesto, sob a alegação justa de ferir ela "a verdade histórica", a Câmara rejeitou o veto, sendo o projeto convertido em lei.

A não ser alguns professoreses de... português e uns poucos senhores jornalistas, os partidários da troca de nome, após a alvorada redentora de 10 de novembro de 1937, ninguém mais falou nessa resolução municipal, e, em todo o vasto território brasileiro, mesmo na capital federal, a denominação corrente e generalizada é a tradicional — LINGUA PORTUGUESA.

Outros professores do vernáculo idioma, outros filólogos — e as questões referentes às línguas, parece-me, devem ser tratadas por técnicos, quero dizer, por filólogos, por estudiosos dessas mesmas línguas, e não por homens que embora cultos, não se dedicam a estudos linguísticos — outros filólogos vêm tratando do assunto, com o interesse que merece e com o amor de que são capazes.

De — fato, o ilustre prof. Cândido Jucá (filho), em magnífica e exaustiva tese — AS DIFERENCIAÇÕES ENTRE O PORTUGUÊS DE PORTUGAL E O DO BRASIL AUTORIZAM A EXISTÊNCIA DE UM RAMO DIALETAL DO PORTUGUÊS PENINSULAR? — aprovada pelo primeiro Congresso das Academias e Sociedades de Cultura Literária do Brasil, inserta nos Anais desse Congresso — Rio — 1936, e publicada em separada, sob o título — LINGUA NACIONAL, provou à sociedade — não haver, no Brasil, dialeto de caráter geral, não se podendo afirmar se os dialetos regionais continuarão a existir. O mais certo é que venham a desaparecer. Depois de escrever sobre o fato da preponderância linguística dos lusitanos em nosso país, ora em virtude da literatura portuguesa, ora devido à imigração deles nesta nossa terra, — conclue:

— “Inscrevendo, pois, este meu trabalhinho na 2ª Secção, § 3, c do Programa do Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil, sustento que.

AS DIFERENCIAÇÕES ENTRE O PORTUGUÊS DE PORTUGAL E O DO BRASIL NÃO AUTORIZAM A EXISTÊNCIA DE UM RAMO DIALETAL DO PORTUGUÊS PENINSULAR.”

Se não há dialeto geral do português no Brasil, como que poderá haver uia *língua brasileira* diferente da língua portuguesa?

O sr. Jerônimos Gueiros, membro da Academia Pernambucana de Letras, acatado sabedor do vernáculo, também, apresentou ao já citado Congresso encantadora tese, em que provou, com admiráveis e judiciosos argumentos, a sem-razão da troca de nome do belo e rico idioma que usamos e a irrisão do decreto municipal. Da tese do sr. Jerônimos Gueiros, a qual é, como a do sr. Jucá, prova eloquente e consoladora da alta cultura brasileira, tenho a subida honra de transcrever os impressionantes trechos seguintes:

— “A nova denominação que lhe querem dar (refere-se à língua portuguesa) não se justifica, pois, sob nenhum ponto de vista.”

Não se poderia esperar o contrário, porquanto está na consciência de todos que alisamos os bancos escolares e dos livros vamos aprendendo algum tanto, que a linguagem do brasileiro é a mesma do português; que as diferenciações, de fato, existentes entre o nosso falar e o dos portugueses, são diminutas, tanto assim que mal chegam para avantajado capítulo de livro e podem ser explanadas em poucas aulas.

Temos, é verdade, algumas diferenças semânticas, (o que há até no Brasil, de estado para estado), a riqueza dos vocábulos tupi-guaranis (cerca de uns sete mil, segundo o ilustrado professor Silveira Bueno: PÁGINAS FLORIDAS para a 4a. série página 18 - Liv. Acadêmica, S. Paulo) e as que dizem respeito à prosódia, — em Portugal bem rápida; aqui, vagarosa e melódica, especialmente nos estados do Norte e Nordeste.

Afora essas diferenciações, insuficientes à existência de um ramo dialetal do português da Europa em nosso país, a linguagem do homem culto ou medianamente culto do Brasil não difere daquela dos portugueses ilustrados, ou simplesmente alfabetizados.

O mais é parola de quem quer publicidades e não reflete nas desastrosas consequências que poderão advir da confusão já observada nos meios estudantinos e no seio do povo.

Felizmente, não tem faltado combate severo contra essa história de se tomar o idioma, que é também de outro povo, e mudar-lhe o nome histórico e prestigioso.

Entre os combatentes da ilógica mudança, notam-se homens de saber e projeção, escritores, jornalistas, professores e filólogos verdadeiramente ciosos da lógica e amantes da língua de Manuel Bernardes e de Rui Barbosa.

O inolvidável escritor e gramático João Ribeiro, escrevendo o prestante livro — A LINGUA NACIONAL, publicado em 1933, não teve em mira, como parece a alguns dos senhores partidários da *língua brasileira*, a instituição de língua nova, diferente desta nossa luso — brasileira, como se pode ver deste lanço:

— “A — LINGUA NACIONAL — é essencialmente a língua portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada, livre nos seus próprios movimentos.”

“Com esse intuito, e nesse fundamento, foram escritas as páginas do nosso livro que não inculcam *língua nova* (é meu o grifo), mas revelam os matizes, as variações e a originalidade do pensamento americano.”

“Do ponto de vista histórico — é a negação da verdade. Do ponto de vista do patriotismo — é a negação de uma das melhores tradições nacionais. Do ponto de vista político-social é um desacerto calamitoso, cujas consequências já se antecipam nos meindres portugueses que acenderam as iras de um jornalista luso de verbo descomedido. E encarado filologicamente, é um erro que nos injuria no conceito dos povos civilizados.”

A senhora Mariana Coelho, professora pública no estado do Paraná, em tese brilhante aprovada pelo mencionado Congresso e publicada nos Anais; o grande jornalista Costa Rego, no CORREIO DA MANHÃ, e o apreciado mestre e escritor, dr. Carlos Magalhães de Azeredo representante do Brasil na Itália, pelas colunas do JORNAL COMÉRCIO, do Rio, de 28 de maio de 1938, aduziram argumentos seguros e concluíram pelo absurdo da rebatização do idioma português falado no Brasil.

Também o desembargador Carlos Xavier Pais Barreto, da Academia Espiritossantense de Letras e da Comissão Executiva do 2º Congresso das Academias, em sua tese—A GRAFIA PORTUGUESA, publicada nos Anais desse 2º Congresso (1939), repele a troca de nome da língua nacional, baseando-se no trabalho de Jucá. Diz que a lei da vereança do Distrito federal gerou confusão entre os doutos. Se gerou confusão entre os doutos, que mal não teria produzido entre o povo, entre os indoutos e no seio da mocidade!

Nisso é que devem meditar os brasileiros partidários do estranho rebatizamento.

O sr. dr. José de Sá Nunes, professor de filologia em S. Paulo, uma das mais ecataadas autoridades em coisas da língua e festejado autor de u'a série de livros didáticos valiosíssimos, intitulados— LINGUA VERNÁCULA, cinzelou estes períodos, que encerram verdade incontestes:

— “Se, por uma revolução dessas que de tempos a tempos surgem para mudar totalmente a face das nações, a *língua brasileira* triunfar no Brasil, tal como a querem os inimigos do código da boa linguagem portuguesa, não há dúvida que dentro em pouco se fragmentará o imenso corpo deste gigante, que perderá sua integridade, e sua individualidade, e será devorado pelas potências mais fortes já o disse Rui Barbosa — anjo

tutelar da nossa raça e paladino indefesso das preterrogativas da língua portuguesa no Brasil: "Se por ventura somos uma família humana ordenada a perder a individualidade, e ser devorada pelas nações civilizadoras, quero estar entre os últimos a não se desconvencerem, nesta terra, de que uma raça, cujo espírito não defende o seu solo e o seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida. (*Parecer Sobre a Redacção do Projeto da Câmara dos Deputados, 1902, pág.*

(V. LÍNGUA VERNÁCULA para 4ª. série do curso ginásial fundamental (gramática histórica e etimologia), por José de Sá Nunes).

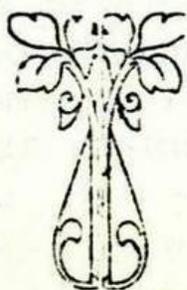
Claúdio de Sousa escreveu *in*: REVISTA DA LÍNGUA PORTUGUESA e Sá Nunes transcreveu na obra monumental acima referida:

"— Não há duas línguas portuguesas: é ela uma única, e devemos orgulhar-nos de a haver herdado do nobre povo que a soube ilustrar com as maiores e melhores páginas de heroísmo, de beleza e de immortalidade que se reuniram nos *Lusíadas* e que forçaram a admiração do universo, e são hoje um dos poemas imortais da humanidade. E que a vida nos dê tempo para resgatarmos os muitos pecados e erros que nossa adolescência mal cuidosa e pouco atenta cometeu contra tão precioso patrimônio, e para os resgatarmos no retiro espiritual dos clássicos, amem!"

Alem de todos esses luminares da filologia e da literatura, cujos respeitabilíssimos pareceres ilustram estes meus pobres comentários, batem-se com ardor e com o saber de que são dotados, em prol da conservação do nome tradicional da língua que falamos, os ilustrados professores: A. Réveillac, Cesário Neto, Silveira Bueno, Antenor Nascentes, Adalberto Barreto, Benedito de Figueiredo, Nilo Póvoas, Anibal Bruno, Radagásio Taborda, Firmino Costa e tantos outros que, no Rio e nos estados, lecionam português, assim na cátedra, que tanto elevam e dignificam, como através do livro e da imprensa e nos consultórios gramaticais e filológicos, que, espalhados pelo território brasileiro prestam ao idioma serviço relevantíssimo, no dizer autorizado de

José de Sá Nunes: LINGUA VERNACULA para a 4ª. série, atrás citada, página 208.

Acabemos, portanto, com a inovação e trabalhemos afinadamente para que a língua dos nossos maiores, a língua portuguesa, não continue a ser vítima dos franceiros de má morte, dos brasileiros que ainda não lhe sentiram a incomparavel beleza e dos que a ela preferem a gíria, ou o linguajar popular, cheio de solecismos, que a desfiguram e nos diminuem perante, os estrangeiros cultos!





Dia Pan Americano na Academia

Discurso da representante do Grêmio
Julia Lopes, senhorita Benilde Moura

Senhores :

Não poderiam nossas sociedades culturais deixar de comemorar a grandiosa data panamericana em que vinte duas nações solidárias se concentram num mesmo sentimento de harmonia e total sinceridade para celebrar a aliança que reúne ha mais de meio século êsses dois imensos continentes.

Quiz, porém, o silencioso obreiro da coordenação dos fatos que os festejos em honra à fraternidade das Américas, realizados por nossa Academia de Letras, coincidissem com a data em que se deve homenagear a memoria dos heróis da malograda Inconfidência Mineira.

Temos portanto duas datas por tema:

Quatorze de Abril, a falar-nos da feliz união dos países americanos; vinte e um do mesmo mês a lembrar-nos o resignado sacrificio dos protomártires da liberdade.

O dia Panamericano tem sua história bem definida e enriquecida. Se bem que limitada ao interesse da solidificação da paz, é uma história que tudo diz ao estendermos o pensamento aos lamentáveis e horrosos desastres, que abalam as terras da velha Europa. O que ali sucede é o inevitável produzido pela falta de uma aliança orientada e firmada pelos invioláveis propósitos que rendem culto à paz completa. Neste ponto estão seguras as Americas. E continuarão, se a fatalidade não pretender um dia introduzir a discordia entre nossos irmãos continentais.

Como se firmou o dia-Americano, os fracassos e sucessos que procederam sua fixação, é dispensável repetir. Já o abalizado mestre de História, ilustre professor Philogonio Corrêa, em sua preciosíssima dissertação, tudo referiu.

Citarei todavia o nome de Simon de Bolivar, o primeiro idealizador da união internacional americana, o qual, com inqualificável desdita, viu lançado ao indiferentismo seu ideal. Mas a êle pertencem os laureis da iniciativa. Os grandes projetos têm sempre aquele destino: imaginam-se, propõe-se e calam-se durante o tempo necessário para a armazenagem do material bastante. A sementinha atirada ao sólo não permanece alguns dias, no estado latente até o despertar do embrião? E depois? Só a força do mal poderá destruir a planta que da mesma germinou.

Tudo tem seu período embrionário. Mesmo as idéias. Principalmente os grandes planos que dão como resultados importantíssimos acontecimentos.

Que maravilhas devemos aos idealistas que a História, finalmente, perpetuou! Do imortalizado Tiradentes, — que, a assinalar-lhe a passagem útil sôbre a terra e a grandeza de alma que era dotado, tem a data de sua escarmentosa execução — nasceu o firme propósito da conquista da liberdade brasileira. Também aquele

permaneceu embrionário durante trinta anos. Mas a Independência foi proclamada. E o alferes José Joaquim da Silva Xavier teve sua memória elevada ao altar da glória.

Senhores. Não é demais referir a Bolívar e a Tiradentes ao mesmo tempo. Ambos foram criadores de planos altamente significativos. Um quiz a liberdade da paz, outro, a paz da liberdade. Ambos tiveram seus projetos fracassados, porém levados a êxito anos depois.

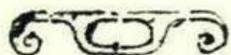
O que deveria dizer dessas datas fixarei neste pálido resumo, para não fatigar a paciência da delicada assistência. Mas, para concluir, voltar-me-hei ainda a mais remoto passado, numa ligeira saudação àquele bravo marinheiro que elevou a America aos braços do Universo:

Povo americano, ao expandirdes vossa atenção em torno dos acontecimentos, que constituem vosso orgulho, dirigí uma prece de agradecimento ao ousado navegante, que arrancou do ignoto Atlantico a terra americana. Lembrai-vos de Cristovam Colombo, curvado ao peso dos longos e fastidiosos estudos matemáticos, até encontrar a mais bela incógnita dos complicados problemas de além-mar — esta maravilhosa America.

Salve, o Dia Panamericano!

Salve, Cristovam Colombo!

E viva a memória de Tiradentes!



Discurso do presidente do Gremio
Alvares de Azevedo, Rubens de
Mendonça

Snrs. Representantes das Sociedades Culturais.

Meus Senhores.

Gandhi, essa voz profunda e profética da Índia milenária, na sua apostólica peregrinação pela salvação da pátria, impellido como que por umas dessas forças misteriosas e irresistíveis que largas perspectivas de eternidade abrem para os pobres mortais, certa vez declarou que, quanto mais alta é uma raça, maiores são os seus deveres. E se neste ambiente americano, onde se processa formidável caldeamento de raças, afim de formar o homem novo para o mundo novo, onde as facilidades materiais de vida propiciam elementos valiosos para fácil conquista da riqueza e, conseqüentemente, melhor trato do espírito, onde nenhum daqueles problemas trágicos que entraram de solapar o alicerce da alta civilização européa encontra clima propício para a sua expansão, os deveres que nos foram cometidos são graves e altos, então podemos falar que a Pátria americana é constituída de raças fortes e superiores, porque é na América que se está forjando a civilização de amanhã. E se neste cometido grave, em que se exige força olímpica dos deuses da Grécia, a América encontra a sua vitória, então, senhores, poderemos dizer, que somos o berço da civilização futura. É com a responsabilidade desse alto destino, tomando nos ombros fortes os graves problemas da civilização contemporânea que a América se apresenta no atual momento histórico do mundo. Agora, justamente quando a Europa, a velha Europa se flagela na maior conflagração de todos os tempos, nós cidadãos do novo mundo, homens da civilização de amanhã, levante-

mos os pálios da liberdade, as bandeiras da fraternidade e façamos tatarar as azas brancas da paz sôbre o sólo americano. Porque, Snrs., Platão já sentenciou que “a paz é a benção de Deus sôbre um povo forte”. E a União Pan Americana, é, meus Snrs., o simbolo da paz, da ordem e da tranquillidade das Americas. Sua finalidade é unir todos os países do continente, aproximá-los em uma grande amizade, numa fraternidade sublime para fundir num todo homogêneo as Pátrias Americanas. Daí, meus Snrs., a alta importância cívica que adquirem estas comemorações pan-americanistas, onde como que sentimos agitar as sombras venerandas e augustas daqueles homens que dedicaram as suas vidas á realização dêste alto objetivo que Monrôe sintetizou numa frase sublime: A América para os americanos.

E é pensando nessas figuras de super-homens que tiveram a glória de imaginar êsse tão alto ideal e que se chamaram Washington, Sarmiento, Rio Branco, e me abeberando na lição do passado, que vos concito à união sob êste lema simples, mas que retrata toda a beleza moral de um povo: Pela América.



Conferência do acadêmico Prof. Philogônio Corrêa

Estendendo-se numa promissora vastidão territorial de mais de 41.000.000 de quilômetros quadrados, desde o pólo Norte até quasi ao pólo sul, as Americas, muito justamente chamadas o Novo Mundo, logo que foram descobertas, fizeram com que se volvessem para elas as atenções de todos os povos.

Vagamente referido desde a mais remota antiguidade, o Novo Mundo seria, provavelmente, a lendaria Atlântida das tradições platonicas e possuiria o famoso El Dorado, procurado com furor heroico, pelos denodados desbravadores do seu territorio.

Possuidor de todos os climas e de todos os productos do Planeta, essa circumstancia só seria causa do seu rapido povoamento e do seu enorme intercambio comercial, dada a grande procura que havia, nos centros europeus, das materias primas, das especiarias do continente de Colombo.

Incas e Aztekas, nos seus dias de esplendor, haviam ensinado ao forasteiro conquistador o aproveitamento de tantos recursos depois empregados no desenvolvimento da riqueza mobiliaria.

Foram essas as causas mais fortes do rapido povoamento das terras americanas, procuradas, desde os primeiros dias do seu conhecimento, por populações fortes empreendedoras e aventureosas e por perseguidos politicos e religiosos ávidos de liberdade em busca de novos e apropriados campos para as suas audaciosas iniciativas.

Não tiveram, os primeiros novoadores das nessas terras, as crises archaicas dos paizes onde provinham.

Nem as carunchosas e odientas prerogativas das classes nobres privilegiadas, tão ao sabor das organi-

zações feudais ou das monarchias absolutas e nem a intolerância religiosa agrilhoadora do livre exame, geradora das mais ferozes guerras que ensanguentaram a velha Europa.

O novo cenário de realizações era magnífico e promissor.

Seria ele logicamente a pátria da democracia e do livre exame, sem privilégios de castas, sem odientas diminuições.

O campo estava aberto para o mais forte e para o mais capaz e em nenhum outro lugar seria mais facilitada a prática de trilogia—Liberdade, Igualdade, e Fraternidade,—tão namorada pelos filósofos franceses, que a encontraram já definida na celebre declaração de direitos dos cidadãos norte-americanos, fonte inspiradora da declaração dos direitos do homem e do cidadão da famosa revolução francesa.

Na sua mistura com os indivíduos já encontrados na terra, gente autóctone ou para aqui vinda em era pre-colombiana, as diversas correntes imigratórias aportadas ao continente de Colombo, receberam dos nativos o sentimento ativo de uma liberdade sem peias e a consciência de propriedade única das terras onde viviam e por onde foram estendendo os seus domínios as nações européas acreditadas como descobridoras e colonizadoras.

D'ahi esse sentimento emancipador generalizado pelo continente todo, dirigido contra as mães pátrias metrópoles, articulados em movimentos de constantes revoltas, tornadas vitoriosas quando puderam ser consideradas a verdadeira explosão da consciência nacional. D'ahi essa aclimação natural dos ideais democráticos, que encontraram no homem americano, sem crises e sem fome, sem separação de castas e sem nobrezas de nascimento, sem tradicionais famílias reinantes, mais ou menos degeneradas por seculares ligações de parentesco, o natural defensor do regime republicano no

qual se foram integrando todas as ex-colônias americanas que conseguiram a sua emancipação das antigas metrópoles de ultramar, em fins do século 18º ou em princípios do 19º. Que não se venha citar como contrárias à formação republicana da America a implementação da efêmera monarquia mexicana e a emancipação política do Brasil sob o regime monárquico, pois que ambas essas monarquias foram instáveis e produtos de passageiras conveniências de momento.

Elas foram sim verdadeiras plantas exóticas, para o Novo Mundo, bem cedo mirradas pela execução, no Mexico, de um príncipe malaventurado, importado para um trono efêmero, e pela proclamação, no Brasil, de 15 de Novembro de 1889, nem podendo conter a avalanche já anunciada por varios movimentos declaradamente republicanos, as reconhecidas virtudes pessoais do nosso ultimo imperante, tido, aliás, como um legitimo democrata coroado.

E assim sendo, e assim pensando, não seria para admirar que todas as nações da terra de Colombo se congregassem num só esforço e num só pensamento de defesa, fazendo surgir esse elevado idéal panamericanista, definido e praticado conforme aos impulsos que a todas norteava.

E nem se venha dizer que o pan-americanismo foi produto regional da nação Norte-Americana, forjado pelos yankees para seu dominio no nosso continente.

Não ha razões fortes para se dar guarida ao pensamento desconfiado e monarquista de Antonio Prado no seu trabalho "A Ilusão Americana".

Se americanos houve que proclamavam alto, consoante a doutrina do Presidente Monröe, que a America é dos americanos, para depois acrescentar em voz baixa... dos americanos do norte, nem por isso devemos descreer dos elevados ideias do pan-americanismo. Se algumas vezes temos encontrado interpretadores norte-americanos que consideram a America do Sul um grande

presunto desejado pelo paladar de "Uncle Sam", de outras muitas vezes estadistas de pulso e com responsabilidades officiaes no scenario politico-administrativo de suas patrias, fizeram renascer as mais fundadas esperanças numa sincera aproximação e na adopção do principio de arbitragem entre todas as nações do Novo Mundo.



O Presidente Jackson, apesar do seu autoritarismo pessoal, integrou a União Norte Americana na perfeita pratica da revolução democratica, com a participação de todas as classes sociaes na constituição do governo republicano.

Foi de iniciativa do governo norte-americano a reunião do 1º congresso pan-americano, reunião essa que teve lugar em Washington, em 1889, com o fim elevado de estreitar as relações entre as nações do Novo continente.

Ao Presidente Roosevelt são devidos os maiores esforços para a realização do canal do Panamá, obra de gigantes e de indiscutivel utilidade no intercambio de todas as nações do Novo Mundo, por onde passaram os primeiros navios em 1914.

Finalmente a W. Wilson, na sua mensagem de 5 de Janeiro de 1918, deve o mundo a aceitação dos seus 14 principios impostos aos aliados, ainda em 1918.

Será facil de verificar-se que foi a falta de cumprimento de tão salutaes e elevados principios, a causa principal do novo desencadeamento da tremenda luta que agora ensanguenta a Europa.

A publicidade das negociações diplomaticas, a liberdade dos mares, a ausencia de barreiras aduaneiras, a redução dos armamentos, o ajuste imparcial das reclamações coloniaes, a evacuação e independencia da Russia, a restauração dos territorios franceses, a modificação da fronteira italiana, segundo o principio de

nacionalidade; a autonomia dos povos da monarchia austro-hungara, a restauração dos territorios da Sérvia, Montenegro e Rumânia, com livre acéssio da Servia ao mar e remodelação dos Balkans, a autonomia da Turquia, na sua parte turca, e das outras nações integrantes do imperio osmano, a independencia da Polonia, com livre acesso ao mar e a formação da Sociedade das Nações, com o humanitario proposito do regular as relações pacificas internacionais; tais foram as bases julgadas necessarias pelo benemerito pensador e politico americano, para estabilidade da paz no mundo.

Se a essas bases juntarmos a proposta argentina de admissão, no Conselho da Liga das Nações, de todas as nações soberanas: proposta essa inspirada nos principios defendidos em Haya pelo genio de Ruy Barboza, e poderemos ajuizar dos altruisticos principios norteadores dos paizes do Novo Continente, mas suas relações internacionais.

Nem podia ser outro o pensamento de povos republicanos que sempre procuraram o recurso salutar da arbitragem para a solução das suas mais dificeis questões. Nem podia, ser outra a conduta da nação que acabava de reconhecer, embóra em carater provisório, a independencia das Filipinas e que pleiteára, pelas armas, a emancipação de Cuba.

Nem podia ser outra a conduta do Chile e do Perú, ensarilhando as armas empunhadas na guerra demorada do Pacifico.

Não havia de ser outra a conduta da Argentina resolvendo, por arbitramento, a sua questão com o Chile sobre a Patagonia e a conduta do Chile na sua questão com a Bolivia.



Nesse concerto, de aproximação e de cordialidade, de patriotismo e humanidade, o Brasil não podia ter se conservado em papel secundario ou inferior.

A sua constituição republicana de 1891 estabelecia o salutar-princípio de arbitragem para as suas questões internacionais.

Fiel a esse postulado, que fôra sempre norteador das suas atitudes diplomaticas, orientou-se para a solução de todas as suas questões de limites.

Antes d'essa constituição e antes mesmo da sua emancipação politica, sabia já proclamar pelo verbo eloquente do grande chefe nacionalista que foi Joaquim Gonçalves Ledo, que “não de balde Deus collocou entre a America e a Europa o oceano que as separa como para significar que a Europa é dos europeus e a America dos americanos”.

Esse principio, enunciado, em maio de 1822, é bem o inspirador e o precursor da doutrina de Mourão, só definida em Dezembro de 1823 nas seguintes bases: — «Os Estados Unidos reconhecem as colonias européas existentes na America, mas se opõe ao estabelecimento de qualquer nova colonia».

“Os Estados Unidos consideram perigosa para a sua segurança toda tentativa das potencias européas de estender seu systema politico a uma parte qualquer do continente americano”.

O enunciado de Ledo, sobre ser mais antigo, continha bases mais generalizadas.

E o Brasil foi sempre fiel a esse pensamento e á sua Constituição Republicana.

Já nos primeiros dias do novo regime de governo, Quintino Bocayuva assentava, com a Republica Argentina, as primeiras bases para o pacto das Missões, cujo tratado definitivo devia constituir uma das maiores victorias diplomaticas do Barão do Rio Branco.

O tratado das Missões estava fadado a dissipar desagradaveis desconfianças entre argentinos e brasileiros, fazendo calar as arremetidas do Sr. Estanisláo Zeballos e preparando, com a visita do Presidente Campos Salles a Buenos Aires, e com a retribuição d'essa visita fei-

ta pelos Presidentes Roca e Saenz Peña ao Rio, uma nova era de aproximação que permitiu a Saenz Peña a explosão da frase transformada em programa para dois povos irmãos —: "tudo nos une e nada nos separa."

E o laudo das Missões devia ser proferido pelo Presidente Cleveland, num completo ambiente pan-americano. Ao grande Barão do Rio Branco cuja estatua a ser levada, em breve, no Rio de Janeiro, fará perpetuar, no bronze, o reconhecimento eterno dos brasileiros, devemos ainda as magníficas vitórias diplomáticas do condomínio da Lagoa Mirim, a da questão do Acre e das Guianas Inglesa, Holandesa e Francesa, esta última conhecida pelo nome de questão do Amapá.

O elevado idealismo pan-americano não deveria chamar a atenção do Brasil simplesmente para os problemas brasileiros.

Também as crises de outros povos do continente haviam de merecer a nossa atenção.

Assim foi que a nossa atuação muito deveu a terminação da guerra pelo chamado Chaco Boreal, entre a Bolívia e o Paraguai e a solução da questão de Lituânia, entre a Colômbia e o Perú, resolvida por um protocolo assinado no Rio de Janeiro pelos representantes dos países em litígio sob a presidência do Ministro Afranio de Melo Franco, sendo os marcos da linha divisória assentados, depois de ingentes e inteligentes esforços, sob a direção de uma grande e seleta comissão presidida pelo benemerito matogrossense Gal. Candido Mariano da Silva Rondon.

* * *

É pois com a consciencia tranquila do dever cumprido, com a perfeita lealdade que têm caracterizado toda as suas atitudes na história das suas relações internacionais, que o Brasil comemora o primeiro cinquentenario do grande pacto de Washington, organizador da União Pan-Americana, no qual se alistaram 21 republicas do

Novo Mundo, hoje no seu pleno desenvolvimento e por isso fadadas a pesar, cada vez mais, na constante oscilação da balança dos acontecimentos internacionais.

Se falhas têm havido na execução integral do magistoso empreendimento, se, mesmo depois da sua existência, algumas nações do Novo Mundo violentamente recorreram às armas para recorrer, na guerra, a solução das suas questões de domínio ou para defesa de sua soberania ameaçada, não serão esses motivos bastantes para uma descrença pessimista do significativo e elevado pacto.

Aos países que se ajustaram no compromisso solene, cumpre reforçá-lo com lealdade e fé, dando à velha Europa, agora presa das chamas rubras do incendio da guerra generalizada por todos os seus quadrantes, o exemplo superior de nações novas que marcham resolutas e confiantes para um porvir de esperanças, sob o lema augusto de - Ordem e Progresso, magnifico resumo de um programa de paz e de trabalho.

Não só da politica internacional, do desenvolvimento do direito internacional publico ou privado, tem cuidado o programa pan americano.

A cooperação para a saúde publica e para o saneamento das zonas americanas mais flageladas por epidemias, tem merecido a sua diligente atenção.

O combate à febre amarela e à malária, iniciado por eminentes medicos cubanos, encontrou no sábio brasileiro Oswaldo Cruz, o benemerito saneador do Rio de Janeiro, o seu mais illustre e esforçado campeão, num elevado esforço de humanidade e cultura, superiormente continuado, no Instituto de Manguinhos, por individualidades do valor intelectual e da dedicação de um Carlos Chagas ou de um Belisario Pena.

O intercambio cultural recebeu impulso notavel em varios congressos scientificos pan-americanos, na codificação do direito internacional, na adopção de premios destinados a autores de obras notaveis e na organização,

por uma comissão de representantes de todas as nações do continente, de uma Historia Internacional da América, escoimada de sentimentos de odios ou de separações entre os seus povos irmãos.

A construção de estradas de ferro ou de rodagem, de radio, de telephones e de radio-teleffones internacionaes facilitou uma maior aproximação inter-americana.

Foi assignado um tratado continental de arbitragem, de carater amplo e geral, e para afastar de nós o perigo sempre constante de sermos contaminados pela loucura beligerante do velho mundo, foi decretado o estabelecimento da zona de segurança, em torno do continente americano, para garantia da nossa neutralidade.

A todas essas organizações preside sempre a orientação superior que as norteia.

Não foram feitas "para restabelecer a paz mas para consolida-la; para reforçar e estruturar os principios que regem as relações entre as nações".

E, no dizer do Secretario Norte americano, em discurso inaugural dos trabalhos da primeira conferencia entre as nações do Novo Mundo, tais trabalhos "podem mostrar ao mundo o espetaculo de uma decente e pacifica conferencia de 17 potencias americanas independentes, em que todas se encontram em pé de absoluta igualdade; uma conferencia em que não ha, nem póde haver, tentativa alguma de coagir qualquer delegado a não defender a concepção que tem dos interesses da sua propria nação; uma conferencia que não permite nenhum entendimento secreto sobre qualquer que seja o assunto, mas que publicará, francamente, para o mundo, todas as suas conclusões; uma conferencia que não tolerará nenhum espirito de conquista, mas procurará cultivar uma simpatia americana tão ampla como amplos são os seus continentes; uma conferencia que não formará nenhuma aliança egoista contra as nações mais velhas das quais nos orgulhamos de derivar; uma con-

ferencia, emfim, que nada procura, a nada se propõe, nada tolera que não seja, no sentimento geral de todos os delegados, oportuno, prudente e pacífico».

Só o que fica disto basta para justificar a magnificencia das comemorações do dia pan-americano.

Artigo do académico V. Corrêa Filho,
no *Jornal do Comercio* do Rio.

Mais do que outras vezes, a data peculiar ás Americas, por lhes symbolizar o idealismo pacifico e progressista, encontrou ambiente propicio ás manifestações de inequivoca relevancia:

Interna, como externamente.

Pelo contraste, do mundo em armas, com a harmonia da comunidade americana. Lá fóra, estrondeiam rumores de guerra, ou preparativos para intensificá-la ao maximo, pela Europa, que vive o seu momento tragico, pela Asia, Africa, e até pela remota Oceania, cujos filhos participam tambem da angustia metropolitana.

Ac revêz, no continente de Colombo, a paz não sofreu o menor atentado, que levasse ao campo de batalhas alguns dos seus elementos constitutivos.

Os povos que o habitam, já se embeberam dos ensinamentos dos seus maiores estadistas, acordes em proclamar a superioridade incomparavel das soluções conciliatorias de possiveis desavenças em relação á luta armada.

Per todas as latitudes, e em varios idiomas, convergem os conceitos dos paladinos da harmonia continental, que vêm de Washinton a Elaine, de Bolivar a Roca, de José Bonifacio a Felix Pacheco.

Afinam pelo mesmo diapasão, a despeito da diferença de origem ou da época em que agiram.

Desde o período colonial, o precursor da manutenção da paz, entre americanos, ainda que guerreassem as metrópoles respectivas, Alexandre de Gusmão, apontou em períodos lapidares, o rumo que deveria trilhar o novo mundo.

E os seus patricios, afavorados no mesmo culto, jamais deixariam de partir pelo triunfo completo de tão luminosas aspirações.

Mudasse, embora, o regime. Pouco importaria. Colonia, ou vice-reino, império com tendências absolutistas, ou serenamente adstrito às restrições constitucionais, ou republicano, por fim, o Brasil conservou-se fiel aos velhos propósitos, que lhe constituem a própria personalidade internacional, definida pelo seu amor ao arbitramento, como meio de atalhar questões refratárias aos entendimentos diretos.

Diplomatas do Primeiro Reinado, ou do segundo, insistem no mesmo refrão, que, na República, aumentaria a glória de Rio Branco e Nabuco, abnegados servidores da nobre causa.

Por isso, com a longa tradição, que lhe pontilha de vitórias incruentas a pacífica trajetória de mais de um século de vida independente, ufana se de pontual no cumprimento dos ideais americanos, propagados e definidos pelos seus maiores publicistas e governantes.

Sobremaneira expressiva, a respeito, a comemoração do cinquentenário da fundação do instituto, incumbido de coordenar as atividades do continente, que se proponham a exatá-los.

A União Panamericana, em verdade, não surgiu, há meio século, com a inopercin, que hoje ostenta, de órgão fiel das aspirações comuns, que tendem a manter a coesão espiritual e moral do povo americano. Modesto centro informativo, a princípio, em sua evolução concretizou-se o desenvolvimento do programa do panamericanismo, consubstanciando bem o definiu Helió Lobo em recente ensaio: "OPANAMERICANISMO E O BRASIL".

Em páginas concisas, narra o deuto diplomata excelentes parâmetros, que lhes proporcionou o estudo metuculoso do assunto, desde a malograda iniciativa de Bolívar, ao promover, em 1826, a memorável reunião de Panamá.

Era prematuro, porém, o plano, do libertador, que desiludido, teria contentado o seu próprio revez: "*He arado en el mar*". Referido ao espaço apenas de uma vida humana, o resultado inoperante não levaria a conclusão diversa.

Mas, idéia generosa, ainda que não medre, ao ser lançada à circulação, nem por isso de todo se aniquilará. Qualquer mu-

dança própria do ambiente contribuirá para lhe despertar as possibilidades ativas e dotá-la de eficaz vitalidade.

Decorridos vinte anos, conseguiu Lima reunir representantes de alguns países vizinhos, sem melhores vantagens.

Dizia, a propósito, B. Vecina: "Lá asamblea de Panamá fué esteril, porque hija del miedo à Alejandro de Russia; como fué después esteril el congreso de 1848, hijo del miedo à Cristina; y el tratado tripartido de 1856, hijo del miedo a Walker".

"Foi ainda esse receio, conclui o ensaísta, que deu motivo a uma segunda conferencia em Lima, no ano de 1864."

Mas ao abrir-se a derradeira década do século passado, outros eram os fatores dominantes.

Afastando os resentimentos de vizinhos, que lhes não toleravam a força expressiva doutrora, James Blaine, em nome dos Estados Unidos, diligenciava, desde 1881, reunir uma conferencia continental, "fim de discutir os meios de se evitar a guerra entre as republicas do continente".

A autoridade de que se revestia, então, de Secretario de Estado não visava naturalmente excluir o Imperio da comunidade americana, embora a expressão envolvesse, apenas, as democracias não coroadas.

Quando, porém, conseguiu, ao tornar ao seu posto de estadista, em 1888, realizar o que pretendia, já se avizinhava o Brasil da transformação de regime, que o empacotaria aos demais. Quando já era meio a conferencia, Lafayette Rodrigues Pereira, que representava a cultura juridica brasileira, ausenta-se por solidiedade ao trono derruido.

Os companheiros, todavia, continuam e participam da fundação, em Washington, do "Bureau Internacional das Republicas da America" destinado a reunir e publicar as informações relativas ao commercio, aos productos, ás leis e ás tarifas dos países que a compõem.

Ai se lançaram os alicerces da instituição, que viria crescendo com o tempo, e á medida que mais se estreitavam as relações interamericanas, com o esquecimento de episódios molestos, como a guerra de Cuba, resultante da intervenção dos Estados Unidos.

A segunda Conferencia Internacional Americana, a que o Mexico ofereceu, mediante proposta de Porfirio Diaz, acolhi-nentamente, em 1901, prepararia as bases da seguinte, que se realizou com a presença do proprio Secretario de Estado da U-

não Americana, E. Root a quem Rio Branco pode proporcionar agradável ensejo de conhecer a capital Brasileira, já transformada em parte.

Liberta da febre amarella, passara por modificações intensas, que lhe modificaram as feições, especialmente da zona central.

Por Julho de 1907, quando se lhe iniciaram os trabalhos da Terceira Conferencia, como que vinha inaugurar as transformações modernizadoras do Rio, onde se reuniram algumas das mais insignes individualidades do continente.

A Root e Rio Branco, Secretarios de Estado das duas maiores nações americanas, associava Nabuco a sua fama diplomatica, parêlha da eloquencia, com que se engrandecera no parlamento.

Caber-lhe-ia, por justos titulos, presidir a conferencia, em uma de cujas reuniões se fez ouvir a autorizada palavra do estadista norte-mericano, para definir a orientação da politica de sua patria.

Era como que sereno universitario a manifestar os seus propositos ideaistas: "Não desejamos victorias senão as da paz; territorio senão o nosso; soberania alguma, a não ser a soberania sobre nós mesmos.

"Consideramos a independencia e a igualdade de direitos do menor e do mais fraco membro da familia, como o mesmo titulo a ser respeitado que as do mais vasto imperio; e consideramos a observancia desse direito a principal garantia dos fracos contra a opressão dos fortes."

Dando-lhe ampla interpretação ao sentido das expressões memoraveis, asseguraria o chanceller brasileiro: "O bem que a todos nós fez a actual Conferencia Internacional do Rio de Janeiro, penso que é consideravel.

"Um dos distinctos membros desta assembléa, em nossa presença, no Ministério das Relações Exteriores e falando em vosso nome disse ontem que ides daqui sahir mais americanos do que viestes.

"Tão grande é o nosso anhelos de que esse seja o sentimento geral, que nos atrevemos a interpretar a phrase do nosso hospede illustre, como exprimindo a vossa convicção definitiva de que o patriotismo brasileiro nada tem de aggressivo, e de que, mais ainda por actos do que por palavras, fieis ás tradições da nossa politica exterior, trabalharemos sempre para estreitar as nossas boas relações com as nações do nosso continente e particularmente com as que nos são mais vizinhas."

Afastando de suas discussões materia de polemicas inuteis, distingue-se a III Conferencia pelo esforço de cooperação.

No movimento interamericano, assignalou-se por admiravel marco.

“Até então, conceitua H. Lobo, elle subia, entre restricções e polemicas; depois, embora dissentindo sempre, tomou caminho mais seguro.”

Por isso, ao assistir, no seguinte anno, á collocação em Washington da pedra fundamental do edificio, que concretizaria as aspirações colectivas da cooperação leal, por intermedio do “Bureau”, diria J. Nabuco:

“Senhores, ainda não houve paralelo para vinte nações, de varias linguas, a erigir juntos, um edificio para as suas deliberações communs.

“E tanto mais impressionante é tal espectáculo, quanto se adverte que esses paizes, com todas as diferenças possiveis entre si, assentaram a sua união no pé da mais absoluta igualdade.

Aqui, têm os votos dos mais pequeninos o mesmo peso que os dos maiores.

Tantos Estados soberanos não podiam espontaneamente reunir-se em tão apertado contacto, senão por obra de uma força irresistivel, se não existira em todos eles, no intimo ou á superficie de cada consciencia, o senso do destino comum de toda a America.”

Com taes tradições de incontestavel dedicação á causa do panamericanismo, não podia o Brasil emudecer, a celebrar-se o meio cincoentenario da fundação admiravel, que lhe estimula as actividades efficientes.

Dahi se criou o entusiasmo com que o festejou, quer nas escolas, quer em ceremonias de maior relevo, entre as quaes sobrelevam as que se verificaram no Itamaraty, na Casa de Ruy Barbosa e no Syllogeu.

A primeira de cunho official, sob a presidencia do Ministro Francisco de Campos, gentilmente convidado pelo chanceller Oswaldo Aranha, reuniu no salão de conferencias assistencia de alta hierarchia, que se deleitou com as allocuções do embaixador Afranio de Meilo Franco, doutrinario da neutralidade, por delegação dos seus colegas de comissão, de Levy Carneiro, apologista dos metodos seguidos na Conferencia de Lima, de Max Fleuss, que lembrou o concurso do Instituto Historico e Geographico Brasileiro para a propaganda do panamericanismo.

Dir-se-ia que a sombra de Ruy vagueava pelo ambiente, onde a doutrina acerca do dever dos neutros, amparada em suas palavras de vasta repercussão, seria explanada magistralmente. Como também se afiguraria presente no proprio solar, que outra animou com a sua prodigiosa capacidade de trabalho.

Aí coube a palavra ao doutor Soares Filho, interprete dos sentimentos panamericanistas da Federação das Academias de Letras, que mais uma vez se valia do ensejo para prestar expressiva homenagem a individualidade de alta valia, o Embaixador de Columbia, Dom Carlos Lozano y Lozano, constitucionalista e escriptor de grandes cabedades, como provou a sua magnifica resposta de agradecimento, por meio da qual enalteceu a causa panamericana, antes de entrar na análise de dois vultos primaciaes de literatura de sua patria.

Um, Caro humanista e batalhador, cuja pena luminosa fez esquecer as deficiencias do estadista.

Outro Cuervo, dedicado exclusivamente ás letras, firmou as bases da fisionomia da lingua, que manejava a primor, com louvores dos proprios mestres castelhanos.

São expoentes, que bem definem a magnificencia das letras columbianas representadas, no Brasil, pelo Embaixador, cuja oração bastaria, pelo seu brilho, para justificar a iniciativa da Federação promotora do intercambio intelectual panamericano.

A terceira, por fim, não obstante destituida de caracter official, conseguiu reunir, sob a presidencia do Embaixador J. C. Macedo Soares, a presença de mais tres Embaixadores, dos Estados Unidos, da Columbia e da Bolivia, além de outros representantes diplomaticos e autoridades de alta graduação.

Era, portanto, um esta lista brasileiro, de excellentes credenciaes em prol da consolidação da solidariedade americana, que se via ladeado por excelsas personalidades, para ouvir a douta conferencia do Coronel L. Ferraz, cuja palavra autorizada, de historiador consciencioso, interpretou cabalmente os intuitos da reunião.

E assim a data evocativa do feliz empreendimento, assignalou-se, nesta Capital, por eloquentes profissões de fé no futuro da America e na conservação da cordialidade existente, que lhe imprime as feições de oasis de paz fecunda, em meio do delirio guerreiro, avassalador de outros continentes.

(Jornal do Comercio de 21. 4. 1940)

A CADEIRA N° 20

A 9 DE JUNHO DESTE ANO, FALECEU, INESPERADAMENTE, O ACADEMICO FRANKLIN CASSIANO, MEMBRO FUNDADOR E OCUPANTE DA CADEIRA N° 20. ARQUIVAMOS NAS PÁGINAS DA REVISTA AS HOMENAGENS QUE LHE PRESTOU A ACADEMIA E ÀS QUAIS SE ASSOCIOU, POR PROPOSTA DO DELEGADO, ACADEMICO V. CORRÊA FILHO, A FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL.

O ADEUS DA ACADEMIA

**Discurso do Desembargador José de Mesquita
no enterramento do Prof. Franklin Cassiano**

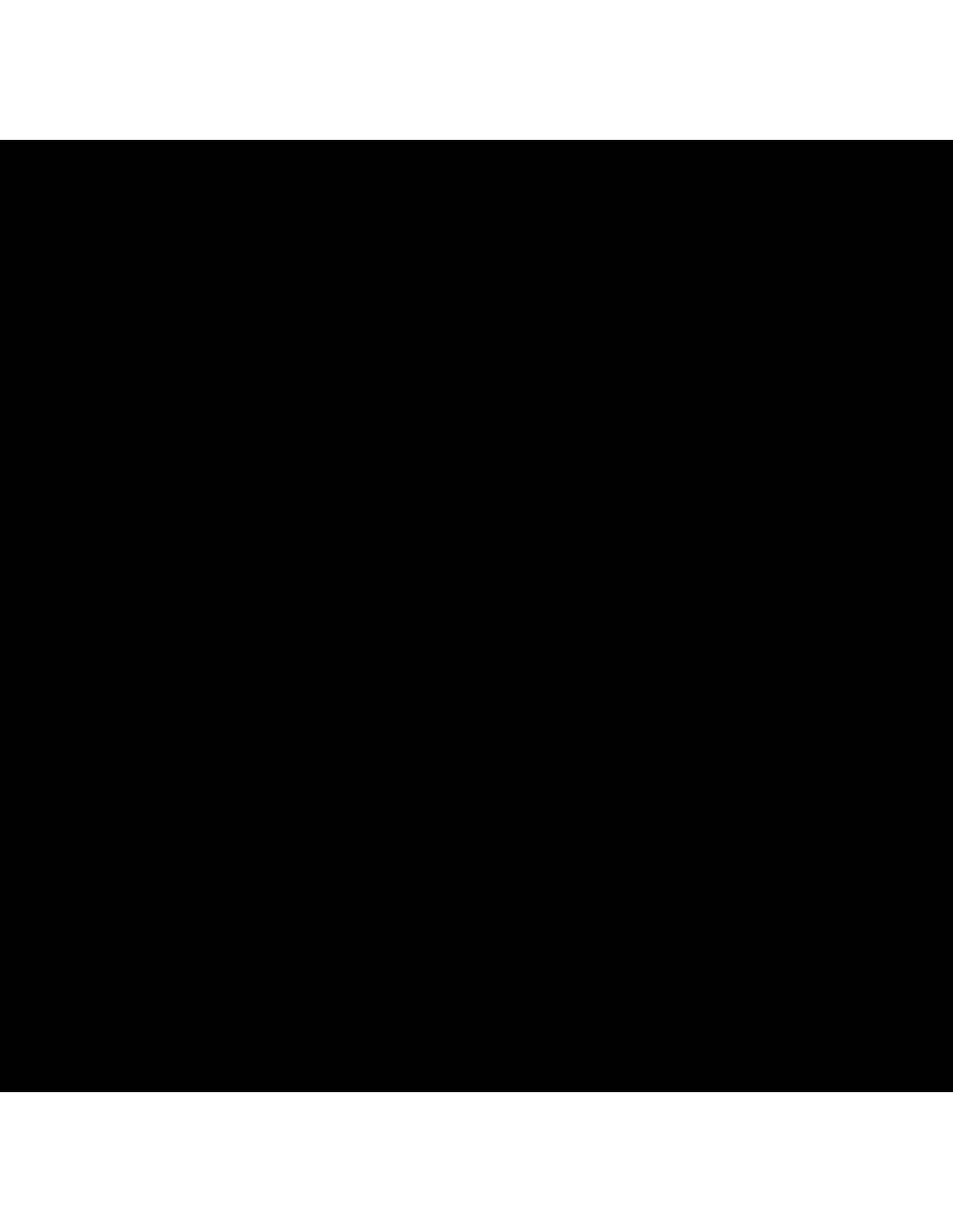
FRANKLIN : Deram-me os seus companheiros do Instituto Histórico e da Academia Matogrossense o doloroso encargo de lhe dizer, neste angustioso instante em que se consuma a separação terrêna, o seu comovido adeus de despedida e a expressão imensa da sua saudade.

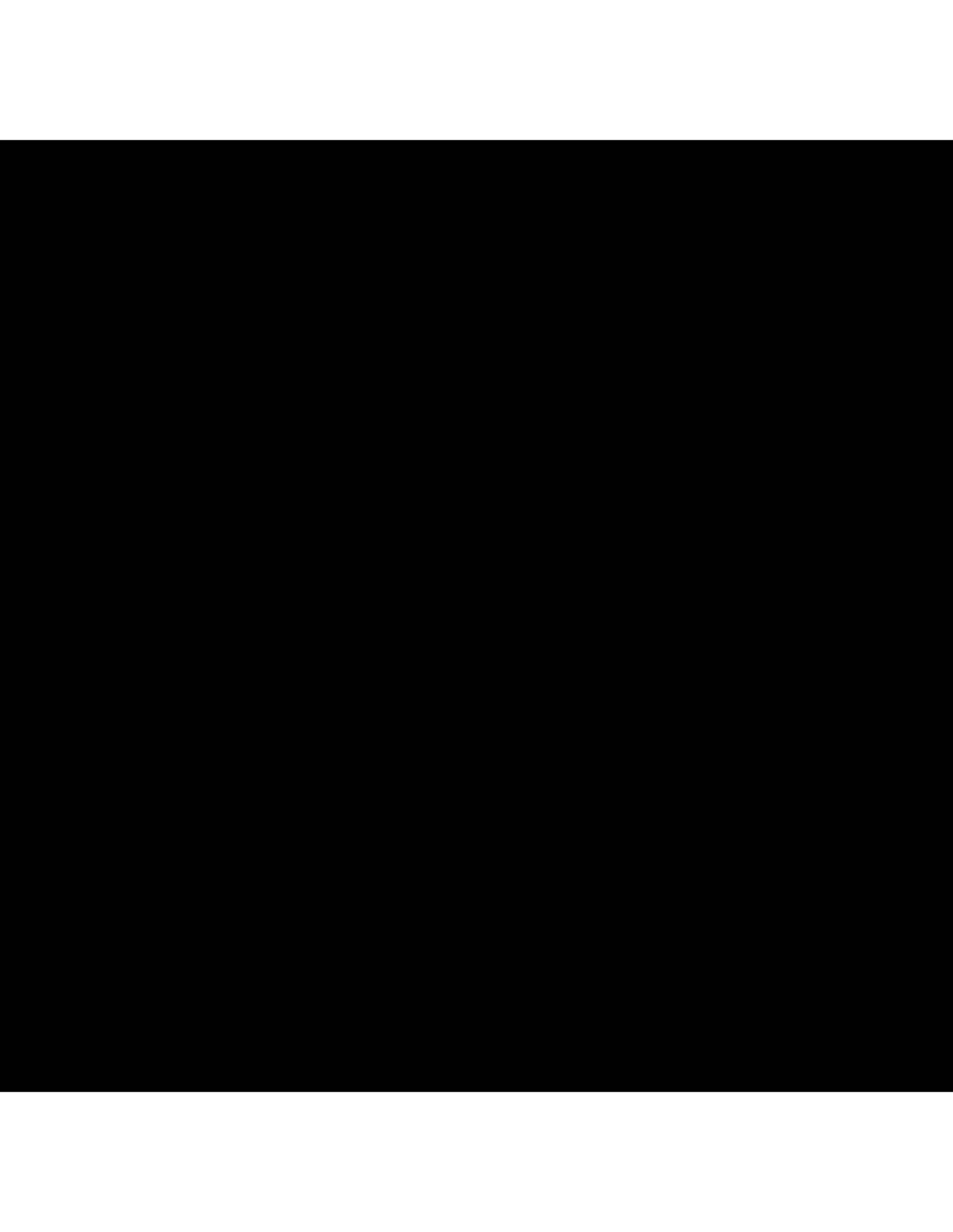
Faz sete anos, por um dia de junho como o de hoje, deste claro e suave inverno cuiabano, trazíamos para esta mansão do repouso aqueloutro confrade boníssimo que foi João Cunha, membro também das duas sociedades irmãs, em cujo cargo de administração foi por você condignamente substituído.

Os honrosos mandatos que, em ambos os grêmios culturais desempenho, desde a sua fundação, renovados sempre pela desvanecedora confiança dos meus amigos, atribuem-me, hoje, como ontem, o papel de interprete do sentimento dos que pranteiam o seu brusco desaparecimento.

Da sua dedicação aos nossos sodalícios, de que você foi fundador e é ha muito um dos diretores, diz, mais eloquentemente que quaisquer testemunhos, o fato significativo de, adoentado como já se achava, ter comparecido e tomado parte nos trabalhos das sessões ontem à noite realizadas.

Outros atestados do seu eficiente labor em prol da execução do programa cultural que realizamos, temos na sua colaboração nas Revistas, no solícito desempenho do trabalhoso ~~munus~~ de tesoureiro e, sobretudo, nesse carinho sempre manifestado pelas coisas do Instituto e da Academia. Não é este o momento para focar os poliformes aspectos da sua mentalidade de escol, como poeta, prosador, jornalista, e sobretudo, professor, que você soube sêr acima de tudo, nessa vocação inata para o magistério que o fez um privilegiado





do, pois que você, meu amigo, soube realizar a única finalidade humana sobre a terra — sêr bom.

Que o seu grande coração repouse como o do Poeta, irmão e sofredor, vítima que foi também da torpeza dos homens — na mão de Deus, na sua mão direita, no seu imenso seio misericordioso!

Palavras do Prof. Ulisses Cuiabano na romaria liceista

Os corpos administrativo, docente e discente do Liceu Cuiabano e da Secção Normal anexa áquele Estabelecimento vêm hoje, a este retiro do silêncio e do repouso eterno, patentear o seu imenso desgosto pelo inesperado e prematuro desaparecimento do Prof. Franklin Cassiano, um dos mais esforçados membros que foi da Congregação daquela tradicional casa de ensino.

Este preito de saudade e de gratidão, simples mas sincero, se concretiza no simbolismo antigo e sempre conservado entre todos os povos em que as flôres representam a parte essencial do significativo ato.

E as flôres, essas manifestações espontâneas e vivas da Natureza, embalsamando os ares com o seu delicioso perfume e encantando a vista com os seus variados matizes, traduzirão, por certo, as emoções variadas que experimentamos, os colegas e alunos de Franklin, todos empolgados ainda pelo inopinado golpe que poz terno á vida terrena do querido companheiro.

Franklin revelou desde os albores da sua adoles-

cência um pendor decisivo para o magistério, e apenas concluídos os seus estudos secundários, feitos, a princípio, no Liceu Salesiano S. Gonçalo e posteriormente no Liceu Cuiabano, foi nomeado professor da Escola Modelo, hoje denominada "Barão de Melgaço", onde iniciou essa penosa tarefa de plasmar os cerebros infantís, para que mais tarde a criança se torne um probo cidadão ou um virtuoso elemento feminino da sociedade e da Pátria.

Carreira verdadeiramente árdua e espinhosa, somente um predestinado poderia, sem desfalecimentos, trilhar até ao fim.

E' mister possuir uma têmpera especial para enfrentar os mil obstáculos que se antepõem ao mestre-escola, esse humilde e obscuro operário do bem, que muitas vezes se sacrifica para a felicidade de outrem, sem nada auferir para si a não ser a convicção de que bem cumpriu com o seu dever.

Franklin Cassiano, com a sua tendência pedagógica e o seu acendrado amôr pelo ensino, foi, de ano em ano, um verdadeiro vencedor de ríspidas refréguas. Pelejou nessa lida ingente por dilatados períodos letivos: — 28 anos de contínuo labôr.

E quando êle quasi assomava às portas de um descanço compensador aos esforços a prol da educação da nossa juventude, eis que a Fatalidade vem pôr um reimate a tão béla e exemplar existência.

Desapareceu do nosso convívio o emérito pedagogo, mas a sua brilhante memória perdurará ainda por muito tempo no vasto circulo dos seus colegas e dos seus alunos, todos êles seus amigos.

O seu nome jamais se apagará da galeria luminosa dos professores mato-grossenses, e os seus vestígios didáticos, gravados imperecedouramente nos seus criteriosos discursos de paraninfo, nos seus numerosos

relatórios oficiais e em seus apontamentos escolares, não de servir de alicerce, seguro e sólido, para quem se propuser a estudar a esclarecida personalidade de Franklin Cassiano, nos diversos ramos em que empregou as suas atividades, como educador, jornalista, poeta, teatrólogo e vernaculista.

Colégas e alunos, curvemo-nos, reverentes, ante o túmulo recém-aberto de Franklin Cassiano, onde repousam para sempre os restos materiais de um homem, cuja preocupação espiritual máxima foi cultivar a Bondade!



PARAVRAS DO PRESIDENTE DA A. M. L. **GENTENÁRIO DO PROF. JOSÉ ESTEVÃO**

(patrono da cadeira n. 13)

Hoje celebramos o Centenário do Prof. José Estevão Corrêa, patrono da Cadeira n. 13 daquele sodalício e lente de Matemáticas deste tradicional educandário.

É a homenagem, com anos após a sua vinda ao mundo de um benfazeiteiro no Ensino, de um artista, e no mesmo tempo, espírito de escol, que marca época na história da nossa Instrução a que prestou modesta e dedicadamente, os melhores e maiores esforços.

Incrêdo no seu programa de ação social a campanha da Cultura e a intensificação da luta alfabetizadora, o Centro Alagoasense, a que succedeu Academia, se tem empenhado para incluir entre seus patronos os melhores do magistério — a quarta parte com o total de 20 — da metade p. de se dispõe, dos seus fundadores, isto é, da classe dos primeiros e cupados das nossas instituições, era constituinte de professores ou pessoas que haviam ministrado a cátedra do magistério.

É a honra e a aproximação entre as instituições de cultura e de ensino, com a vida, um



DISCURSO OFICIAL

PELO ACADEMICO PHILGENTIO CORRÊA

Por eleição do José Estevão Corrêa, por não ter a 11 de Agosto de 1922, na sessão do então Centro Acadêmico Matogrossense nº 13, por ser real-
ce as qualidades superiores d'aquella que havia sido es-
colhido para patrono da cadeira que agrupava esta socie-
dade de cultura.

Salientar os seus eminentes meritos de artista, de

PALAVRAS DO PRESIDENTE DA A. M. L. DESEMBARGADOR JOSÉ DE MESQUITA

mento d'esse professor benemerito, não quero deter-me

A Academia Matogrossense e o Liceu Cuiabano festejam hoje o Centenário do Prof. José Estevão Corrêa, patrono da Cadeira nº 13 daquele sodalício e lente de matemáticas deste tradicional educandário.

E' a consagração, cem anos após a sua vinda ao mundo, de um benemérito do Ensino, de um artista, e, ao mesmo tempo, espírito de escol, que marca época na historia da nossa Instrução a que prestou, modesta e dedicadamente, os melhores e maiores esforços.

Inscrevendo no seu programa de ação social a campanha da Cultura e a intensificação da luta alfabetizadora, o Centro Matogrossense, a que sucedeu a Academia, foi logicamente procurar para incluir entre seus patronos seis cultores do magistério — a quarta parte num total de 24 — e a metade pôde-se dizer, dos seus fundadores, isto é, doze dos primeiros occupants das nossas poltronas, era constituída de professores ou pessoas que haviam perlustrado a cátedra do magistério.

Essa associação ou melhor aproximação entre as instituições de cultura e de ensino constitue, aliás, um

fato facilmente explicavel, eis que uns e outros visam a mesma finalidade e lutam pelo mesmo objetivo — a disseminação da Cultura. Aqui se conjugam, hoje, a Academia, que reúne os expoentes da nossa Intelectualidade e o Liceu Cuiabano, glorioso veterano dos nossos educandários — para uma festa em que se cultua a memória de um velho Professor. Nada mais nobre e nada mais digno de aplausos, sobretudo em hora como esta de espesso utilitarismo.

Aproveitando o ensejo, faz a Academia inaugurar em sua galeria glorificadora o retrato de Olavo Bilac, oferecido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, por intermédio do nosso ilustre confrade Dr. Virgilio Corrêa Filho.

Bilac foi Poeta e Educador — e a sua projeção mental não se limitou ao puro domínio artistico mas sim ampliou-se desmesuradamente pelo campo da propaganda do civismo e da defesa nacional. Seu nome ha pouco foi erigido pelo nosso glorioso Exercito em um dos numes da Patria. Casa-se assim, à justa, a homenagem ao velho Professor cuiabano com a do Mestre de Arte e de Patriotismo, que foi o admiravel Poeta do "Caçador de esmeraldas"!

E a Academia, em cujo nome falo agora, abrindo esta sessão, se sente no dever de manifestar o seu agradecimento a quantos com ela se solidarizam, e de modo especial às dignas autoridades presentes ou representadas, ao Liceu Cuiabano, pela brilhante delegação dos seus corpos docente e discente e às nobres delegadas da familia cuiabana.

Explanado assim, em ligeiro escoço o fim desta festa, não me é licito privar-vos por mais tempo do prazer de ouvir a palavra autorizada do academico Prof. Philogonio Corrêa, ocupante da Cadeira nº 13, que vai fazer o discurso comemorativo do centenário do nascimento do seu Patrono.

DISCURSO OFICIAL PELO ACADEMICO PHILGGONIO CORRÊA

No elogio de José Estevão Corrêa, por mim feito a 14 de Agosto de 1922, na séde do então Centro, hoje Academia Matogrossense de Letras, puz em realce as qualidades superiores d'aquêle que havia sido escolhido para patrono da cadeira que ocupo nesta sociedade de cultura.

Salientei os seus eminentes meritos de artista, de jornalista, de orador e, principalmente, de educador no lar e na escola.

Hoje, data que marca o 1º centenario do nascimento d'esse professor benemerito, não quero deter-me em repetir conceitos já proclamados e por vós todos conhecidos, limitando-me agora a oportunos comentarios sobre os seu juizo magistral, verdadeira predição de vidente, emitido a proposito da formação do homem contemporaneo e do papel que lhe está reservado na hora presente da evolução humana.

E' do relatorio do ano de 1911, de José Estevão como Diretor da Instrução e do seu discurso na solemidade de colação de gráo dos bachareis em letras do Lyceu Cuiabano, no ano de 1909, que podem ser destacados os trechos que se seguem.

No primeiro d'esses documentos eloquentissimos dizia ele: — «Preconceitos inveterados de um lado, costumes arraigados de outro, a pouca illustração da maioria da população, por uma parte, a má ventade de uns e o indifferentismo de outros, por outra parte, taes serão os principaes baluartes contra os quaes terão que terçar armas no campo da luta, os operosos obreiros a cujo cuidado foi confiada a nobre tarefa de difundir o ensino obrigatorio e intuitivo, nas escolas estaduais do ensino primario».

No segundo, doutrinava: — «Se a escola é a oficina onde se prepara o espirito e se forma o caracter d'esses caminheiros do futuro, meninos e adolescentes hoje e cidadãos amanhã, a instrução é o farol de cujo fóco rebentam as chamas que lhes abrasam os corações, lhes apagam os taços nevceiros da intelligencia, e fazem com que, após os seus primeiros e tímidos vôos de ensaio, lá para mais tarde com asas abertas aos ventos do infinito, se abalem eles do ninho paterno em busca da Canaã de glorias com que de longe lhes a-cena o anjo de suas esperanças; se a escola é o templo que, com o mesmo carinhoso afago, recebe em seu seio os ricos e os pobres, os grandes e os pequenos, os nobres e os plebeus, os felizes e os desvalidos, a instrução que nela se ministra é o orvalho, a cujo benéfico influxo se desabrocham as intelligencias infantis, do mesmo modo que as açucenas do deserto também se desabrocham perfumosas aos humidos beijos da serena madrugada».

Como são sempre, e cada vez mais, oportunas essas palavras ditas para o Brasil e para os brasileiros, neste grande momento em que nos preparamos para nos libertar, por completo, de alheias tutelas, quando a nossa patria anseia por bastar-se a si mesma, aproveitando, tudo o que a natureza, com mão prodiga, nos soube dar.

A personalidade de José Estevão avultou no limite exato entre um passado que anoitecia pobre de iniciativas e a alvorada de um futuro promissor.

As suas idéias são precursoras do mundo que agora estamos vendo surgir para nós, cheio de lições novas e inesperadas, quando os postulados da revolução francesa e a derrocada das organizações liberaes democraticas são substituidos pela organização dos estados fortes, tardiamente compreendidos pela gloriosa França, esquecida da visão de Augusto Conte quando proclamava as ditaduras scientificas como o melhor regime para o governo dos homens organizados em sociedade.

E se as organizações pedagógicas devem ser, para as escolas, a miniatura e o resumo do que o homem adulto ha de ser nas atividades sociais, e nem se pôde compreender uma educação divorciada d'aquilo que ha de ser praticado, havemos de concluir que o nosso homenageado de hoje foi um grande precursor da nova ordem que agora domina o mundo, transformando as nações pioneiras do progresso, com o mesmo e regular ritmo, num só e marcado momento historico, como se a humanidade estivesse preparada, toda ela, para o advento da nova ordem de cousas.

A França, cantando a Marselhesa pela estrada da sua imprevidencia, sem ouvir os sons do "deutechland über alles", bem perto dela vibrados e ecoados como um alarme, repousava sobre os louros do seu glorioso passado, sonhando com um futuro para o qual não cuidára de preparar se, embora o mundo todo, reverente á sua herança benemerita, reconheça o quanto seja ela digna d'esse futuro sonhado.

Foi assim raciocinando que um dos maiores genios, militar e politico, da moderna Alemanha, não vacilou proclamar que, mais que aos seus generaes, a Prussia devia a sua grandeza, a sua disciplina e a sua coesão ás lições dos seus professores.

E José Estevão soube ser professor, como soube ser pai e ainda cidadão exemplar, em todos os setores onde foi exercida a sua prodigiosa e inteligente atividade.

Ele completa hoje um seculo, já não está entre os vivos, mas os seus exemplos e as suas lições estão ainda bem novos, numerosos até á sua adiantada velhice realizadora, que é dos nossos dias, a crear imitadores nos estabelecimentos de ensino onde doutrinou, nessa escola á qual a justiça do governo de Mato-Grosso deu o seu nome para modelo constante dos dicentes de hoje, dos homens do Brasil de amanhã.

E não só o ensino publico recebeu o influxo benéfico de seu talento e da sua cultura.

Em 1882 ingressa como professor do Externato Matogrossense, aqui fundado pelos Drs. João Carlos Muniz, Manoel Esperidião da Costa Marques e Antonio Corrêa, pronunciando notavel discurso na solenidade inaugural d'esse estabelecimento de ensino.

Com muita justiça diz Estevão de Mendonça nas "Datas Matogrossenses" que "nos fastos da instrução publica em Mato-Grosso ficarão assignados quatro periodos — o da direção do Padre Ernesto Camilo Barreto, o da direção de José Estevão Corrêa, e os que compreendem as administrações do Dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira e do Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa".

Ainda neste ultimo periodo de moderna e intelligente reorganização, José Estevão Corrêa era o Diretor Geral da Instrução Publica e a regulamentação dada então a esse departamento administrativo, foi vasada nos moldes traçados pelo seu relatorio de 1911, o precursor de uma das realizações de maior benemerencia do grande Presidente Pedro Celestino, cujas luminosas diretrizes foram retomadas e completadas pela administração que agora nos orgulha e engrandece, norteadas pelo patriotismo e pela firmeza do Interventor Julio Müller.



DISCURSO DO ACADEMICO ULISSES CUIABANO

Meus senhores:

As agremiações culturais de Cuiabá, conjugando os seus esforços em torno de uma louvável iniciativa, aqui estão, neste festivo recinto, levando a bom termo a objetivação de um programa destinado a homenagear a memória de dois vultos proeminentes: — um, de larga projeção nacional; outro — de menores proporções, adstritas quasi que exclusivamente ao âmbito matogrossense.

Inaugura-se o retrato do mavioso trovador da “Via Lâtea”, — Olavo Bilac; celebra-se o centenário do nascimento de José Estevão Corrêa, consagrado professor conterrâneo.

O Liceu Cuiabano, tradicional estabelecimento de ensino secundário, associa-se gostosamente às comemorações que ora estão sendo feitas, e o seu digno Diretor, Bel. Alcebíades Calhau, que por motivo superior não está aqui presente, designou-me para vos dirigir algumas palavras nesta solenidade.

Ex-aluno dêsse legendário Liceu, antigo discípulo de José Estevão e atualmente regendo as cadeiras de História da Civilização e do Brasil naquela Casa de ensino, aceitei com agrado a honrosa incumbência, apenas na segurança de não poder desempenhar cabalmente essa tarefa, sendo ela patentemente superior á minha capacidade intelectual.

BILAC! Mas qual o brasileiro instruído, ainda que medianamente, que não rende um fervoroso culto a esse imortal vate e delicioso prosador, o corifeu máximo da propaganda do serviço militar obrigatório em nossa cara Pátria?

A Academia Matogrossense de Letras, da qual sou obscuro membro, colocando o retrato do poeta da “Tarde” na sua galeria de homens notáveis, patenteia um justo preito a Bilac, que, na sua fulgurante trajetória

ria pelo mundo das belas-letas, tem sido sempre um mestre e um guia aos que cuidam da arte poética, ambicionada e tão difícil. É que o aedo brasileiro, na sua ância de perfeição e de harmonia, executou a sua vasta e complexa obra sempre tendo em mira a belesa da forma e a melodia dos versos, a pureza da linguagem e a elevação das idéas. Expoente excelso da escola parnasiana, patriota de sadio espírito de brasilidade, propugnador de uma causa alevantada que viria integrar no Brasil o seu preparo bélico para o futuro, Bilac foi proclamado com o consenso unânime dos intelectuais patrios o "Príncipe dos poetas brasileiros".

O inclito bardo que celebrizou no "O Caçador de Esmeraldas" a epopeia admiravel das entradas, pelos sertões ignotos da nossa terra, das destemerosas bandeiras dos paulistas, já de ha muito desapareceu de entre os vivos. Mas a sua estrelada memória ficou eternamente gravada na consciência da nossa gente, como uma luz imperecedoura provinda de um dêsses desaparecidos astros, ofuscado para sempre pela fatalidade de uma força misteriosa e ignorada, e que no entanto ainda perdura por séculos e séculos.

JOSÉ ESTEVÃO CORRÊA, o patrono da cadeira nº 13 da Academia Matogrossense de Letras, ocupada com o maior brilho pelo Prof. Filogônio de Paula Corrêa, foi, no dizer dêste nosso ilustrado e erudito confrade, funcionário modelo, educador exemplar e artista de mérito. Em 1905 fui seu aluno de matemáticas. no Licêu Cuiabano, continuando a receber os seus ensinamentos ainda por vários anos. O Prof. José Estevão, sempre bem disposto e sempre jovial, apesar da sua avançada idade, não faltava nunca às aulas, nem mesmo nos dias chuvosos, nem forçado por "simpatias" que preparávamos, com êxito, aliás, no que diziam respeito a outros lentes, segundo acreditávamos. "Tem o corpo fechado.", foi a conclusão a que chegamos.

Em 1909, por ocasião da solene colação de grau

da 2ª turma de bachareis em ciências e letras do Liceu Cuiabano, cerimônia ocorrida no Palácio Alencastro, proferiu o Prof. José Estevão um admirável discurso, cujas frases harmoniosas, buriladas, eloquentes e cheias de imagens judiciosas, ficaram, por muito tempo, gravadas em nossa mente. Lembro-me que em roda íntima de estudantes, comentando-se a belíssima oração que o Prof. Filogônio Corrêa mais tarde qualificaria de “pequenina joia, primor de fôrma”, um dos meus colegas exclamára, cheio de entusiasmo: “Não é que o José Estevão é um bicho para falar!”

A personalidade do Prof. José Estevão Corrêa foi estudada superiormente por Filogônio Corrêa, em conferência lida, nesta Academia, em 1922, e está ainda sendo objeto de acurada análise pelos brilhantes oradores que hoje vêm ocupar esta tribuna.

Nada mais tenho a falar-vos, a não ser que as sociedades culturais aqui representadas e o Liceu Cuiabano devem ao ilustrado Cap. Joaquim Vicente Rondon a felicidade de estarmos reunidos neste salão, nesta histórica e legendária “Casa Barão de Melgaço”, a fim de tributarmos uma sincera homenagem ao Prof. José Estevão Corrêa, na data centenária do seu natal. Foi dêsse esclarecido militar, ornamento do Exército Nacional, que partiu a louvável iniciativa de cultuarmos hoje a luminosa memória daquele abnegado educador, que consagrou ao ensino o melhor da sua longa existência terrena, e que deixou gravado, em caracteres imarcescíveis, o seguinte conceito: — «... se a escola é o templo que, com o mesmo carinhoso afago, recebe em seu seio os ricos e os pobres, os grandes e os pequenos, os nobres e os plebeus, os felizes e os desvalidos, a instrução que nela se ministra é o orvalho, a cujo benéfico influxo se desabrocham as inteligências infantis, do mesmo modo que as açucenas do deserto também se desabrocham perfumosas aos húmidos beijos da serena madrugada ...»

DISCURSO EM NOME DO INSTITUTO HISTÓRICO, PELO MAJOR EUDORO CORRÊA

Resoluto peregrino de uma jornada ingrata na existência terrena, obcecado ao devotamento da vocação a que procura dar todas as suas energias, jamais pudera, na marcha fatigante, desviar seu pensamento das preocupações profissionais, em demasia pesadas, para a mediania da sua inteligência.

E aspectos estranhos de paisagens outras que lhe perpassavam aos olhos de lado a lado do caminho, como lhe eram cousas fóra do seu mundo, mal chegadas, objetivamente, às suas cogitações, à guisa dos episódios surpreendentes de contos de mil e uma noites.

E as diversões cívicas de variados aspectos que fazia, aparentando desvios na direção do caminho resignado ao seu fado, não eram mais do que veredas da estrada principal, articuladas todas no sistema a que pertenciam, da segurança militar e defesa do país.

É que de tal maneira se entrançam as atividades humanas, que não se lhes ha como dar limites definitivos que as separem em compartimentos estanques, que élas se irmanam obrigatoriamente, emôbra, algures, desconfianças e ciúmes façam por dividi-las e aos indivíduos que as exercitam.

Para realização duma, outras são fatores concurrentes, indispensáveis, como nos episódios históricos, as fontes das forças que os eclodiram, chegam de rumos diversos, variáveis em suas energias, ponderáveis todas, grandes e pequenas associadas, as vezes estas justificando até, na importância que assumiram, a assaz conhecida e sábia assertiva que tomou foro de lugar comum: "Pequenas causas, grandes efeitos".

São de tal fôrma as cousas entretécidas no mundo, liamadas entre si como irradiações divinas de homens que o habitam, que conduzem à fraternidade, incitando à humanidade o objetivo remotíssimo a que a éla ha de chegar, estabelecendo a união e a paz, argamassadas na dôr e no sangue das gerações preteritas.

Não ha como uma isolar se ou prevalecer-se, preponderando sôbre as demais, porque a vitória lhes pertence a todas, pela atividade cooperativa que desenvolvem, não a logrando se divididas no espaço ou na ação, enfraquecidas pela preocupação vaidosa de aparecer.

É uma afirmativa do nosso regulamento militar: mais vale para o julgamento o conceito regular dado ao agrupamento, do

que o ótimo para indivíduos isolados, destacados brilhantemente do meio, em que foram mediocres os resultados que se apuraram. O sucesso para a comunhão, está, pois, menos no brilho solar do indivíduo entre companheiros apagados, do que na luz menos intensa peculiar a todos que a constituem.

Não é principio que invalida e condena as figuras predestinadas, pois elas têm sua trajetória singular e com tal força de atração, que ainda vêm servir ao destino do povo que as produziu e da humanidade, direta ou indiretamente, conforme a projeção dos seus feitos nas massas que as obedecem e a repercussão dos mesmos através do mundo, pela relação de interdependência dos povos, mais acentuada, dia a dia, à proporção que a ciência os aproxima.

Os desígnios de Deus são imprescritíveis.

Quando a unidade julga servir-se a si própria unicamente, ou à sua comunidade nacional, ela de fato está servindo aos interesses do mundo, entrelaçados ao do Universo, cuja evolução se processa, conhecidas ou ignoradas, descobertas ou ocultas, as leis que a determinam.

E dos inventos e descobertas que se vêm realizando não pode o homem avisado e prudente, atribuí-los exclusivamente ao seu poder, quando este é emanado apenas do Todo-Poderoso, para estultamente afirmar, com pretensão que mete dó, que as suas conquistas sucessivas vão afastando Deus, gradativamente, da terra, quando o devem convencer da extensão e profundez de sua ignorância e impotência, ante os problemas e cousas da eternidade.

O homem é para o jardineiro divino, o adubo fertilizante, sobre cujo esterquilínio da matéria, Deus permite irradiações do genio, como do monturo desabrocha para a luz solar e satisfação de seus olhos, a louçania das flores.

Mas do monturo social, criança abandonada é flôr encantadora cujo perfume, mais tarde, alterado, de certo empestará o ambiente do meio infeliz que não a amparou.

Aqui, avançando na idade, ou por antecipação, ela irremediavelmente se apresenta como figura tragica de um aviltante destino.

Ali, a luz que o esclarece e beneficia, rebentando do cerebro conjugado ao coração, é mostra da fagulha divina que o avisa, promissivamente, do seu destino alevantado no seio do Criador, semelhante o seu poder ao supremo Artifice que, paternalmente o criou, com amor inqualificavel, com sabedoria e justiça.

Estas divagações de espirito do viandante obscuro e humilde, lhe rebentavam a subitas, em chispas intermitentes, como coriscos do céu riscando de luz a imensidão do espaço etéreo.

Proseguia a jornada, absorvido no seu destino inglorio, alheio à natureza circundante e aos seus contrastes flagrantes que oferecia, jogando-se êles, porém, harmonicamente, numa revelação magnifica da unidade da concepção altissima que os preside.

De nada lhe valera demorar seus olhos sôbre a terra-mater, posto que sabemos que as impressões da observação, se influenciam pelo estado dalma de quem as faz.

Meus senhores! Por força destes contrastes que são da natureza fisica como da espiritual, é que me apresento ante vossa benevolencia, galardoado para vos falar num posto de membro do Instituto Historico de Mato-Grosso, a que me conduziu a generosidade impar de amigos e conterrâneos.

Agradeço de publico a lembrança e a votação unanime do meu nome, feita à minha revelia, que me encheu de espanto, receio, ao passo que me confundiu.

Por força ainda destes contrastes, como a massa escura de vidas extintas que vogam no espaço entre fulgurações astraes, apareço ao lado de nomes conspicuos que brilham como sóes, nos anaes das bêlas letras do país inteiro.

Não costumo dizer cousas por méro formalismo, visando ao efeito ou em obediencia a praxes que considéro condenaveis e condeno convictamente.

Não me atenho a modestia, com vos ter dito as palavras que já passaram.

A modestia é peculiar ao que sobrevôa à craveira comum, que, porém, deseja, sem o conseguir, ficar no mesmo nivel dos que lhe são inferiores.

Não sou assim. Faltam-me talento e arte.

Ademais, a modestia é um prejuizo social, por acorrentar à ignorancia do publico, os benemerites ou quem os podia ser pelos relevantissimos serviços prestados, ocultando aos que precisam de lições, ideas sadias, uteis e exemplos dignificantes.

A propaganda é um poder reconhecido, acatado, de milagrosos efeitos.

Para bem da sociedade, quem a merece, não deve eximir-se a que seu nome e suas ideas apareçam, mas colocar-se na vanguarda, de viseira erguida, para o bom combate, em que a vitoria é serviço aos concidadãos e o amargo transe, bem suportado, não é deshonra.

Ensinar a criança ser modesta é feri-la na confiança das proprias forças, devendo-se deixa-la entregue às suas fantasias entusiasticas, que o mundo e a experiencia se encarregarão, oportunamente de conduzi-la para a verdadeira escuridão; não lhe antecipar, a ela, a reflexão da maioridade e desencanto do

mundo, como pudera aconselhar num de seus romances soberbos, o mestre Machado de Assis.

Estes contrastes ainda explicam que num dia de dôr filial, atenuada pelo tempo, e de saudades que não morrem, eu compareça nesta magnificente tertulia, quando me devera êle ser de recolhimento e de orações, invocando a imagem querida daquela que me deu o ser, cujo falecimento hoje comemoro, e a cujo heroísmo, conjugado ao do meu saudoso pai, ambos obscuros, feitos de trabalho tenaz, com a coragem dos fortes, devo a minha posição social e devo a alicia incontida de me aperfeiçoar na pratica da solidariedade universal, crente d'êla, do seu destino glorioso, da fraternidade eterna, sob a égide do Onipotente, forças das forças, que rege a movimentação sublime do Universo.

Ainda vem dos contrastes, a homenagem civica comemorando a aparição da estrela simbolica que marca o centenario do nascimento de um illustre e prestantê filho da nossa terra, maximé nessa profissão que Fernando de Azevedo diz ser de inegualavel benemerencia, ligando se, só fortuitamente na apparencia, misteriosamente, à comemoração recolhida, singela, da minha familia, à memoria da mulher Mãe que de tal modo concebia, instinctivamente, por influencia de pendores atavicos talvez, seus deveres civicos no lar e na sociedade, que, embora considerando os filhos, joias preciosas ao seu amôr desvelado, como a famosa dama romana, não trepidara, vezes muitas, em atira-los ao vertice de perigos em que arriscavam perecer, na exata compreensão em que os tinha, particularmente do dever militar, e dos sentimentos esclarecidos de honra, sobre os quais nada deve prevalecer.

Nosso culto e meu culto é de mortos, posto quiçá diferentemente, ligados em sua transcendente significação, e é por isso que nesta data, apagadamente embora, cumpro ordens de um carissimo amigo, o Dr. JOSÉ DE MESQUITA, que pela amizade me rende, pelo seu talento me confunde e seduz.

Bem dissêra CASTELAR, que sempre houve sombra, desde que surgiu a primeira aurora.

A sombra da minha desvalia intelectual entre pares eminentes e a brilhante e seléta assistencia, se projeta em toda a extensão do salão augusto, que, por tradição historica e de familia me toca ao coração, em cujo recinto oiço a ressonancia de vosses amigas, dos antepassados, liderados pelo prestigio da idade, da sabedoria, da bondade e do patriotismo, de AUGUSTO LEVERGER, Barão de Melgaço, em cuja personalidade, não sei mais o que admirar, se os feitos epicos do marujo, na defesa do rosso Imperio, se a ação serena e sabia do cidadão civil, na esfera particular, como na governança da nossa terra...

Foi artista de truz, exímio, na divina arte que Bellini afirmou, que difundida, dispensaria, pela perfeição que certamente lograria obter nas massas populares, instituições tradicionais, como policia, advogados, magistrados e forças armadas, que são reflexos da maldade humana, agravada pela falta de educação.

Lembro-me bem em criança, da alegria na casa do velho JOSÉ ESTEVÃO, a cujos descendentes sou ligado, menos pelos laços precarios de parentesco, do que pelos liames solidos de sentimentos afins.

A um neto permitira, ou animava talvez, o ensaio de um comercio incipiente, na tendinha infantil, em que expunha à venda aos intimos da casa, sabão da terra, sabonetes, bugigangas e quinquilharias.

Que é mais isto, se não antecipação do ensino moderno, vindo à luz, no Brasil, pela reforma planejada e executada no Rio de Janeiro, no quinquênio de 1927-1930, que no conceito de MANOEL BER ARDES, ex ministro do URUGUAI, realizou, em materia de ensino o que nem uma capital do mundo pode realizar: considerada por LEWALTER, professor do Instituto Francês, «uma verdadeira revolução que se operou no país», dessas pacificas, que no dizer de DISRAELI obram os estadistas, por dever, evitando as hecatombes violentas das revoluções armadas; considerada, por GERALDO SEGUÉL, da escola normal do Santiago do Chile, a mais vigorosa e a mais fiél, aos principios da educação nova, como também passou a ser o modelo para as outras e por Ad Ferrière, Diretor adjunto do Bureau Internacional, a obra, certamente, uma das mais notaveis do nosso tempo!

Sirvam estas citações para aqueles que querem, por moda corrente, ser deslembrados do tempo que antecedeu a revolução renovadora de 1930, consolidada e aperfeiçoada em Novembro de 1937, e que, como abissínios, apedrejam um passado glorioso e as gerações que o serviram com gaillardia, penhor do nosso legitimo orgulho nacional.

Que é mais isto, o trabalho musical em familia e a iniciativa da livre pratica da profissão que Papini qualificou de desonestidade legal, senão o balbucio dessa reforma que creou o trabalho em cooperação, de alunos, de professores e de mestres, a escola comunidade, de moldes mais democraticos, interpenetrando-se mais os grupos humanos, egualando as entidades na comunhão do trabalho e perante os interesses superiores da nação, se excluir o estímulo ao valor real dos que possuem qualidades mercantes que se relevam? essa escola, instituição social que deve enquadrar-se no sistema social geral e que por isso mesmo foi realizado com a colaboração efetiva de todas as

Veio esta sombra para realçar, posta ao fundo, como nos quadros de famosos pintores da Holanda, a brilhante assembléa aqui reunida, verdadeiramente unida, na pratica de altissimo dever civico e patriótico; e para, como os sacos de carvão da "Via-Latea", ressaltando as estrelas que a constituem, acentuando o fulgor das mais brilhantes, precipuamente mais destacar o querido e saudoso JOSÉ ESTEVÃO CORRÊA, aureolada figura nos fastos do serviço publico, e do nosso ensino official, não menos aureolada do ensino nas experiencias da vida, como cidadão, na sociedade, e chefe de familia, em a qual as fisionomias da sua ação diversificada, misturando-se e confundindo-se, são como sua antecipação da nossa compreensão mais larga e do nosso reconhecimento mais forte, agora, da grande e direta influencia da escola na sociedade, desta sobre aquela, ambas ligadas, por meio de instituições que irmanam pais, alunos, professores, mestres e centros de trabalhos variados, de forma que a primeira seja miniatura da segunda, na qual a infancia e adolescencia se exercitem e se preparem para a passagem ao palco ruinoso da vida pratica, sem abalos, e nele trabalhem por si e para si, com o sentido de cooperação social, sem o qual, o individuo não passa de mero egoista, nocivo à sua terra e ao seu povo.

Funcionario de escoli, éle o foi, distinguido pela confiança de ministros que o promoveram, permitindo-lhe rapida e brilhante carreira, sem favoritismo, em pleno ramo ascendente dos anos; e não desdenhou trabalhar, concomitantemente, pelo ensino, na sua terra natal, e nova distinção, então, lhe foi conferida, com a nomeação, feita pelo saudoso bispo D. JOSÉ, sem concurso, para reger, em carater efetivo, a cadeira de matematica, no Seminario da Conceição.

A carreira do magisterio foi tambem uma trajetória pontilhada de luz, na competencia e no carater que, se espraiando, fecundava novos cerebros, contagiava pelos exemplos a mocidade, dando-lhe modelos à formação moral.

Mestre do civismo, não se contentava, em limitar-se às festividades sem finalidades bem determinadas, convencionais e que não repercutiam além dos muros escolares, senão a promovera congregando escolas, com disciplina, ordem e metodo, ensejando vibração geral, contagiante, que ganhara os espectadores tambem.

Ourives das belas letras, são testemunhos da sua superioridade no maneja-las, os documentos impereciveis e monumentais nos assuntos que versava com originalidade, na linguagem que lhe era propria, escoreita, catita, filigranada de gemas preciosas servindo à uma imaginação borbulhante de sadio ideal.

classes sociaes, concorrendo,—com estabelecer inicialmente maior compreensão e estima reciproca entre alguns dos meios diversos,— para a efetiva realização da unidade nacional? dessa reforma que prevê, respeitada a unidade fundamental, diferenciações interessantes conforme as latitudes em que a escola é sediada, na zona urbana, rural e marítima, condicionados os programas à realidade social do meio a que deve servir?!

Meus senhores! Venerando professor JOSÉ ESTEVÃO CORRÊA!

Vou terminar. Fui longo, deselegante e fastidioso.

Falo a brasileiros que prezam a liberdade, no país livre, sem procurar medida, neste arremate, a convenções de protocolos e manuaes de civildade. No desatavio e desencanto das singélas e canhestrias palavras que vos dedico, consignai a boa vontade um admirador que também presta culto, obscuro elemento do Instituto Historico de Mat. Grosso, à vossa memoria bendita; e a sinceridade da intenção e o engano, em que caíu de alma lêda, do amigo que me designou.

Desta sinceridade me furo também, para, nesta homenagem e como homenagem, sob a augusta aboboda desta mansão sagrada, ponderar, protestar ainda, no derradeiro eco da minha voz, sôbre a ingratidão que significa o recente dispositivo, mediante o qual, ides ser privado, no vosso convívio, na constelação de patronos da nossa Academia de Letras, de vultos destacados da Historia Patria e vê los afastados porque estrangeiros de origem, que ao Brasil, porém, deram sua energia em longos anos de existência, na expansão do nosso territorio, na defesa do soló patrio e da honra nacional.

Não sou perjuro à disciplina, à devoção à ordem e ao acatamento devido às leis emanadas do poder que nos governa, o qual, sabiamente tolerante e magnânimo, ha de compreender na franquesa ativa desta manifestação civico-patriotica; não o seremos, nós brasileiros, ao nosso anhôr que devemos dedicar aos estrangeiros provaçamente leaes, que serviram ao Brasil com abnegação, pelo mesmo principio, em suma, de liberdade, que sacrificou tantos heróis e mártires; dessa liberdade, deusa imortal, que levou a morte a FELIPE DOS SANTOS, TIRADENTES, PADRE ROMA, FREI CANECA e tantos outros; que tem sabido mobilisar dedicações ferventes, e inspirou a BENTO GONÇALVES palavras vehementes de protesto, na proclamação famosa sôbre as coxilhas ondulantes do sul:

«Eu protesto à face dos Céus e dos homens, acabar antes nas ruínas da minha Patria do que vê-la escravizada...

Bem haja a Pátria de taes heroes!

ORAÇÃO DO PROFESSOR BENEDITO DE MELO PELO CORPO DOCENTE DO LICEU CUIABANO

Exmo. Snr. Representante de S. Excia. o Snr. Inter-
ventor Federal,

Exmo. e Rvmo. Sr. D. Francisco de Aquino Corrêa,
Exmos. Snrs. Representantes das associações cultu-
rais de Cuiabá,

Distinta e respeitável assistência :

A Academia Matogrossense de Letras e o Institu-
tuto Histórico de Mato-Grosso, como orientadores má-
ximos e autênticos do movimento intelectual entre nós,
vêm procurando incentivar o culto à memória daqueles
que pela ação destacada, servindo a Mato-Grosso e ao
Brasil, tornaram-se credores do respeito e admiração dos
pósteros.

Assim, personalidades que talvez estivessem irreme-
diavelmente relegadas ao esquecimento da coletividade,
têm tido os seus nomes lembrados e as passagens e-
dificantes de suas vidas apontadas às gerações presen-
tes, como exemplos dignos de serem seguidos.

E nesta casa, já tão cheia de gloriosas tradições pre-
téritas e presentes, e que passará ao futuro como pro-
va evidente do carinho com que são tratados por essa
pleiade ilustre, constituída pelos elementos que integram
as agremiações que aqui têm suas sédes, os assuntos
do espírito, sem outra ambição a não ser o renome do
nosso Estado lá fóra, sem outra recompensa a não ser
o inefável prazer que proporciona o convívio com as
coisas nobres e elevadas, são evocados aqueles que,
em diferentes setores de atividade, contribuíram para o
engrandecimento moral, intelectual e material da gléba
rica, bôa e carinhosa que nos serviu de berço.

Aqui se tem tributado as mais sinceras e calorosas
homenagens, não só aos que no campo da luta derrama-
ram o seu sangue estuante de civismo, pela integri-

dade da grande pátria brasileira, atestando de forma eloquente o valor de uma raça, a energia de um povo, mas também aos que desbravando os nossos sertões, vencendo as nossas cachoeiras turbilhonantes, riscando com a proa de frágeis embarcações a superfície, ora tranquila ora vertiginosa, dos nossos rios caudalosos, transpondo os espigões, palmilhando os nossos altiplanos e as nossas baixadas, revelaram ao mundo as nossas possibilidades, decerraram-nos as portas fulgurantes da civilização, continuando outros, até o present a abrir novas perspectivas a muitos recantos ainda inexplorados do nosso imenso território; aos que nas justas do saber têm provado que, neste recanto longínquo de planeta, também se tem amor ao estudo, também se sabe apreciar e cultivar as belas-letas e outras modalidades da arte pura e sublimada.

Esse culto merece todo o apoio e necessita de ser estimulado, uma vez que além de constituir uma prova cabal de gratidão, virtude digna de ser praticada e que evidencia o requinte moral de quem a exerce, serve igualmente de incentivo aos contemporâneos, porque como afirma um aforismo filosófico: « o passado é a semente do presente e o presente a semente do futuro ». E deve ser celebrado sempre com redobrado entusiasmo, muito especialmente nos dias que correm, em que a humanidade cheia de angústias e preocupações, se vê na eminência de ser arrebatada pelo vórtice do materialismo, de contemplar o trabalho gigantesco e glorioso de 20 séculos de civilização cristã em que os grandes gênios, quer no campo científico, quer no moral ou artístico, conseguiram elevar tão alto o padrão de vida do mundo, ser pulverizado pela avalanche da força, da brutalidade e do egoísmo.

Reuniões como esta que presenciamos agora, neste ambiente de paz e de suavidade, servem de verdadeiros oásis, onde podemos descansar as nossas almas e corações atribulados, mesmo que seja por alguns ligei-

ros momentos e têm ainda o grande mérito de demonstrar que a despeito de tudo quanto vemos, querendo provar o contrário, continuamos a acreditar na vitória do direito e da justiça e a certeza que temos, de que o triunfo definitivo, será mais uma vez, o do espírito sobre a cegueira do materialismo, que nada pode construir de perene, visto que se fundamenta na opressão, na falta de liberdade individual, na ausência da crença nesse Princípio Eterno, creador de tudo quanto existe, que habita em tudo quanto ocupa um lugar no Universo, por mais insignificante que seja, tendo, como sua mais alta forma de expressão na terra, a verdadeira fraternidade entre todos os seres.

Para rendermos êsse preito de admiração a mais um que dêle se tornou digno, para lembrarmos os méritos e o quanto fez para o engrandecimento matogrossense, é que nós nos congregamos neste instante compartilhando dêste festival, de onde as nossas almas saem confortadas pela música encantadora das cataduas de harmonia emanadas dos lábios dos oradores, outros que não eu, que abrilhantaram esta solenidade, embaladas pela delicadeza e perfeição dos versos declamados pelas gentis patrícias, que com a sua arte, contribuíram para realçar o brilho desta reunião.

Presados ouvintes: — O nosso homenageado como sabeis, é a figura veneranda de José Estevão Corrêa, um dos patriarcas dos educadores matogrossenses, que faz precisamente um século, viu a luz do dia, debaixo do pálio bendito do céu morno e querido da nossa Cuiatã. Aqui sempre viveu e aqui encontrou o último repouso o seu corpo, quando alquebrado pelos 77 anos de útil e trabalhosa existência, teve de ser restituído ao seio da grande mãe natureza.

Não é meu intuito traçar a biografia de José Estevão Corrêa, mesmo porque seria desnecessário, visto que o ocupante da cadeira, que o tem por patrono na Academia Matogrossense, o abalizado Professor Filogônio

da qual acertadamente diz o Professor Mello e Souza :
«é a base de todas as ciências e de todas as artes.»

Senhores : — O Liceu Cuiabano, essa conceituada casa de instrução, plena de tantas tradições gloriosas, em nome de cujo corpo docente tenho a honra de vos dirigir a palavra neste momento, como o único educandário sobrevivente dos que José Estevão Corrêa ilustrou com o seu conhecimento, com a sua proverbial bondade e com a sua dedicação ao ensino, e também por ser aquêle em que mais tempo murejou, não podia deixar de se associar com toda a alma, a essa homenagem que hoje é aqui prestada, rendendo o seu mais profundo e sincero preito de acatamento e veneração, ao benemérito e saudoso educador.

DISCURSO DO PRESIDENTE DO GRÊMIO 'ALVARES DE AZEVEDO' RUBENS DE MENDONÇA

Exmo. Snr. D. Francisco de Aquino Corrêa.
Snrs. Representantes das Sociedades Culturais.
Meus Snrs.:

«La Elocuencia es un don; sentenciou Vargas Vila, el más alto don que la Madre Naturaleza puede conceder a los escasos hombres, dignos de llevar este pedazo de Sol, sobre la Tierra. Embora não possua, a eloquencia dos oradores que me antecederam, jubilosamente, em nome do Grêmio Literário "Alvares de Azevedo" me associo à justa homenagem que a ilustrada "Academia Matogrossense de Letras" presta à memoria de José Estevão Corrêa, na data do centenário do seu nascimento.

O patrono da cadeira nº 13, ocupada pelo brilhante historiador Prof. Filogonio de Paula Corrêa, bem

Corrêa, com a sua autoridade inconteste de emérito historiador, já teve oportunidade de nessa mesma Academia, por esse tempo Centro Matogrossense de Letras, fazer um estudo completo do homenageado, ressaltando as facetas principais da sua fecunda atuação no cenário de nossa terra.

Quero apenas em rápidos bosquejos, destacar o prisma principal pelo qual pode ser encarada a sua personalidade — o de educador.

Abraçando a carreira burocrática, com o seu ingresso a 1º de maio de 1858, para o quadro dos funcionários da antiga Tesouraria de Fazenda, graças aos seus méritos reconhecidos, alcançou o lugar de contador, onde veio a aposentar-se a 30 de outubro de 1889.

Estava porem escrito que o melhor de sua capacidade, o maior do seu esforço, seria utilizado nessa carreira nobilitante e por isso mesmo cheia de urzes e precalços, a maior parte das vezes mal compreendida, porem que, quando bem praticada, como precisa e deve ser, eleva quem a desempenha à altura de um benemérito, ao nível de um perfeito sacerdote, — a carreira do magistério. E esse verdadeiro sacerdote o foi José Estevão Corrêa.

O espírito sábio e arguto de D. José Antônio dos Reis, de veneranda e santa memória, foi o descobridor das aptidões de José Estevão, para o professorado, indo buscá-lo para a cadeira de Matemática do antigo e reputado Seminário da Conceição, o mesmo estabelecimento em que fez o seu estudo de humanidades, onde deu a sua primeira aula no dia 2 de junho de 1870.

Dessa data em diante até a vespera do seu desaparecimento da face da terra, jamais deixou de ser professor, apesar da idade avançada que atingiu.

Em 1874 passou a lecionar na velha Escola Normal; extinto esse estabelecimento foi transferido para o Liceu Cuiabano, então creado e onde permaneceu até a sua morte, ensinando sempre Matemática, essa ciência,

merece ser lembrado nesta Academia, como exemplo de educador infatigável.

A sua individualidade poderia ser apontada através da sua atuação como deputado à Assembléa Provincial,— e na imprensa — onde, ombro a ombro com o padre Ernesto Camilo Barreto e o notável jornalista Ramiro de Carvalho, defendia os legítimos direitos da sua corrente partidária.

Filiado ao partido conservador, travou vigorosa polémica com o Prof. José Magno da Silva Pereira, eram como no dizer do poeta: «dois dignos rivais».

Como político, José Estevão encerrou a sua atividade no limiar do regimen republicano, dedicando então, mais aprimoradamente, a sua devoção aos problemas de ensino, que em verdade lhe foram sempre a preocupação mater da vida.

Ingressando no magistério secundário por nomeação do venerando Bispo D. José Antonio dos Reis, patrono da cadeira n.º 1 no Grémio Literário "Alvares de Azevedo", que tenho a honra de ocupar, já José Estevão, fazia parte do corpo docente da nossa primeira Escola Normal, extinta com a criação do Liceu Cuiabano, passando então ao quadro deste novo educandário. Lecionou, sem interrupção durante 47 anos. Quasi meio seculo, com grande esmêro e saber que lhe era peculiar, bastando isso para glorificar seu nome.

Não é justo, meus Snrs., esquecermos que, é da autoria de José Estevão, o regulamento da Instrução Publica de 1896, e que por feliz designação do Presidente Antonio Corrêa da Costa lhe coube a execução desse novo programa. E o brilhante desempenho que soube dar ao nobre encargo, marca uma página de ouro nos nossos anais de ensino.

Porisso, congratulo-me, com a "Academia Matogrossense de Letras" pelo expressivo gesto cívico que ora presenciámos.

PALMEIRAS HUMANAS

Discurso do Presidente do Grêmio Literário "Machado de Assis", Corsindio Monteiro, em nome dos alunos do Liceu Cuiabano.

No centenário de um de seus filhos, Mato-Grosso, por meio de sua Academia de Letras, se engalana para celebrar, em expressiva tertúlia literária, a lembrança de um professor e os louros de um grande poeta.

O poeta nessa figura admirável de Bilac, o poeta da Pátria, o poeta da infância, o poeta do amor e da mocidade.

A êsse «semeador de harmonia e de beleza», como diria Raúl de Leoni, a êsse burilador dos versos sublimes, cuja alma foi um cântico disperso, cheio da eterna música das cousas, em que toda a emoção, nos seus diversos tons e reflexos e côres, fala, pela sua palavra irisada de opala, feita de radiações e finas tessituras...

A lembrança de um professor, na passagem do centenário de nascimento de José Estevão Corrêa, lente de matemática do Liceu Cuiabano, em cujo magistério sempre deixou transparecer aquele «pontilhado de luz» que, refletindo nos corações de seus discípulos, os esclarecia, com a experiência de seus anos e a bondade de sua direção.

Segundo os infôrmes que colhi na interessante conferência sôbre o homenageado, lida em 14 de agosto de 1922 pelo acadêmico de quem tive a honra de ser aluno, — Bel. Filogônio de Paula Corrêa, — na simplicidade e pureza de estile do conferencista pude apreciar José Estevão Corrêa nos seus «traços mais eminentes da sua longa e agitada trajetória pela vida», seja

na de funcionário modelo, na de educador, no lar, ou na de político.

Como aluno que sou, evóco-o na figura de professor «enérgico e exigente» mas que sempre soube dar o estímulo e entusiasmo à mocidade estudiosa.

Aí estão visíveis nessa geração que passa, a afirmativa de que o professor faz o aluno.

No apostolado e não na ditadura do ensino, o professor é quem nos deve ser o maior amigo, o guia de nossas idéias sem que as deturpe, e o mestre propriamente dito, não o de profissão, o de aluguel, sem ideal, sem emoção, sem amor. Mas o vibrante, o sincero, o justo e que saiba viver a vida do aluno.

Diz-nos aquele conferencista de uma imponente festa escolar promovida por iniciativa do homenageado, nestas sinceras e expressivas palavras: Recebí eu nessa solenidade, que jamais se me apagou da memória, a medalha de primeiro prêmio de aplicação com que era recompensada a minha aprovação distinta nos exames do curso elementar. O estímulo e a emoção profunda que a cerimônia provocou em meu espírito de criança, foram tão intensos que eu desde então acostumei a venerar aquele velho que ali estava com a alma transbordante de júbilo remozada com o contacto da multidão infantil».

Oxalá assim pudessem sempre os alunos guardar no relicário de suas mais vivas emoções, a lembrança venerável de um professor.

Eu contemplo essas figuras, que me foram desde o princípio o fator de minhas preocupações, como apóstolos esquecidos pelo mundo.

Digo «das minhas preocupações» porque, ainda agora, analiso o professor, faço perguntas a mim mesmo, esqueço-me a meditar embevecidamente, e tanto é que às vezes me esqueço, me perturbo da lição, perdido dentro dela, e dentro de mim mesmo... Outras ve-

zes tomo nota de tudo quanto o professor diz, mesmo fóra de sua matéria, fóra do programa, não por querer saber mais, para aprender, mas por simples admiração.

Se o professor é austéro, de pouca conversa, car-rancudo, não me dou logo com éle, mas não lhe anti-patizo, não deixo de admirar como nos outros mais a-migos e quasi camaradas, aquela parte do "Tesouro da Juventude" que é uma verdadeira Enciclopédia dos Por quês, o Dr. Sabe-tudo das crianças...

O professor é um símbolo na vida. É a palmeira, eréta, firme, da paisagem das idéias. Depois que ficamos em contácto com o mundo é essa palmeira a primeira que avistamos num oásis de sabedoria cercada com a ari-dez causticante das multidões; e, no declinar da vida, se voltarmos os olhos para o princípio da jornada, lá esta-rá a palmeira, com o mesmo encanto estético, com a si-metria cantante de suas ramagens, que, a um tempo, são ramos e folhas, que mais parecem uma auréola que cir-cunda a cabeça de um triunfador.

Não poderá ser outro, para nós jovens, o símbolo do professor. A palmeira na sua magestade simples, so-berba e acclhedora, pois, ao passo que erguem para o céu as glórias de seus leques de esmeraldas, arqueiam levemente para a terra as suas madeixas, a-fim-de lhe dar a saudação de reconhecimento afetuoso.

Em cima o céu, em baixo a terra, e todos aque-les que ela beija com a sua sombra são seus filhos, a-queles filhos do "Adeus Mr. Chips" interessante roman-ce de James Hilton. Mr. Chips, velho professor, na so-nolência dos seus últimos momentos, cercado da vene-ração de seus alunos e de suas amizades, ouviu alguém cochichar, admirando de sua vida desolada, assim tão sòzinho.

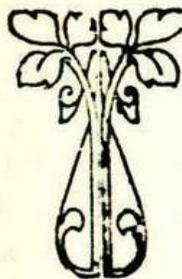
Indignado, com o esforço que lhe foi possível, con-seguiu murmurar: — "Eu ouvi vocês... falando a meu respeito... têm pena de eu não ter filhos..."

Ficando mais calmo pelas desculpas apresentadas, acentuou “com uma alegria trêmula”: — “Mas eu tenho, vocês sabem... Sim... eu tenho; milhares de filhos... milhares... e todos rapazes...”

E ao morrer já havia recitado o rosário dos nomes de todos os seus alunos...

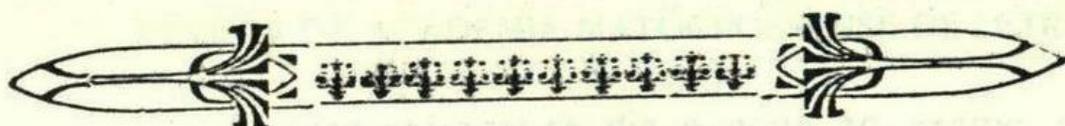
Cultuando a memória de José Estevão Corrêa eu o vejo nessa glória de professor que foi a admiração desses seus milhares de filhos.

É a palmeira da posteridade dedilhando o reconhecimento nas cordas memoráveis do presente a imagem venerável do passado.



O DIA DE RONDON

A ACADEMIA COMEMOROU A 5 DE MAIO DE 1940, JUNTAMENTE COM AS OUTRAS SOCIEDADES CULTURAIS DE CULABÁ, O DIA DE RONDON. DAMOS, A SEGUIR, OS DISCURSOS PROFERIDOS NESSA BELA FESTA PELOS ACADEMICOS JOSÉ DE MESQUITA, ISAC PÓVOAS, OLEGARIO MOREIRA DE BARROS E FRANCISCO MENDES.



O DIA DE RONDON

**DISCURSO DO ACADEMICO JOSÉ DE MESQUITA,
PELO INSTITUTO HISTORICO DE MATO-GROSSO**

O Instituto Historico de Mato Grosso preitêa na pessoa do seu presidente honorario, o general Candido Mariano da Silva Rondon, a propria terra natal, encarnada num dos seus homens-simbolos. Porque Rondon, meus senhores, deixa de ser um nome para se tornar a personificação viva e palpitante da gleba matogrossense, com a qual se identificou totalmente, pela sua vida e pela sua obra. 50 anos atrás êle entrava simples tenente do glorioso Exercito Nacional, ao lado do tenente-coronel Carneiro, os sertões do Leste, ligando Cuiabá às extremas orientais onde o Araguaia deslisa placidamente as suas aguas. 17 anos após, já coronel, iniciava a penetração do Norte misterioso, aproximando Cuiabá do longuinquo Santo Antonio do Madeira e abrindo ao mundo esse mundo novo, que é a Rondonia.

E a Comissão Rondon tornou-se o laboratório vivo dos estudos de geografia, etnografia, da flora, fauna e riquezas minerais de Mato Grosso. Uma verdadeira pleiade de sabios, especializados nos mais diversos ramos, se formou em torno de Rondon, o grande propulsor e animador desses estudos. E Mato Grosso passou a ser conhecido e divulgado e a interessar os observadores extranhos através dessa farta messe de monografias, ensaios e trabalhos técnicos da Comissão Rondon.

A par dessa grande obra de ciência e divulgação, está a sua obra social e politica na pacificação dos indios, na abertura de estradas, no incremento de povoações, alargando as fronteiras da civilização dentro dos lindes geograficos do Estado.

E por onde passava, com os seus soldados e os seus caboclos, Rondon ia estendendo os fios do telegrafo, que os indigenas, no dizer de Roquete Pinto, expressivamente cognominaram «lingua de Mariano». E, na obra rondoniana, grandiosa como cariatides enormes, avulta esse fundo sublime da bondade, porque Rondon se abeberou desse «leite da ternura humana» sem o qual são precárias e falhas todas as iniciativas.

Exemplo vivo temos na sua atitude diante do indio e do sertanejo, cujo protetor natural se constituiu, chegando a fraternizar inimigos seculares, como os parecis e os nambikuaras. Rondon é bem, por isso tudo, um homem-símbolo, desses que, como Luiz de Albuquerque e Ricardo Franco, durante o regime colonial, Luis de Alincourt e Leverger, na fase monarquica, marcam uma epoca, através da sua atuação e dos seus estudos.

Porque, senhores, trabalhar por Mato Grosso é isso—renunciar, anos a fio, ao conforto e ao bem estar, pelos riscos e agruras da vida rude do sertão. É sentir nos seus mais intimos palpites, a alma do silvicola, do caboclo, do brasileiro que vive no recondito das matas e dos caapões solitarios, conservando como em rijo cerne as energias vitais da nacionalidade.

É esse entregar-se dia e noite ao exame de nossos problemas fundamentais, aprofundando as nossas origens ráticas, como as componentes hidrográficas e as formações geológicas de nossa imensa Interlândia. Póde bem dizer que viveu pela sua terra, quem assim viveu, mixto extranho de sábio e de bandeirante, e que se póde afirmar traçou a carta de Mato Grosso cortando-lhe, palmo a palmo, o territorio, devassando as nascentes dos seus rios e galgando os espigões de suas serras.

O Instituto Historico não cultúa outras grandezas que não as que defluem dessas credenciais do trabalho, do patriotismo e do estudo—e sente se, por isso, bem, ao resgatar velho compromisso, expondo hoje, na sua séde ao carinho e à admiração da nossa gente, a efigie dum dos servidores máximos de nossa terra.

Hoene, um dos emeritos colaboradores da obra de Rondon, aponta, entre os principes do nosso reino vegetal, dignos de menção pela beleza e agigantado do seu porte—o anajaz, *maximiliana regia*—palmeira de grandes frondes, cujas copas magestosas se elevam sobre a paisagem, indicando, geralmente, bom terreno.

Nós podemos vêr em Rondon o anajaz, que pompeando em altura e grandeza, pela sua obra ciclópica, é bem, na selva matogrossense, a palmeira que, nascida em meio aos pantanais do Mimoso, nesta bôa e generosa terra cuiabana, hoje braceja a fronde fecunda e benéfica não só pela vastidão do nosso Estado, mas dum extrêmo a outro da Patria, como uma das mais sadias afirmações do espírito vivo da brasilidade.

Dêie se poderá dizer como do Rondon do século-bandeirante, o estro bilaqueano numa pagina imortal:

Germinarão as sagradas sementes
 Das gotas de suor, das lagrimas ardentes!
 Não de frutificar as fomes e as vigílias,
 Quando, um dia, povoada a terra em que te deitas,
 Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,
 Quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias.

Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,
 No esto da multidão, no tumultuar das ruas
 No clamor do trabalho e nos hinos da paz!
 E subjugando o ovido, através das idades,
 Violador de sertões, plantador de cidades,
 Dentro do coração da patria viverás!

DISCURSO EM NOME DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS PELO PROFESSOR ISAC PÓVOAS

Traz-me hoje a esta tribuna, a incumbência honrosa que recebi, de vir representar a Academia Matogrossense de Letras, nesta empolgante solenidade promovida pelo Instituto Historico de Mato-Grosso, para homenagear um nome que, para se dizer com justiça, é a maior e a mais viva encarnação do valor, da abnegação e do heroismo.

Aceitei-a sem hesitar, embora estivesse plenamente convencido de que qualquer dos meus ilustres consócios daria maior e mais satisfatorio relevo á delegação recebida, porque vi e senti que um imperativo a mais determinára minha escolha: esse que provém do cargo que exerço nesta capital.

Venho, pois, trazer tambem a coparticipação da cidade de Cuiabá a esta justa consagração de um conterraneo que, pelos seus feitos dignos e meritórios, ascendeu aos pincares da gloria, constituindo-se um orgulho legítimo de sua raça.

Os estreitos limites deste discurso, me não permitem, senhores, traçar-vos a biografia desse grande brasileiro, desse insigne patriota que é o General Candido Mariano da Silva Rondon, como não permitem tam-

bem a enumeração completa dos assinalados serviços prestados com tanto desprendimento, com tanto devotamento e com tanto amor não só a esse glorioso Exército Nacional do qual é, indiscutivelmente, um dos mais lídimos ornamentos, como ao Brasil, sua pátria ditosa.

Uma e outra cousa deverão ser feitas por mãos amestradas, na paz silenciosa dos gabinetes, compulsando a sua vastíssima obra e os estudos e trabalhos sobre o mesmo assunto realizados por homens de ciência e institutos científicos, por intelectuais e publicistas notáveis.

Só assim, poderá ser retratada com fidelidade essa personalidade de eleição e apreciado o valor dessa obra ciclópica, que está a afirmar no presente como o fará com mais eloquência no futuro, que «nunca, entre nós; o heroísmo na paz, possuiu um representante mais perfeito e acabado do que Rondon— nome esse que, ainda em vida daquele que tanto o vem nobilitando, é já um símbolo — símbolo de amor desinteressado, de altruismo puro, de coragem que não pôde ser medida, porque raia pelo valor espiritual dos verdadeiros apóstolos, e é praticado como um dever singelo, sem o delirante impulso do denodo guerreiro».

Só assim poder-se-á sentir o seu acrisolado patriotismo que o fazia sofrer com resignação estoica as agruras sem nome que proporciona incessantemente o contáto com a Natureza hostil e misteriosa, contanto que desse á Pátria estremecida os serviços que ela lhe cometera, confiante no seu valor.

Lembro-me haver dito alguém, com muita felicidade, que «melhor, mais util, mais difícil do que morrer pela Pátria, é viver para ela».

Ninguém deu provas mais irrefragáveis da veracidade deste conceito do que o grande, o intemerato desbravador dos sertões matogrossenses.

Ninguém serviu a sua pátria com tanto saber, com tanto devotamento, com tanta coragem e desinteresse

do que o grande General Rondon, a quem o Brasil inteiro rende hoje com justiça, o preito da sua estima e gratidão, encarando-o como nosso legítimo padrão de glória, como nossa reliquia veneravel, como nosso patrimônio moral de inestimavel valor.

E dizer-se que a gloria que lhe circunda o nome nasceu do seu merecimento próprio, filha legitima que é desse aprumo moral que todos admiram, mas que só pode ser ostentado na vida por quem trouxe do berço a marca do gênio.

Dará seu assentimento pleno a esta afirmativa, quem, como eu, considerar que Rondon não teve pai alcaide. Cresceu sózinho, como as erétas palmeiras que bordam as verdejantes e interminaveis campinas mimosseanas, onde respirou, ao nascer, o primeiro ar.

Ingressando para a Escola Militar como simples soldado do 3º Regimento de Artilharia Montada, com praça verificada em Cuiabá, no Quartel de Acanpamento Couto de Magalhães, depois de haver completado no Liceu Cuiabano os seus estudos preliminares, não levou o joven matogrossense para aquele reputado estabelecimento da Praia Vermelha outra recomendação que não fosse a sua inteligência vivaz e o seu desejo ardente de saber.

Foi, indiscutivelmente, a sua inteligência privilegiada e o seu talento formoso que o indicou para Benjamin Constant, quando ainda no primeiro posto do Exército, para lente substituto da 1ª. Seção da Escola Militar, repetindo a cadeira de Mecânica e lecionando a de Astronomia.

Mas, não foi além de seis meses a docencia provéta.

O valoroso Major Gomes Carneiro, o brilhante militar que não se contentara com os bastos trofeus colhidos na Guerra do Paraguai, indo escrever em seguida a epopeia da Lapa, o major Carneiro, repito, conhecendo o valor pessoal de Rondon e o seu decidido pendor

para as arrancadas sertanejas, foi buscar em 1890, o joven 2º tenente de artilharia, engenheiro militar, para ajudante seu, na Comissão Construtora de Linhas Telegraficas de Cuiabá ao Araguaia.

Deixando Gomes Carneiro, logo no inicio do governo republicano as funções de chefe dessa Comissão, indicou para substitui-lo o nome de Rondon, não hesitando o Marechal Floriano em conceder-lhe a investidura honrosa.

Em 1892, chegava a esta capital, apertado em seu uniforme de 1º tenente o novo chefe do Distrito Telegrafico de Mato-Grosso.

Já a essa época seus conterraneos sentiam que o sol da gloria começava de projetar seus raios sobre a fronte esperançosa do joven oficial da engenharia brasileira, para mais tarde inunda-la inteiramente de luz.

Dentro de breve tempo, estava ligada pelo telegrafo Cuiabá ao Araguaia, recebendo logo o heroico oficial que a havia levado a bom termo, nova incumbência do Governo Federal.

Desta vez era a construção das linhas telegraficas para as fronteiras do Paraguai e Bolivia, ligando a capital matogrossense a esses lindes ocidentais do Brasil com escala por todas as cidades da zona meridional do Estado.

Mal acabava de ser realizada essa obra de tão surpreendentes proporções, já entregava o governo da Republica pelas mãos do inolvidavel Presidente Afonso Pena ao valente sertanista Rondon, que então trazia em seus punhos os galões de major, o arrojado cometimento de chefiar a Comissão, nessa época creada, de Linhas Telegraficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas.

Feito magnifico, surpreendente, foi esse, não só por ser a maior penetração feita pelos sertões adustos do Brasil, como tambem pelos óbices de todos os matizes que erram por essas regiões inóspitas e que exigem dos

seus palmilhadores audazes, construções especiais, tocando mesmo ás raias das têmeperas de aço.

Apreciando o valor dos seus companheiros nessa arrancada sublime a serviço da Patria, disse o intrépido Bandeirante do século XX, que revelaram de quanto são capazes os brasileiros quando norteados por um grande ideal... e por um grande chefe, acrescentaremos nós com justiça.

O seu amor aos índios, o seu decidido carinho para com esses nossos irmãos das selvas, a mentalidade nova introduzida pelo eminente sertanista patricio no trato com essa raça que ainda permanece na infancia da civilização, valeu-lhe a escolha da sua personalidade de escol. para chefiar, como Diretor Geral, o serviço mais republicano da Republica - o de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais, instituído em nosso Paiz em 1910.

Não quero, senhores prender por mais tempo a vossa atenção com a citação de uma vasta sequencia de serviços ininterruptos, prestados no longo periodo de 57 anos, serviços estes suticientes, cada um deles, isoladamente, para sagrar benemérito quem os tenha realizado do modo por que o fez o heroico general matogrossense.

Deixemos, para ocasião mais oportuna, um meticoloso exame sobre a atuação profícua do Diretor dos Serviços de Engenharia do Exercito; do destacado relevo que teve o ilustre membro da Expedição Roosevelt-Rondon; da elegância moral do Comandante das forças em operação nos estados de Paraná e Santa Catarina e do meticoloso e arguto Inspetor de Fronteiras.

Foi sómente por ocasião da revolução de 30 que vimos cessar as atividades técnicas e sociais do eminente lutador.

Destituído das suas funções, recolhera-se o valeroso soldado brasileiro com sua longa bagagem de bene-

merências, para o gineceu da Família entregue exclusivamente às afeições dos que lhe são caros.

Nesse momento de efervescência política, de explosão das competições, a inveja aliada à paixão, tentaram denegrir a obra edificante e a personalidade brilhante e impoluta do impeterrito servidor da Patria.

Surge, por fim, o dissídio verificado entre a Colombia e o Perú, em consequência do conflito internacional de Leticia.

E o grande continuador da política pregada por José Bonifácio, o prestigioso republicano General Rondon é chamado para ser integrado como Delegado Brasileiro na Comissão Mixta que resultou do art. 6º do Protocolo assinado no Rio de Janeiro, a 24 de Maio de 1934.

A estrela mágica do grande soldado brasileiro, apontou o seu nome aureolado para o posto honroso. Queria vincula-lo à primeira comissão organizada no Continente Sul Americano, com caráter internacional, para conciliar povos fronteiriços, intimamente ligados por tradicionais vinculos de amizade.

E' essa mesma estrela que o conduz á Presidencia daquela Comissão, onde a sua atuação felicissima, mereceu os mais francos elogios, valendo-lhe aquela extraordinaria manifestação recebida na grande metropole brasileira no ano passado.

Volveu da fronteira noroeste do Brasil o bravo general para ver a sua fronte veneravel corcada com mais um louro: — o da diplomacia.

E o astro de primeira grandeza, dissipando o fumo tênue da inveja e da paixão, fulge, novamente em todo o seu esplendor, no cenário do Paiz, edificando as gerações.

Salve, Rondon!

RONDON E O INDIO

ORAÇÃO PROFERIDA PELO ACADEMICO OLEGARIO MOREIRA DE BARROS NA SESSÃO DE GALA PROMOVIDA PELAS SOCIEDADES DE CULTURA EM HOMENAGEM AO GENERAL CANDIDO RONDON.

Terminado o curso da Escola Militar e promovido a segundo, depois a primeiro tenente, veio Candido Rondon ocupar o posto de ajudante da Comissão de Linhas Telegraficas desta cidade ao Araguaia.

Findo esse trabalho, crusou o destemido matogrossense, de 1900 a 1904, os pantanaes dos rios Paraguay, S. Lourenço e Taquary, na construção da linha que liga esta capital a Corumbá e de suas ramificações para Aquidauana e Forte de Coimbra. Foi a esse tempo que o vi pela primeira vez. Um grande alvoroço percorria a fazenda Firme, onde então me encontrava, pertencente ao meu finado tio afim, coronel Joaquim Gomes da Silva. Esperava-se o capitão Candido Mariano! Fazia eu uma idéia do illustre itinerante muito distanciada da realidade julgava-o um gigante, homemzarrão possante, ouriçado de armas, barbas caindo em rolos negros sobre a cintura.

Para mim, que mal entrava na quadra da adolescencia, só um homem de rusticidade, de bravura de tal monta, especie de domador de leões, poderia enfrentar e vencer as montanhas de dificuldades erguidas do chão traçoeiro daquelas matas hirsutas, povoadas de serpentes, mosquitos e onças, e dos campos brejosos que marginam o Paraguay, o S. Lourenço e o Taquary. Somente assim armado, precavido, quasi feroz, a homem de ferro ou de aço, seria possivel realizar essa obra gigantesca, ainda não bastante celebrada, que é bem uma sublime epopéi: de novo bandeirante a plantar a fieira interminavel de altos postos, cerne pesados de aroeira e piuva, que, a um de fundo, como força de penetração, vão furando os vastos desertos matogrossenses, ao lado dos quais já florescem numerosas povoações.

Estava eu a fornar, dando pano á fantasia, essas conjeturas, quando assomou á porteira do cercado, que delimitava o pateo gramado da fazenda, o capitão Candido Mariano.

A essa altura alguem, a meu lado, anunciou que viria, em sua companhia, um indio.

Confesso-vos, não me soou bem aos ouvidos essa novidade; e, não iria longe dos fatos, se vos dissesse que, instintivamente, para me não utilizar de outra expressão, procurei o apoio dos maiores num movimento espontaneo de defeza. Pois seria possivel tal temeridade? Um bugre, um indio naquelas paragens pacificas? Passou-me, então, pela mente dos meus verdes anos, que nunca tinham visto um bugre autentico, desses que, depois, me foi dado encontrar transitando, livremente, pelas ruas desta cidade, uma dessas numerosas cenas tragicas, em que os primeiros colonizadores de nossa terra morrem a golpes de tacape, ou atravessados por flexas venenosas. Mas o engano foi curto. Nem era capitão do mato o patricio, illustre já por varios titulos, nem o bugre recémchegado lembrava o selvagem, a ulular, tacape em punho, sobre a cabeça do arrojado aliénigena.

Era o capitão Caudido Mariano um caboclo forte, guapo e sorridente, que, á primeira vista, empolgava fascinando a todos os que dele se aproximavam; e o indio não passava de uma criatura inofensiva, rapasito moreno, vivo, agil e simpatico, despido das penas vistosas e sem as flexas mortíferas.

A duas luzes, realmente, era visto o indio pelos estudiosos da nossa historia. Ou no cristal se refletia a imagem real do selvicola, ou, esbatia-se, afastando-se da realidade. E, o que custa acreditar-se, é que, mesmo depois de haver Rondon iniciado a campanha a favor do nosso indio, e oferecido em seus brilhantes relatorios uma colheita farta de dados concretos, de afirmações positivas, ainda se extremassem opiniões a este respeito.

Na critica apressada, presa de velhos preconceitos, houve quem deitasse aos ombros do indio a maior indolencia e ignorancia e incapacidade e depravação deste mundo. E a tal ponto cresceu essa miopia analista, que se chegou até a preconisar, como medida de higiene social e providencia economica, o extermínio sistematico de certa tribu a balaços officiaes, de vez que devia ser considerada fator inaproveitavel e de invencivel resistencia á nova adaptação.

Cedeu, felizmente, este falso conceito sobre nosso indio para honra de nossa cultura e bom nome do sentimento nacional. Contra a doutrina da crueldade, da caçada homicida, prevaleceu a voz de Anchieta erguida das planícies de Piratininga, voz que repercutiu no coração de padre Vieira. José Bonifacio, e tantos outros até se converter nesse grito forte que, já ha 40 anos, ouvimos, grito de humanidade e de justiça, em defesa de uma classe obscura, mas forte—a voz de Rondon!

Desfez-se o engano ante a eloquencia dos fatos. E são esses fatos que nos affirmam que esse homini nudi e formosi é

o exemplo de higidez física comparavel á beleza nua dos helenos das olimpiadas. "Iguaes musculos longos, peitoraes largos, hipertrofia do tronco, aproximando inesperadamente um chavante ao Marte Borghese, ou um «canoeiro ao Discobolo», opinam viajantes alemães modernos, consoante aponta Almeida Prado.

Afiçam-nos eles assim que a hipotese de uma invencivel ignorancia ou incapacidade á nova adaptaçãõ, é absolutamente improcedente, constituindo-se uma afirmação abstrata desamparada de provas. Provas em contrario, e abundantes, sim, oferece-nos a cronica. Colhem-se, em grande numero, na brilhantissima defesa oposta por Horta Barbosa no seu folheto «Pelo indio e pela sua proteçãõ official» e não sereis vós meus senhores, que ideis negal-as, tão á mostra se encontram no ambiente matogrossense.

Se lhe sobra, ao indio, resistencia organica conquistada em exercicios diarios de saltos, natação, remo e jogos desportivos, ao ponto de serem imitados no collegio de atletas de Reims e em Joinville le Pont, pouco antes de 1914, introduzidos no sistema de cultura fisica e racional do tenente Hubert, não lhe escasseiam, igualmente, nobres sentimentos, delicadeza de sensibilidade e, mesmo, veio de encantadora poesia que nos toma a alma de suave e enternecida emoção.

Nem outro sentimento exprime a saudação lacrimosa, e as suas lendas, as suas lindas lendas povoadas de misticismo. Vale lembrar-vos, a esse respeito, o mimo, a joia, positivamente uma joia, a lenda poetica de Tahina-Can, Estrela vesper, recolhida pelo capitão Pedro Dantas, da boca de Capitichana, chefe dos Carajás que habitam a margem do Araguaia.

Foi a esse elemento vigoroso, inteligente e sentimental, compreendido tão a fundo pelo genio de Rondon que, pelo decreto 8.072, de 20 de Junho de 1910, de sua inspiraçãõ, se deu proteçãõ official, glorioso remate aos atos de 1587, 1630, 1755, 1831 e 1845, que consagravam uma politica humanitaria de defesa do indio.

E foi esse decreto, tão justo quanto sabio, que, se não nos trae a memoria, os Estados Unidos da America do Norte, espirito pratico por excelencia, incorporam em sua legislaçãõ.

Dedicou-se, afoita e incansavelmente, o conterraneo illustre, por mais de 40 anos, a essa missãõ gloriosissima, em um tempo economica, politica e social. Nela, embranqueceram-lhe os cabelos, mantendo-se, entretãnto, sempre forte e moça a alma; conquanto a saude, algumas vezes, fosse atacada, tantos factores hostis que a mata bruta agasalha a assediavam, jámais lhe desceu

o índice dessa dedicação inquebrantável de apóstolo, tão integrado estava no seu ideal.

Para execução desse programa de longa duração e de obstáculos sem conta, armou-se Rondon de tolerância e de bondade, e, mesmo quando atingido, em cheio, pela seta do índio traiçoeiro e tenaz, ainda a sua voz de comando foi a voz do amor, da mansidão e do carinho. E assim procediu porque tinha bem presente a razão dessa hostilidade do índio contra o branco, esquecido este da mansuetude do alvará de 1755. Realmente as guerras semestrais, de pris contínuas, desenvolvidas pelo branco para a escravização e para o tráfico dos índios, revogaram aquele mandamento.

D'ali a aspereza, a rudeza da tarefa que alegremente aceitou e d'ali a necessidade dessa persistência de beneditino para lograr convence-los da chegada de uma nova era. Foi-se então, aos poucos, escrevendo essa história maravilhosa de coragem e de patriotismo jamais excedido, mas ao cabo dessa luta conseguiu Rondon redimir um mundo obscuro e sofrido. O velho bacamarte emudeceu, passando a palpitar somente o coração humano. Cairam, uma a uma, não derrotadas, mas vitoriosas, sob a bandeira da pacificação, as nações indígenas. Desarmaram-se as tabas, flexa e tacape a um canto, ao cerco suave, e cada bugre, ontem explodindo em furor, veio receber o grande vencedor e o grande amigo, e com ele acconchegar-se ao seio amoroso da Pátria comum.

Eil-os, quasi todos já integrados na comunhão nacional: Boróros, Parecis, Salumás, tantas e tantas outras nações!...

Engalanou-se a nossa história ao recolher acontecimento de tamanho vulto. Preciso se torna agora, que o cante um grande poeta, cristalisando num verso em que se espelhe toda a grandeza do civismo que inflama esse novo bandeirante, especie de hino para que as nossas crianças, nos dias de alta vibração patriota, o cantem, porque na gloria de Rondon também glorificamos o Brasil.

RONDON E O NORTE

PELO ACADEMICO FRANCISCO MENDES

Ao findar o último quartel do século dezenove, a extensa zona do norte matogrossense permanecia num imenso insulamento, após o malogro das expedições chefiadas pelo sacerdote salesiano N. Badariotte e pelo subdito francês Alphonse Roche, que tentaram desvendar a mística que encobria os sertões do Juruena.

A afoiteza dos rudes desbravadores sertanejos, impelidos pela cubiça do ouro negro, que proporcionava então a riqueza pública e a particular, continuava, entretanto, a investida contra a selva bruta, penetrando os seus arcanos insondáveis, quase até às faldas da "Serra do Norte", em busca da árvore prodigiosa, em cujo cortejo pulsava a seiva fecunda e ambicionada do comércio remunerador.

E as tropas precursoras do progresso, tangidas ao som cascavelante dos chocalhos, amarelando os ligais por entre a esplendente verdura da flórá nortista, enchia a natureza virgem, com cuja voz maravilhosa, a toada dolente do caboclo preludiava, de par com a harmonia comunicativa dos passaros despertos, desde o dilúculo risinho à hora merencorea da tarde, nas ramagens magníficas da grande mata, em cujas franças, ninhos suspensos balouçavam ao pipilar amoroso de novas vidas promissoras.

Pelos recantos sombrios da antiga vila, às margens do ribeiro cristalino, nos serões das noites enluaradas, sob o dossel plumbeo, em cujo seio imenso fervilhavam miríades de estrélas, numa refulgência intermitente, inconstante na cintilação policrômica e esplendorosa da sua magnificência, as lendas fabulosas, iam espalhando,

de geração em geração, a portentosa maravilha da veneranda selva, envolta na sua misteriosa expressão geográfica, como a desafiar o genio destemeroso, capaz de desvendar o seu grande e inexplicavel enigma.

Foi, por entre alvízaras entusiasticas, aos repiques festivos e iterativos dos sinos na torre vetusta da igreja, que o então Coronel Candido Mariano da Silva Rondon, inaugurou em 1907, a estação telegráfica de Diamantino, ligando com o traço metalico da civilização, a lendária vila da Conceição à Capital do Estado.

Realizado êsse empreendimento, ia iniciar o intermerato desbravador, a fase mais delicada da sua missão—a descoberta do Juruena, cuja dúvida constituia a incognita terrivel, e cuja decifração pressagiava a alma crédula da boa gente do sertão.

Quando a 2 de Setembro de 1909, ao esfusiar iterado dos capoeirões nos laranjais em festa, partia de Diamantino o último lote da tropa, que precedia os expedicionários, um imenso pressentimento envolvia a alma diamantinense!

—A grande e secular floresta que se estende pelo norte em fora, num interminavel oceano de verdura, soberba na sua configuração, majestosa na polimorfia dos seus troncos, suntuosa na disformidade das sapopembas, verdadeiros latibulos em cujas concavidades se alapardam as feras e os repteis, dryadas e amadryadas, duendes fantasticos, numa promiscuidade extravagante, alargava a cordoalha entrelaçada das lianas, vinculando caules, unindo ramagens, ligando estipetes, para envolver na sua trama imaginária, a ousadia e a intrepidez do civilizador destemido.

Mas, a inteligência, haveria de vencer a força da natureza; a perseverança e o valor, sobrepujariam os mistérios da terra; a coragem e a vontade humana, dominariam as resistências do Universo; o lutador, não cairia na terra que desvendara, e, Rondon, inscreveu

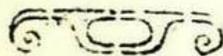
nas páginas da História Pátria, o seu triunfo sôbre o imprevisto, a sua vitória pela civilização, immortalizando uma raça, glorificando uma classe, enaltecendo uma nacionalidade.

Assim foi, que, vencendo intempéries, espionado, repellido pelo incola, expondo a vida às inclemencias de caudais desconhecidos, a 20 de Outubro daquele ano, alcançava a expedição o vale decantado do famoso tributário do Tapajós.

Hoje, quando o ruído dos motores, que na sua faina civilizadora, deslizam céleres, sulcando as paragens reconditas do norte matogrossense, entrecruzando pela vastidão infinita dos planaltos, ora fraldeando serras portentosas, ora descendo os contornos de espigões verdejantes, ou penetrando as gargantas abertas nas lombadas das montanhas; aqui vadeando torrentes, alí rompendo paúes, afuroando matas, fala em cada tronco a epopéia do bandeirante audaz; suspira nas encostas, a odisséia estupenda que envaidece a Pátria; canta o zéfiro, no farfalhar dos galhos, a grandeza épica de Rondon; sussurra em cada recanto o poema heroico da conquista, celebrando a vitória da inteligência contra as forças imutaveis da natureza.

Hoje, quando a civilização moderna, volvendo a vista para o oeste pátrio, num lance brilhante de clarividência, desfralda a bandeira feliz do trabalho, em busca das riquezas brasileiras, ex-surge, ó norte de Mato Grosso, para entoar hosanas ao filho gigante, que engrandecendo a Terra do Berço, elevou-a com a sublimidade moral e edificante do seu feito, às alturas imarcesciveis da glória.

Salve, Rondon!



Descendentes de Lázaro

MARIA DE A. MÜLLER

A Revista da Academia julga-se no dever de arquivar em suas páginas este oportuno trabalho da lavra da iuste acadêmica D. Maria Müller, não só como homenagem ao seu belo espírito, mas ainda para que se veja, através da bela Campanha de Solidariedade que empolgou o Estado, que a Academia é fiel refletora de toda a vida matogrossense, no que ela tem de nobre e apreciável.

Os filhos dos leprósos não trazem, ao nascer, o estigma paterno: afirmam-no os mais eminentes leprólogos; provam-no os Preventórios em funcionamento.

É confortadora esta certeza que visiona, como consequência, para breves dias, a extinção do horrroso mal na face da terra.

Foi nas viagens empreendidas pelos Estados Unidos e pela velha Europa, observando a ma eira como lá procedem, desde decênios, os que se dedicam a livrar a humanidade do triste flagelo, que D. Eunice Weaver reconheceu a necessidade inadiável de uma campanha ordenada e tenaz no Brasil, onde andavamos nesse terreno atrazados demais.

E voltou, a futura Presidente da Federação das Sociedades Pró-Lázarus, trazendo na alma iluminada, nascida para grandes empreendimentos, e no coração generoso de mulher e patriota, o germen de uma idéia arraigada: erguer no Brasil o pendão de guerra aos antigos e prejudiciais preconceitos que acorrentaram durante séculos — jungidos ao anatema paterno — os infelizes descendentes de Lázaro.

E a obra de benemerência, que encontrou guarida no coração magnânimo do grande Presidente Getúlio Vargas, aí está a dar frutos: por todo o País, os Preventórios se sucedem e os Leprosários se transformam: aqueles são um pórtico de libertação, estes deixam de ser cárceres sombrios e apavorantes.

Disse-me D. Fúnice, da última vês em que nos avistamos: «Eu já não terei o horror de ficar morfética, quando no Brasil já existam colônias como as de São Paulo e do Espírito Santo e outras que vêm se erguendo em diversos Estados. São elas verdadeiras cidades, com bôa iluminação, casas confortáveis, hospitais, farmácias, cinemas, casas de moda, festas, exposição de arte e cultura. E, acrescentou: «Na Colônia do Padre Bento, em São Paulo, assisti duas moças, contentes, prepararem-se para um baile: com vestidos decotados, passando rouge e baton.»

É esta grande dama que Cuiabá, dentro de poucos dias, vai receber e hospedar.

Saibamos corresponder ao seu generoso e ilimitado devotamento pelos que sofrem.

Correspondamos com fervôr ao apêlo que ela nos vai dirigir. Mostremos que somos dignos descendentes do povo bandeirante, o primeiro Estado Brasileiro que modificou a rotina, na maneira de encarar o grave problema da extinção da lepra no Brasil.

RECEPÇÃO ACADÊMICA

LUCILO FÊNDER

(Pela confraternização das Academias Paraense
e Matogrossense de Letras)

Com a ponta do buril no lapidário da Arte
— em nome dos de lá, — compassos de bequadro,
— nos garimpos daqui, — vibro... E sublime quadro
surge, — dando à Poesia artístico baluarte.

Do Templo Literário entro e paro pe'lo ádreo;
vejo Luzeiros mil, cada um no seu encarte
de nomes imortais de Artistas que, no esquadro
do metro, ergueram alto o poetico estandarte.

Do verde da esmeralda ergo o bucolismo
e da safira, azul, compôno o simbolismo,
das Letras garimpando os diamantes diversos...

Bato ás portas! E, ao ver que o ingresso me é vedado,
jogo a musa pelo ar... E, então, pelo telhado
entram na Academia os timbres dos meus Versos.

ALBERTO DE OLIVEIRA,
HOMEM DA SUA TERRA

Páginas dos Mestres

Em verdade, ninguém foi mais homem da sua terra, ninguém foi mais homem do seu meio. Puro eiro do seu meio meridional. Egresso do seu meio aquatano eiro. Por fim, do meio palmistalense.

Na evolução literária do poeta de *Alma em Terra e a Terra* nota-se um traço que, pela insistência com que se repete, traduz-se facilmente, uma constância da sua permanência de homem e de artista. Este traço é a frequência com que retorna, em poemas sempre cheios de emoção e de ternura, à sua querida terra natal, aos seus pais, ao seu primitivo povo do Palmistalense, quando se estende ante as paisagens de outras terras. Este traço constitui-se no verdadeiro fio de ouro que, em toda a obra, é o encanto do seu delirante, impetuoso e apaixonado. Desde o primeiro verso, mais ou menos, do seu primeiro poema, nasce mais lá volta, mais lá volta, jamais obediência e sua terra de nascimento.

Em *Os Cantos Românticos*, aos vinte e poucos annos e já vivendo dentro do tumulto deste ruído e do centro urbano, que era a Corte, voltou por isto esquecida a sua amável terra de aquatano eiro. E com insistência que o seu pensamento se volta para a



ALBERTO DE OLIVEIRA, HOMEM DA SUA TERRA

OLIVEIRA VIANNA

(excerto do discurso de recepção, na Academia Brasileira)

Em verdade, ninguém foi mais homem da sua terra, ninguém foi mais homem do seu meio. Primeiro: do seu meio meridional. Depois: do seu meio saquaremense. Por fim: do meio palmitalense.

Na evolução literaria do poeta da *Alma em Flor e a Terra Natal*, ha um traço que, pela insistencia com que se reproduz, constitue, realmente, uma constante da sua personalidade de homem e de artista. Este traço é a frequencia com que retorna, em espirito, sempre cheio de emoção e de ternura, á sua pequenina morada rustica, ás paysagens do seu primitivo pago do Palmital, mesmo quando se extasia ante as paysagens de outras terras.

Este retorno nostalgico ao pequenino rincão natal é um dos aspectos mais encantadores do seu delicado temperamento de poeta. Tendo sahido aos doze annos, mais ou menos, do seu verde Palmital, nunca mais lá voltou; entretanto, jamais olvidou o seu logar de nascimento.

Nas *Canções Romanticas*, aos vinte e poucos annos e já vivendo centro do tumulto deste rumoroso centro urbano, que era a Côrte, nem por isto esquece a sua amoravel terra de Saquarema. É com insistencia que o seu pensamento se volta para ella:

*"Sabes para onde vão meus pensamentos?
Ah, vão todos perdidos, vão ó tôa
Buscar a sombra de tua casa branca
Alevantada á beira da lagôa".*

O poeta recorda uma paisagem típica da sua terra — a lagôa de Saquarema, á margem da enladezinha, onde, vindo do seu sitio do Palmital, estudou as primeiras letras.

Em *Alma em Flor*, já aos quarenta e poucos annos, procura recordar os tempos de adolescencia e para logo todo um mundo de visões coloridas lhe enche a memoria e acorda a emotividade:

*"Não me lembro bem que idade eu tinha,
Se quinze annos ou mais.
Creio que só quinze annos... Foi ali afóra,
Numa fazenda antiga,
Com seu eugenho e as alas
De rusticas senzalas,
Seu extenso terreiro,
Seu campo verde, e verdes cannaviaes.*

*Maio... Junho... não sei si Julho o diga,
Julho ou Agosto. Sei que havia o cheiro
Do sassafraz em flor...
Sei que um perfume intenso em tudo havia,
Era, enfeitada e nova, a laranjeira,
E o pomar verde, pela vez primeira
Florido; era, na agreste serraia,
Com os botões de ouro e a espatha luzidia
Rachando ao sol a tropical palmeira;
Era o sertão, era a floresta inteira
Que em corymbos, festões e luz se abria".*

Quando compoz a colleção do *Céo Noturno*, quasi quinquagenario, como que esta nostalgia lhe cresce cada vez mais. Frequentemente, uma onda de saudade lhe alaga o coração:

*"Ah não poder tornar aonde vivi outrora,
Ao meu verde Palmar, e seu isolamento,
Para onde agora vae, mais lhe querendo agora,
Todo o meu pensamento!"*

Dez annos mais tarde, vem-lhe evocar, nos formosos poemetes de *Natalia*, o doce lembrado sabor canoneano, a obscura terra adorada que já não se vê, só á luz da memoria:

*"Jam vinte annos desde aquelle dia,
Em que, com os meus, da terra onde nascera,
Adolescente ainda, eu me partia.*

*O que não dera então, o que não dera;
Ainda hoje por tornar atraz commigo,
Entrar-lhe os campos, ser o mesmo que era!
Lá me ficava, com o seu tecto amigo,
A velha casa, o varzea verde e em flores.*

*Tudo quanto em menino havia amado,
Em que minl'alma rova, a abrir-se, rindo,
Tinha parte de si talvez deixado".*

O apego do poeta de *Alma e Céu*, não era apenas ao município do seu berço; era ao proprio lugar do nascimento, ao antigo solar paterno, mergulhado num fundão de matta, ao sopé da Serra do Palmital. Quando criança e ainda na escola primaria, em Saquarema, sempre sentia, — no meio da algazarra dos companheiros e entre os bramidos do Atlantico, á beira de cujas praias se assenta a pequena villa — tomado inexplicavelmente de um vivo, fundo sentimento de nostalgia pelo seu recanto apreste de Palmital, pela sua fazenda, pela sua casa grande, pela familia que lá deixára:

— "Sentia-me feliz — confessa elle, na sua autobiographia, narrando os seus tempos de collegial — e só uma cousa me aguava a satisfação: a saudade que tinha da minha casa com o seu largo campo, estencido e verde e a matta perto, rumorejando".

Ora, todo Alberto está nesta confissão. Essa saudade de collegial elle a conservou durante a sua longa vida — e foi a razão profunda e suprema da sua arte maravilhosa. Toda a sua inspiração parte dahi e encontra força, movimento, expressão: a sua alma de artista gravita, por mais de meio seculo, em torno dessas imagens evocadas pela sua remittente nostalgia. Dir-se ha que o poeta nunca pode entrever o mundo sinão atravez desta pequenina janella, que se abria, illuminada, sobre esse quadro de reminiscencias primitivas, interposto entre a sua consciencia e a realidade exterior, como se fosse uma tela transparente e colorida: tudo o que mais tarde e em outras paragens ou sitios viu como que se empregnava das cores destas imagens longinquas, dos matizes esbatidos destas recordações distantes.

Os poemas que consagrou especialmente á terra natal — *Alma em Flor e Natalia* — e que elle compoz já em plena maturidade, são o que de mais formoso existe em nossa literatura,

como descrição da nossa natureza e também como expressão de sensibilidade artística, de delicadeza emotiva, de ternura nostálgica. Em *Alma em Flor*, a paisagem se mostra aos nossos olhos cheia de tantas noções justas e com tamanha precisão de linhas e tintas que parece ter sido pintada tendo elle á vista o pequeno mundo, onde desabrochou o seu primeiro amor.

Disse Maurois que a memoria é uma grande artista, porque, ao seleccionar as percepções que devem perdurar, só deixa sobreviver as melhores, as mais agradáveis, as mais bellas: dahi as recordações evocadas apresentam sempre um aspecto de conjunto que as torna verdadeiras obras d'arte. No entanto, em *Natalia* e *Alma em Flor*, a memoria do poeta não foi artista porque eliminasse os aspectos mais desagradáveis e feios, deixando sobreviver unicamente o que havia de raro, gracioso, amavel ou pitoresco; mas, porque assim era o quadro evocado, a paisagem descrita tinha de si mesma graça natural, belleza sua, que os versos do poeta reflectiram.

Na verdade, a terra fluminense, na região em que nasceu Alberto de Oliveira, possui, como poucas, todos os característicos de uma obra d'arte natural. Nella se accumulam, por uma obra de singular disposição geographica e coexistindo a poucos passos uma da outra, a paisagem rural, a paisagem lacustre e a paisagem oceanica, imensuravel e ondeante. No interior agrícola: de um lado — a leira fértil e florida das varzeas; de outro — a Serra do Paraital, sobria, e bella, na sua grave e severa vestidura florestosa. Um passo adiante e vemos; aqui, a lagôa, — especie de mar tranquillo, de aguas transparentes, cheias de balseos e pernaltas, conergulhões e irêrês, que o chão palustre habitam; ali, a restinga, que a margem, arenosa e secca, coberta de cardos hispídos, de palmas duras, de bosques expressos de cambrizeiros, esmaltada pelos corymbos escarlates das epiphytas enflorescentes. Mais outro passo e é — á orla de praias alvissimas ou junto de rochedos abruptos a immensidade marinha, o Atlantico em toda sua magestade, na grandiosidade selvagem das suas agitações e das suas coleras indomadas.

Eis o scenario em que nasceu e viveu o poeta, despreocupado e feliz, na sua infancia e na sua adolescencia. Eis também o scenario em que viveu, em espirito, com emoção e ternura, na sua mocidade, na sua maturidade e na sua velhice.

Squarema, a terra natal de Alberto de Oliveira, não lhe deve cultivar a memoria sómente porque elle a honrou com a sua gloria immensa e indestructivel. O grande poeta não foi apenas o

seu filho mais illustre, mas, tambem o seu maior cantor. Ninguem a sentiu mais na sua formosura. Ninguem disse, em versos mais inspirados e ternos, do encanto da terra admiravel, da poesia, dos seus rios, dos seus regatos, das suas lagoas, das suas restingas, das suas serras cobertas de neblinas, das suas florestas rumorosas. Teve para com ella todas as affeições de um filho carinhoso: guardou sempre, no coração, mesmo ausente, a lembrança da casa paterna e, nas pupillas marejadas, as linhas e as cores das paesagens do seu torrão nativo. Mesmo no apogeu da glória, entre os applausos de admiração nacional — notae bem! — nunca deixou de recordar-se do seu pequenino rincão do Palmital, nunca deixou de orgulhar-se della, a pequenina e formosa Terra Saquaremense.

Sem duvida, sobravam-lhe razões para, assim querel-a: além do berço, ella lhe dá o que poderíamos chamar a sub-consciencia artistica, a base emotiva á sua arte perfeita. Mais; dá-lhe ainda, — ora directa, ora indirectamente, — o principal, o mais precioso daquillo que Machado de Assis chamou “a materia dos versos”. Porque é dahi, deste fóco obscuro e invisivel que deriva toda a sua arte clara e pura — como daquelle imperceptivel “fio de agua viva”, de um dos seus poemetos,

a gottear de lizins de esconsa pedra

derivam as torrentes escachoantes, que alagam e fertilizam as planicies.

Este caracter regionalista da inspiração do grande poeta não lhe tira á obra a condição de universalidade. Regional nos seus motivos, elle é universal no seu sentido.

Em verdade, toda obra d'arte é local, episodica, pessoal na sua genese. O artista é que, depois pela imaginação, e pela abstração, eleva os accidentes á categoria do geral, erige os aspectos particulares em symbolos, fal-os subirem do local, episodico, do concreto ao nacional, ao abstracto, ao impessoal; passa, em summa, como diria Platão, da contemplação das couas bellas á contemplação da propria Belleza. E assim, a sua elaboração acaba adquirindo este toque de universalidade, que caracteriza as creações do genio.

E' o que acontece com a obra de Alberto de Oliveira. Della se pode dizer á maneira dos doutores medievaes, que toda a nossa natureza está contida em qualquer dos seus sonetos ou no menor dos seus poemas. *Tota in minimis existit natura.*

Neste ponto, e começo bem a comprehender a significação do vosso gesto, dando-me a honra, que nunca poderei agradecer

devidamente, de succeder a este poeta, tão profundamente tornado da paixão da sua terra natal. Sim: era preciso que aqui estivesse alguém também formado sob aquelles mesmos climas doces e amáveis, alguém também vindo dali, trazendo dentro da alma, como elle trazia, a imagem sonora e deslumbrante dos seus oceanos, das suas montanhas, das suas florestas e dos seus céos resplandecentes. Era desejo seu, bem o sabeis, de ver me aqui, sob esta cúpula, trazido pela sua mão amiga para a gloria da vossa companhia. Este desejo benevolo não o poude elle realizar em vida: mas, o vosso carinho militando para com a sua memoria e a extrema indulgencia vossa para commigo permittiram que se realizasse nesta hora, em que me dáes a oportunidade, tão grata ao meu coração e ao meu espirito, de dizer estas palavras em louvor do grande poeta, príncipe das nossas letras e meu conterraneo glorioso. Só assim, senhores academicos, consigo justificar a distincção da vossa escolha e a minha presença entre vós. Tãmanha a desproporção entre a minha pequenez e a grandeza do meu antecessor. Tãmanha a distancia entre a minha obscuridade e a sua gloria radiante.

Na verdade, quando o estudo na sua vida e na sua obra, Alberto de Oliveira dá me a impressão de um prelecto da Fortuna, de um querido dos Deuses, por elles escolhido para uma missão de belleza. Fê-lo o Destino nascer numa terra encantadora pela amenidade do seu natural, cheia da claridade e de harmonia. Fê-lo criar-se e educar-se no seio de uma sociedade saturada de civilização, preexcellente pelo seu equilibrio, pela sua moderação, pelo seu gosto artistico, pelo polimento da sua cultura. Deu-lhe, além d'isto, um typo hygico e bello, uma pupilla sedenta de luz e colorido, uma indole feita de delicadeza e de bondade. Dotou-o, por fim, do mais precioso dos dons: uma sensibilidade, não apenas de poeta, mas também de artista: uma esthesia subtil, o horror a tudo o que excede o canon grego — da graça, da medida, do rythmo. E tão compenetrado da sua arte, que horas antes de morrer, recitava em surdina, nos anceios da pre-agonia, estrophes de Camões...

Assim, delle bem se noderia dizer que os Fados o quizeram tanto que a sua morte, à maneira da de Sophocles, foi como que a ultima vibração de uma lyra que se partiu...

Cantor da natureza brasileira, o maior do que se honra a nossa historia literaria, elle soube exaltar, no seu plectro de ouro, tudo o que de mais bello e encantador existe nos céos, nos ares e na superficie da nossa terra. Todos os seres pequeninos e alados da nossa fauna. Todas as especies delicadas e graciosas da nossa flora. Todos os reflexos radiosos dos nossos céos me-

ridionaes. Nenhum outro poeta, qual elle, nos fez comprehender e sentir mais viva e intensamente a multipla e variegada belleza da nossa terra. Não é certo que todos os seus aspectos e paesagens passaram a ter, depois d'elle, outra seducção, outro arvore, outra significação, em summa? Para celebrar-lhe a morte, bastaria recordar aqui as estrophes sonoras dos *Sonetos e Poemas*:

—“*Astros, sol, amplidão, espheras, de ouro, céos,
Nuvens, sopros do mar e passaros da aurora:
A grande arvore cahe! mandae-lhe em pranto agora
O vosso ultimo adeus!
Cosei-lhe em flor e em luz esplendida mortalha,
Florestas tropicaes!*”

Trabalhos no bronze da mais pura e classica linguagem, os seus poemas hão de ficar entre os mais perfectos padrões da formosura do nosso idioma e da capacidade artistica da nossa gente. Sobre elles poderamos repetir aquella predicção de Lugones a proposito da obra de Sarmiento: — “*Todo acaba em tumba sola tierra, menos la palabra hermosa*”.

Realmente, é este o destino que está reservado á obra do grande poeta fluminense. Pelos seus nobres attributos de inspiração e sensibilidade, pelas altas qualidades de medida e de harmonia, pelas suas raras virtudes de timbre, de sonoridade, de rythmo, ella sobreviverá, certamente pelos tempos em fóra. Entre tantos e tão puros predicados, que a ennobrecem e singularizam em nossas letras, dois delles, por si sós, serão bastantes para lhe assegurar a immortalidade — porque nunca passarão: a paesagem e a lingua, a lingua do nosso povo e a paesagem da nossa terra, uma e outra reflectindo-se na limpidez do crystal das suas estrophes, uma e outra ahi vivas e eternas na gloria da sua belleza imperecivel...



MINGUA MÃE QUE ESTÁ NO CÉU

ANÔNIMO

Ó Mãe, sempre para eu virar
meu lar e com meu coração.

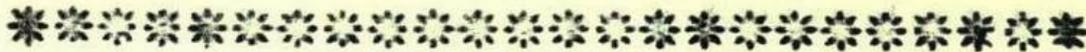
Páginas dos Novos

que eu te amo, Mãe, no céu e na terra,
pois tu és a minha vida e o meu lar,
e eu te amo sempre e para sempre,
e eu te amo sempre e para sempre.

Foi o grande amor de sua vida admirável,
o abraço estendido nos seus braços,
Vozes que permitiu que eu fosse um homem,
que se tornou de palavras com o tempo,
mas sempre a sua voz me lembra,
nem quando sua fragorosa
voz não me lembra.

Deus e Céu existem nem que seja só para você!

A Poesia mostrou de beleza os seus olhos,
A Fé ensinou de confiança o seu sorriso,
o Sermão colheu de santidade a sua vida,
a Virtude santificou o seu amor!



MINHA MÃE QUE ESTÁ NO CÉU...

Antenor Nascimento Filho

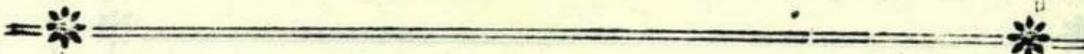
*A Mamãe, sempre viva em minha
memória e em meu coração.*

Você que se casou aos quatorze anos
e viveu trinta anos se penitenciando
no sofrimento de um grande amor correspondido e infeliz ;
você cuja Fé desfiou tantos rosários e tantas esmolas
pelos longos, finos e brancos dedos,
virtuoso e humilde ser,
eu não creio no Céu onde a Paz e a Felicidade são eternas,
mas você tanto fez por merece-lo,
tanto o desejei
que ele deve existir por força de seus sofrimentos...

Foi o grande Fim de sua vida admirável,
o almejado galardão dos seus sacrifícios.
Você não pensaria 30 anos por uma miragem,
não se coroar de virtudes sem prêmio
não entregaria o seu coração
nem repouzaria sua fragilidade
num Ser que não existisse.

Deus e Céu existem nem que sejam só para você!

A Poesia molhou de beleza os seus olhos,
a Fé iluminou de confiança o seu sorriso,
o Sofrimento coloriu de santidade a sua vida,
a Virtude santificou o seu amor!



Quando a única alternativa,
naquela madrugada fria de novembro,
lhe fez a sua Inútil Interrogação,
eu sei que você pediu para continuar carregando
por mais tempo,
a dolorosa assiduidade dos seus males,
de suas saudades, dos seus desenganos,
só para não me deixar sósinho ;

eu sei que você quis abdicar do seu Céu,
e afastar-se do Seio Bemaventurado do seu Deus,
ainda por dez ou vinte anos ;

e sei que você fez isso não por amor á Vida,
á vida que lhe foi tão dura e adversa,
mas por amor a mim,
para que não ficasse sósinho
e também para que a sua purificação fosse tres vezes completa.

Ha sete anos que você está no Céu,
e é a certeza de que você está no Céu,
com seu Deus, com seus Anjos e com seus Santos,
que melhora a grande, a imensa falta que você me faz.

Não labei em pranto minha saudade,
nem me revoltei contra o desamparo em que você me deixou
nem imprequei contra o seu Deus
que ha tanto desertou do meu sentimento
e em cuja mão dirzita você descansa ;

porque pelo preço do meu conforto,
não consentiria em afasta-la por mais dez ou 20 anos,
do seu Céu e do seu Deus !

Mãe santa, mil vezes santa, eleita da Virtude,
você que poderia até ser Mãe de Cristo,
eu já pedi o seu consentimento
numa prece interior que não pude exprimir :

abençõe-me hoje no dia do meu noivado.

Uso a aliança que voê usou durante 30 anos.
Assim guardarei minha mão de praticar atos indignos.
Pelos meus dedos escorrerão também as mesmas esmolas
que você distribuiu em sua vida inteira.
Furtar-me-ei assim de acumular dinheiro.

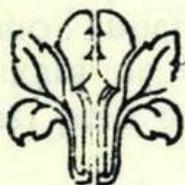
E por que não desmereça nunca mais a grande satisfação
que um di' lhe furtai (voltar a crer em Deus),
faça por que recupere a Fé perdida,
por que se incenda outra vez em mim
a mansa, tranquila e moderada crença de minha adolescencia;
por que se divinizem e atenuem os tormentos nascidos
daquela Ingenuidade que ainda pude conservar...

Quero que as contas do rosario que lhe escorreu
a vida inteira pelos dedos,
contagiem de pureza a aliança que herdei de você.

Minha Mãe que está no Céu
santificado seja o seu Nome,
mii vezes bendito o seu auxilio
em afugentar esta minha torturante obsessão
de explicar o Misterio!

AMEM.

Corumbá. 22. 10. 1939





PAPINI, HUXLEY E A INSATISFAÇÃO

ODILO SILVA

Jovem matogrossense, de raro talento,
falecido precocemente, no Rio, em
dias do ano corrente.

A ciência moderna, o século, a vida, tudo hoje nos obriga a pensar e aprimorar o espírito. A imaginação crea azas, e esta sêde insatisfeita de atingir a perfeição do intellecto toma conta de nós.

Gog, aquella criação admiravel de Papini, é um louco, e achæ que a perfeição reside em encontrar na vida, o original e o bizarro, que lhe matem o tédio. Busca a originalidade, na Política, na Psicologia, na História, na Poesia, na Música, no Teatro, na Pintura, na Escultura, etc. Chega ao desplante de sair pelo Mundo, em busca dos sósias dos gênios do passado. Milionário que é, encontra a cópia física perfeita de Napoleão, Ibsen, Voltaire e tantos outros. A desilusão não se faz esperar. Manda ensinar aos sósias daquêles gigantes do passado os gostos e as frases célebres dos seus originais. Veste-os à moda da época em que viveram, cenarisa, instrúe e tudo lhe sai às avessas.

O seu Napoleão, de uma timidez e uma infantilidade absurdas, pronuncia, medroso, a célebre frase: "Soldados! Do alto destas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam". O Voltaire II nada tem de irônico e mordaz. Ibsen é uma negação em desembaraço declamatório, e assim por diante...

Entrevista Freud e acaba se convencendo de que o famoso creador da Psicanálise, de cientista só tem o frontespício. De que êle nada mais é que um homem de letras, vítima de um desvio de vocação, e que procurou fazer poesia, interpretando sonhos e localizando no sexo, o eixo-motriz de todas as ações humanas.

Emprega cinco poetas a seu serviço, para que lhe dêem algo de novo na matéria das Musas, e ainda mais se desilude. Um dêles começa a escrever um poema com mais de mil versos, e acaba reduzindo-os a uma única palavra. Outro, de cada poesia, só escreve o título deixando o resto "ao gosto do freguez", por conta da interpretação do leitor. Aquêle faz uma estrofe, com um verso em cada idioma, procurando deste modo, dar um sentido universal à sua obra.

Não ha remédio. O geito é mostrar se satisfeito com a insatisfação, ou matar-se. E Gog mata-se pelo não conformismo com a imbecilidade humana.

Aldous Huxley, no "Contraponto", embora por caminhos diversos, mostra nos essa mesma insatisfação, vaticinando a morte da humanidade, pelo "crescendo das idéias". Os monstros pré-diluvianos desapareceram, em virtude do tamanho super-avantajado do físico. O homem do futuro deixará de existir em função da super-produção de idéias, pelo desenvolvimento excessivo do intellecto.

A decifração de papiros e a clausura medieval não constitúe mais uma solução para o nosso tempo. A equação hoje reside no adatar-se às condições ambientes e buscar a Perfeição. Todos andam à sua busca, dentro

do seu ramo de atividades. E as cabeças vão crescendo desmedidamente.

A anomalia cefálica transmite-se, dos pais aos filhos, dos filhos aos netos. Daqui a certo tempo só se verão no mundo, cabeças enormes, monstruosas, incrivelmente avantajadas. E o homem perecerá afogado, com maior facilidade, no oceano das idéias.

Haverá um dia em que nos encontraremos nas mesmas situações de Gog. Não haverá o que encha as nossas incomensuráveis cabeças. E o suicídio apresentar-se-á inevitável.

Êste o problema abordado por aquêles dois grandes vultos da intelectualidade moderna latina e anglo-saxonia—o problema da insatisfação.

O problema da vida está nisto: buscar a perfeição, situada no fim da existência e no principio da morte... Uma vez descoberta a incognita, que no caso será o desaparecimento, em virtude da localização do perfeito, haverá o raiar de uma nova aurora: será feliz apenas o homem-mecânico, preconizado pelos literatos profetas. Esse não terá cérebro, nem intelecto, nem espírito. Viverá, autômato que é, como as pedras, e resistirá ao Céus que abafará o Mundo. Será o sobrevivente único do gênero humano, se humanos devem ser considerados especimens daquela natureza. E o pecado, que já se tornou um hábito, um costume, um dogma, perderá sua razão de ser.

E a ambição, e o egoísmo, e a vaidade, e o orgulho, e a avareza, e a luxúria, e a inveja, que são parcelas do ser pensante, desaparecerão da face da terra. Haverá então nascido o Paraíso do Embrutecimento...

A desgraça haverá, se aparecer algum outro sobrevivente da nossa éra, que se empenhe na restauração do espírito, e resolva adaptá-lo ao corpo do nosso feliz sucessor...

O DESTINO DO POETA

Benilde Moura

Si algum dia sentires na alma triste
o destruir pungente do ideal mais caro,
ou o fenecer das ilusões,
— resiste.

Fois é lei da Creação,
não raro,
ver extinguir-se o mais sublime encanto
e ter a vida inteira
mergulhada no pranto.

E' o destino,
esse irrevogavel
sentenciador,
que assim decreta:

Seja sempre irrealisavel
todo desejo de poeta.

AMOR IDEAL!

Jorge Octaviano da Silva Pereira

Você tem a frescura de uma flor,
E a ingenuidade própria da criança,
Por isto é que eu lhe tenho um grande amor,
Minha formosa e jovem esperança.

Quando a vejo com todo o seu fulgor,
A' idéia, apressa-me a feliz lembrança,
De ter ao lado, no auge do esplendor,
Venus me olhando cheia de bonança.

Com o seu olhar tão lírico e tão lindo,
Você me deixa num prazer infindo,
O' minha bela e simples criatura!

Seu olhar amenisa a minha vida!
O seu falar consola a minha vida!
E o seu sorrir reflete-me em ternura!

Cuiabá, 6 de Julho de 1939.

FESTANDO SÃO JOÃO NA ROÇA

Por JOÃO HAMILTON

Foi numa dessas noites de S. João,
 Que vi o quanto é lindo o meu sertão :
 No espaço, bailavam multicores balões...
 Nos ramos, esmeraldinas fôlhas...
 E além,
 O murmurar da cascata ouvia-se também...
 Depois, um salta-moleque saracoteando no ar...
 Bombas e pistôes riscando o espaço...
 Enquanto isso, no terraco,
 A fogueira queimando, estalando, soltando labaredas e cinzas,
 Parecia que estava também a brincar...

Ó, quanto é linda a noite de S. João no meu sertão!...

Depois, um cheiro agradável,
 De tocari queimado e de bobassú assado,
 Enquanto na bandeja, calices e taças de quinzo;
 E na macega, cobras piando, vagalumes riscando o espaço...

Ó, quanto é atraente uma festa de S. João
 No meu sertão,
 Ao lado da minha gente!...

E foi numa dessas tradicionais noites,
 Que fiquei olhando uma porção de cousas...
 Ouvindo lindos hinos...
 E apanhando da noite, o sereno,
 Sentado num mocho pequeno...
 Foi numa dessas noites Joaninas,
 Que dormi olhando para as estrelas do céu
 E fazendo uma oração ao cruzeiro...

Mas, ó que surpresa!... ó que espanto!...
 Foi numa dessas noites ainda,
 Que vi envolvido parece que num simples manto,
 Um glorioso santo,
 No meio de cinzas e do fogo já adormecido,
 Esse mesmo S. João amigo
 Batizando alegre o meu povo...

Os dias passaram, e ainda hoje, eu guardo triste na lembrança,
 A mesma esperança que a minha alma soltou
 Qual um balão que foi-se embora, e não mais voltou,
 E quem sabe mesmo, si talvez já se queimou,
 Como esses balões da cor verde da esperança
 Que sobem em Minha-Terra,
 Alto, bem mais alto que muita serra,
 Por entre assobios, gritos, estampidos e vira-voltas de foguetes,
 Soltados por molques.
 Entre vivas e alaridos das crianças
 Que fazem o barulho atingir às culminâncias...

15 DE MAIO

Francisco Lobo

Do Grupo Literário «D. Aquino»

Quisera eu neste dia possuir o poder divinal das musas, ou mesmo a pena latente dos grandes prosadores, para assim poder exprimir os elevados sentimentos que ora me enchem o coração. Infelizmente, este poder que tanto desejo possuir, só existe na minha fantasia.

Porém, não importa. Cada um dá o que possui.

Queira ó boa mãe, aceitar os sentimentos sinceros, embora mal expressos nestas singelas pinceladas, do seu filho que tanto a venera e admira.

* * *

15 de maio de 1940!

Mais um ano vêm encher o rosário da sua vida!... Mais alguns fios de prata vêm colorir a sua cabeleira.

49 anos já passou pelo mundo, cumprindo os desígnios de Deus, sempre alegre e feliz com o que Ele lhe legou. 40 anos cheios de trabalhos, cheios de sacrifícios, mas que deixaram pelo caminho o verdadeiro fruto do seu trabalho!

Sim, minha mãe! Os seus trabalhos não foram infrutíferos. Obedeceu às ordens de Deus. Educou com o suor do seu rosto os seus filhos, não só no campo da ciência, mas também despertou neles a fé religiosa, que é o alicerce seguro para construir os grandes edifícios das ciências.

Vê? Debaixo deste sacrifício, o seu primeiro filho está às portas de concluir os seus estudos preparatórios. Auxiliado pela senhora, consigo dentro em breve subir mais um degrau da minha vida.

Como poderei, ó minha boa e corajosa mãe, agradecer os seus sacrifícios?

Não há tesouro suficiente para isto...

Todavia, hoje que vejo passar mais um ano da sua existência, rogo ao bom Deus lhe conceda ainda muitos anos de vida pois disto necessitam os seus filhos.

Oh! boa mãe! Que Deus lhe conceda saúde, paz, felicidade e coragem para vencer essa vida cheia de sacrifícios, são os votos do seu filho agradecido.

CRÔNICAS DA MINHA TERRA

TARDE DE BEIRA DE RIO

J. B. Martins de Mello

O sol se vai deitando do lado da Manga. As águas trêmulas e mansas do rio vão tomando côres de uma beleza sem par. Os sarans, ao sôpro do vento, balouçam de-vagarzinho, deixando que os seus ramos se molhem nas águas do Cuiabá preguiçoso. Lá em-cima, o velho pescador atira mais um vez o anzól que lhe dá as refeições. Lá para-baixo, sãc poucas as mulheres que continuam batendo a roupa na pedraria cinzenta. Outras já se levantaram e, de trouxas enormes na cabeça, retiram-se após longas horas em que estiveram de cócoras lavando os vestidos da gente da cidade.

O último canoeiro desce o rio ao léo da correnteza. Descansa o remo que maneja com habiidade, e pita um cigarro de palha, que vai deixando para trás uma nuvem fina e leve de fumaça em paralelo com o rastro que a embarcação pequena deixa nas águas mansas.

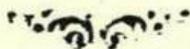
A linha do pescador estira-se. E êle pucha o último peixe que se iludiu com a isca bem preparada. O velho se espreguiça, escancara a boca e toma da vara, indo embóra com o jantar

A última lavadeira já se levantou lá em-baixo. Reuniu a roupada, fez a trouxa, e, com ela na cabeça, saiu cantarolando uma canção dolente como a das águas preguiçosas do Cuiabá.

Do outro lado vem o mugido surdo e prolongado de uma vaca.

O sol se vai deitando para o lado da Manga. E o rio continúa a descer com preguiça; cantarolando baixinho uma canção bonita. Os sarans molham os seus ramos mais baixos nas águas trêmulas do Cuiabá manso.

Rio, set. — 1940.



PAISAGENS AMIGAS

Lenine C. Póvoas

Rio dos mais formosos, é, sem dúvida, o Cuiabá. Preguiçoso, enovelado, desliza em demanda das planícies do antigo "Xaraiés", onde se lança nas águas barrentas do São Lourenço.

O Paraguai, um dos maiores rios matogrossenses, admira pelo majestoso do seu porte, pela bizarría das paisagens, pelo gracioso dos mórros que emolduram suas margens abarrancadas.

Não assim o Cuiabá. Há, neste, mais poesia que imponência. Encanta-nos, aqui, o pitoresco das florestas intrincadas, ali, o rigor das curvas caprichosas, acola o desalojado das vistas policrômicas. Oferece nos um mundo de atrativos em seus painéis, sempre vivos e brilhantes, coloridas pela própria natureza.

Que espetáculo inolvidável o amanhecer no Cuiabá! A luz indecisa do crepúsculo matutino, dir-se-á o rio adormecido ainda. Sereno, mágico espelho a refletir o azul celeste, o airoso recorte das margens, onde, parece, acolhem-se as sombras misteriosas da noite.

Única nota viva na paisagem estática, ouve-se, ao longe, o grito estridente dum "arancuan" madrugador. É o toque da alvorada.

Pouco depois, um "baguatí" abrindo as brancas asas, alça vôo e atravessa o rio, balbúche, quasi beijando a água, logo adiante da prôa do navio. O crívelho que ainda branca nas flôres recebe o beijo triunfal do sol. Desperta o pássaro das aves. O arulho das rôlas, o trinar dos canários, só se logram ouvir em intervalos do cêro infernal dos arancuans.

Os pássaros cruzam de margem a margem, como se adrede combinados para elegante desfile de magníficas plumagens.

Os olhos, indecisos, sem saber o que mais admirar, correm da capivara tímida que foge para a mata ao cervo que tranquilo paste; dos ageis macaquinhos nas grêmios do arvoredo ao bando de garças alvas, côr de rosas, que escorçam sobre os paúes onde a Vitória Régia desabrocha mais lindas flôres.

Ali, a direita, há uma palhoça abandonada. É um quadro pitoresco e trágico. O rio, transbordando-se, desalojou o caboclo da sua vivenda. Ele saiu apressado, deixando tudo, apavorado pela subida impressionante das águas que invadiram a casa, continuam a invadir, como fúria, os campos. Dentro em breve ficará submerso num oceano doce o milharal viçoso que ali esta, de leve agitado pelo vento.

Aqui, o dilúvio não chegou ainda. Centenas de jacarés dormitam nas praias de alvissimas areias. É indiferente aos "tuiniús" a aproximação do navio; imóveis, impecáveis, qual custosíssimas estátuas, continuam mergulhados no seu eterno cismar... Através do cristal das águas exibem os peixes as côres variadas das escamas. Aproxima-se a tarde. É outra cena imponente. A ararinha vespertina arrepia docemente a superfície do rio. Cessa a orgia dos garrulos periquitos e amiuda-se a cantiga dolente das cigarras. Bandes infinitos procuram os pousos longínquos. Caem sobre a terra véus derradeiras de luz. Na mata sombria, só a angustiada jaó solta seus ais, e a anhumã, ansiosa, clama pelo companheiro nas ribanceiras que se debruçam sobre a lícida corrente. As sombras se alargam. Tudo emudece. Na luz violeta do crepúsculo, há, dos minosos vagalumes, o extranho bailado. Estrela-se a amplidão. Delicados raios de luar vêm brincar nas ondas de ouro e prata da esteira do navio. Quando vai alta a noite, desmaiam estrelas pelo céu. São lágrimas, divinas, luminosas, que a noite chora, a sós, na solidão.

Rio, Setembro de 1940.

CÓDIGO DAS ACADEMIAS DE LETRAS

A PADRONIZAÇÃO

DAS

ACADEMIAS DE LETRAS

Das academias

Art. 1.º - Havendo, em cada Estado, no Distrito Federal e no Território da Acre uma só academia de letras reconhecida pela Federação. Constará do seu título a respectiva designação genérica e é fixado o número das suas cadeiras em vinte, vinte ou quarenta.

Art. 2.º - A finalidade das academias de letras será sempre o cultivo da língua e da literatura nacional, sob qualquer aspecto e dentro da esfera de independência que vigorar no Brasil e nos demais países do Continente.



CÓDIGO DAS ACADEMIAS DE LETRAS

A Federação das Academias de Letras do Brasil, inspirada no alto propósito de harmonia e de intensificação da cultura no país e no continente, por meio das instituições de que se compõe e de outras que venham a pertencer-lhe, usando da atribuição que lhe conferiu o 2º Congresso das Academias de Letras realizado em junho deste ano, expede o presente Código, necessário ao seu funcionamento e ao daquelas instituições.

Das academias

Art. 1º—Haverá, em cada Estado, no Distrito Federal e no Território do Acre uma só academia de letras reconhecida pela Federação. Constará do seu título a respectiva designação gentílica e é fixado o número das suas cadeiras em vinte, trinta ou quarenta.

Art. 2º—A finalidade das academias de letras será sempre o cultivo da língua e da literatura nacional, sob qualquer aspecto e dentro do espírito de fraternidade que vincula o Brasil aos demais países do Continente.

Art. 3º — Cumpre às academias promover e animar a criação de grêmios e de bibliotecas públicas em cidades do respectivo Estado, incentivar as inteligências nos domínios da cultura, orientar o movimento intelectual, sugerir medidas de auxílios para a publicação de livros de alto objetivo.

Art. 4º — É dever das academias organizar comissões que mediante plano previamente estabelecido, não somente elaborem a história literária e o dicionário bio-bibliográfico do Estado, senão também coordenem elementos à geografia linguística e aos estudos de folclore regional.

§ único. Organizado o plano desses trabalhos, as academias se empenharão no sentido de obter dos governos estaduais recursos com que possam executar serviços de tamanha relevancia nacional.

Art. 5º — As academias interessar-se-ão junto às livrarias locais e por meio da imprensa, pela maior divulgação do livro brasileiro.

Art. 6º — As cadeiras a que se alude na parte final do Art. 1º ficarão sob o patrocínio perpétuo de nomes brasileiros falecidos, ilustres nas letras e naturais do Estado em que as academias tenham séde, ou de que nêles se hajam tornado notaveis como intelectuais. A numeração dessas cadeiras deve obedecer à ordem cronológica do nascimento dos patronos.

Art. 7º — As academias terão estatutos e regimento interno elaborados e expedidos na forma deste Código, consignada nos mesmos a autonomia administrativa.

Art. 8º — Os regimentos estabelecerão prazo para a eleição ou posse dos acadêmicos. Findo o prazo sem que uma ou outra se tenha realizado, qualquer interessado poderá reclamar perante a academia, e da decisão desta, haverá recurso dentro de dez dias para a Federação.

Art. 9º—Subsiste a filiação das academias representadas na mesma Federação antes da vigência do Código, e serão tidas como implicitamente filiadas as que se instituírem por iniciativa da mesma Federação nos Estados onde não houver nenhuma reconhecida.

Art. 10º—As academias que requererem filiação devem provar: a) que têm estatutos e personalidade jurídica; b) que têm funcionamento permanentemente e se encontram nas condições prescritas neste Código. Devem também juntar ao requerimento a lista dos nomes de seus diretores, dos patronos das cadeiras com o correspondente número e ordem, e dos respectivos ocupantes.

Art. 11º—Os cargos administrativos das academias serão temporários e regulados pelos regimentos internos, quanto ao funcionamento e prazo de duração.

Art. 12º—As academias realizarão mensalmente, pelo menos, uma sessão ordinária, para o trato de assuntos administrativos, literários e culturais, anunciando-a na imprensa quando ocorrer matéria que mereça divulgação e dela darão conhecimento à Federação.

Art. 13º—Deverão as academias remeter à Federação, em janeiro de cada ano, um relatório de suas atividades, com as sugestões que lhes parecerem convenientes. Juntarão a êsses relatórios os endereços dos respectivos membros, o que muito importa para fins de intercambio intelectual.

Art. 14º—As academias não filiadas, bem assim quaisquer instituições literárias e culturais do país, poderão pertencer à Federação, uma vez que inscrevam membros seus na Divisão de Escritores Brasileiros anexa à mesma Federação.

Art. 15º—Os membros das academias serão efetivos e terão o título de acadêmico e perpetuidade.

§ único. O membro correspondente, se criado qua-

dro desta categoria, não poderá ter residência no Estado sede da academia respectiva.

Art. 16º—Perpétuo o título de acadêmico, não haverá lugar para renúncia ou expulsão do seu detentor, podendo, entretanto, na forma regimental, este ser privado de direito por tempo que se determinar.

Art. 17º—É vedado ao acadêmico pertencer a mais de um instituto filiado, salvante, no entanto, situações criadas antes da vigência deste Código.

Art. 18º—O membro efetivo, assim como o correspondente, deve ser pessoa nusta nas letras ou em qualquer ramo do saber humano. Deve além disso, o que se requer no segundo, ser brasileiro nato ou naturalizado e provar que reside pelo menos há três anos no Estado ou território a que pertencer a academia.

Art. 19º—Deve o candidato ao título de acadêmico juntar ao requerimento de inscrição em duplicata, a ficha bio-bibliográfica respectiva, que obedecerá ao modelo adotado pela Federação, e ao menos dois exemplares de cada uma das obras de sua autoria, pelas quais se julgará do mérito do pretendente.

§ único. Quando se empossar o candidato, um dos exemplares da ficha será remetido à Federação com informes relativos ao ato da posse.

Art. 20º—Cumprirá ao candidato eleito estudar, no discurso de posse, a vida e a obra do seu antecessor, com referência aos demais antecessores e patronos. Fará o mesmo em relação ao patrono da cadeira, no caso de ser o seu primeiro ocupante.

Art. 21º—O acadêmico eleito, não empossado em virtude de residência estranha ao Estado sede da academia, poderá empossar-se na academia do Estado da residência, ou perante a Federação, obedecendo às normas regimentais da academia empossante, desde que outorgada para isso autorização da academia que o elegera.

Art. 22º—O membro efetivo de qualquer academia filiada à Federação poderá participar nas sessões de outra e, não tendo embora direito de voto, nela discutir e fazer propostas. Essa faculdade, entretanto, supõe indispensavelmente a apresentação do acadêmico pela academia a que pertencer. Entende-se o mesmo relativamente às sessões da Federação. Nestas, porém, é bastante que a apresentação seja feita por um dos delegados dessa academia.

§ único. É extensiva aos membros da Divisão de Escritores Brasileiros a faculdade acima conferida aos membros efetivos das academias filiadas.

Art. 23º—Sempre que um acadêmico visitar localidade sede de academia federada, deverá trazer para esta mensagem do instituto a que pertence, com objetivo do maior estreitamento de relações entre as ditas associações.

Art. 24º—Verificado o falecimento de um acadêmico, deve o presidente da instituição a que ele pertencia transmitir sem demora a notícia do fato à Federação, por meio de telegrama ou de carta-aérea. Cumpre-lhe também providenciar com os consócios, na sessão imediata ao falecimento, sobre as homenagens ao extinto. Somente depois dessas homenagens é que poderá cor-

~~responder ao preenchimento da vaga.~~

Da Federação

Art. 25º—A Federação das Academias de Letras do Brasil é o órgão central das academias de letras estaduais que lhe sejam filiadas, as quais, acatando-a e lhe cumprindo as decisões, com ela colaborarão por intermédio dos seus delegados, ou diretamente, quando as circunstancias o exigirem, por meio de correspondencia.

Art. 26º—A Federação manterá no local onde funcionar uma biblioteca principalmente literária, procurando

enriquecê-la com as obras completas dos patronos das cadeiras e dos membros das academias filiadas. A biblioteca será também para consulta pública.

Art. 27º—A Federação providenciará oportunamente para a organização do Conselho de Letras e Cultura, cujo quadro se comporá não somente de membros de academias filiadas e de outras instituições culturais, mas também de membros da administração pública, com autoridade e funções relativas.

Art. 28º—Compete à Federação promover congressos de letras e de cultura, realizando-os na Capital Federal ou nos Estados. Neste último caso, procederá sempre de acordo com as respectivas academias filiadas e entendimento com os governos respectivos. Expedirá para o dito fim o necessário regulamento e programa e seguirá a ordem dos congressos anteriores.

§ único. A Federação será o órgão executivo das decisões dos congressos.

Art. 29º—Poderá a Federação, sempre no interesse da maior eficiência do seu programa, organizar embaixadas e missões de ordem cultural dentro do país e de acordo com as instituições locais a ela filiadas.

Art. 30º—A Federação interessar-se-á junto aos poderes públicos para que as academias filiadas venham a ter sede própria, franquias postal e telegráfica e subvenção correspondente às necessidades da sua manutenção, e para que sejam consideradas órgãos consultivos desses poderes, no que diz respeito a letras e cultura literária.

Art. 31º—O Presidente da República será o Presidente de Honra da Federação. Terão esse mesmo título de Presidente de Honra os chefes do executivo estadual em relação às academias filiadas.

Art. 32º—As publicações da Federação e das academias filiadas serão escritas em ortografia oficial, como

o seião as dos seus membros, uma vez que nelas se empregue o título acadêmico.

Art. 33º—A Federação será mantida com recursos provenientes de quotas anuais dos institutos filiados, legados, auxílio oficial, donativos e produto de suas publicações.

Art. 34º—Haverá na Federação um livro destinado ao registro das academias filiadas e ao respectivo histórico, a que irão sendo adicionadas as convenientes anotações. Esse registro será feito segundo a ordem das inscrições das academias.

Art. 35º—A Federação poderá receber intelectuais estrangeiros, especialmente americanos, que estejam em visita ao Brasil, aos quais prestará homenagens correspondentes aos seus reconhecidos merecimentos. A natureza das homenagens se determinará no regulamento da Divisão de Intercambio Cultural.

Art. 36º—Nos Estados onde a Federação não tiver academia filiada, suas relações se farão com os institutos históricos locais.

Art. 37º—A Federação terá órgãos dependentes, desde que necessários ao cumprimento de suas finalidades, podendo criá-los e dar-lhes regulamentos e recursos indispensáveis.

Art. 38º—A Federação reunir-se-á em sessão ordinária uma vez por semana, em dia próprio e em sessão pública sempre que fôr conveniente.

Dos delegados

Art. 39º — A academia filiada designará dois delegados que a representem na Federação, os quais devem pertencer ao quadro dos seus membros efetivos e residir na Capital Federal.

§ único. A falta de quem preencha essas condições póde ser provisoriamente suprida mediante a designação

que a academia fará de membro correspondente, se brasileiro, ou de membro efetivo de outra academia filiada.

Art. 40º — Cumpre ao delegado: a) observar as prescrições devidamente estabelecidas pela Federação; b) participar assiduamente nos trabalhos da casa; c) desempenhar os cargos e missões para que fôr eleito ou designado; d) propôr, requerer, discutir, votar; e) pugnar, tendo sempre em vista o espírito de solidariedade nacional, pelos interesses da Federação e da academia representada.

Art. 41º — O mandato de delegado é normalmente anual e termina sempre em 31 de dezembro. Considera-se, todavia, prorrogado para o ano seguinte o exercício do delegado que não fôr substituído.

§ único. Cessará o mandato: a) por nomeação de substituto; b) por abandono de cargo; c) por mudança de residência; d) por falecimento.

Art. 42º — Não poderá votar ou ser votado o delegado que não tiver estado presente, sem motivo justificado, a um terço pelo menos das sessões a cujo comparecimento era obrigado, em consequência do mandato de que se investiu com a aceitação.

Art. 43º — Será considerado inembro vitalício da Federação o delegado que, mesmo que não continue no exercício dessa função, a houver desempenhado por cinco anos consecutivos sem ter faltado, em nenhum ano, a mais de quinze sessões. Esse mesmo título é conferido aos fundadores, membros das respectivas comissões organizadoras e delegados que serviram durante o período em que ela ainda não tinha existência definitiva, isto é, até 31 de dezembro de 1936.

Art. 44º — Em quadro à parte serão inscritos os membros vitalícios referidos no art. anterior, cujas obrigações e garantias sociais se determinarão no regimento interno.

Disposições transitórias

Art. 45º—Para o cumprimento do disposto no art. 6º, as academias procederão à revisão dos quadros de patronos e à exclusão dos nomes destes que não satisfaçam a exigência legal, mas o fazendo mediante solicitações do ocupante da cadeira respectiva ou por morte deste.

Art. 46º— Os estatutos das academias filiadas deverão ser reformados, no tempo legal, nas partes que colidirem com este Código.

Art. 47º—A perpetuidade atualmente admitida em cargo administrativo será mantida até a renúncia, exclusão ou morte do detentor do mesmo.

Art. 48º—Para a fixação dos quadros acadêmicos, segundo a lotação estabelecida no art. 1º, as academias aumentarão, ou reduzirão, neste caso com a vacância da cadeira correspondente.

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1939.— Comissão elaboradora: J. Barbosa de Faria, Francisco Leite e Carlos Garrido.— Comissão revisora: Alfredo de Assis, Cristino Castelo Branco e Afonso Costa.

(Aprovado em sessão de 27 de Janeiro).

ESTATUTOS

DA

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

(REFORMADOS EM 28 DE AGOSTO DE 1940 E ADAPTADOS AO CÓDIGO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL).

Art. I — *A Academia Matogrossense de Letras*, com séde em Cuiabá, Capital do Estado de Mato Grosso, na Casa Barão de Melgaço, instalada a 7 de Setembro de 1932, em virtude da transformação do Centro Matogrossense de Letras, que se fundára a 22 de Maio de 1921, tem por fim a cultura da lingua e da literatura nacional e a aproximação, cada vez maior, entre os representantes da cultura brasileira residentes em todas as porções territoriais do Brasil.

Art. II — A Academia incentivará a formação, nos núcleos povoados de importancia, do Estado, de centros literários e de bibliotécas públicas, no intuito de orientar e incentivar as inteligências nos domínios da cultura, amparando igualmente a publicação de livros e revistas de reconhecido valor, mediante organização de cooperativas editoriais e bem assim favorecerá o movimento belartístico, sob suas diversas manifestações.

Art. III — Instituição filiada à Federação das Academias de Letras, a Academia Matogrossense de Letras será representada naquele órgão central de cultura por dois dos seus membros efetivos, residentes na Capital Federal.

Art. IV — O mandato dos representantes será de um ano, terminando a 31 de Dezembro, sendo facultada a reeleição.

Art. V — O mandato do delegado que não for substituído por qualquer motivo, será automaticamente prorrogado por um ano.

Art. VI — A falta de sócio efetivo com residencia na Capital Federal, poderá a Academia Matogrossense de Letras ser representada na Federação das Academias por seus sócios correspondentes, ou por membros efetivos de outra Academia filiada.

Art. VII — Será feita a substituição de um mandato quando este cessar em consequência de morte do delegado, por sua mudança de residência ou por abandono do cargo.

Art. VIII — A Academia Matogrossense de Letras terá o seu quadro composto de 30 cadeiras de sócios efetivos e de sócios correspondentes até o numero de 50.

Art. IX — Só poderão ser patronos das cadeiras da Academia Matogrossense de Letras, brasileiros que se tenham tornado notáveis pelos seus trabalhos intelectuais produzidos em Mato Grosso.

Art. X — Os membros efetivos que se afastarem temporariamente da séde, deverão participar à Mesa o prazo da ausência, e a sua prorrogação.

Art. XI — Os membros efetivos que transferirem a sua residência definitivamente para fóra do Estado, passarão à categoria de correspondentes, bastando para a mudança de categoria uma comunicação à Mesa, ou, caso não o façam, dentro de dois anos após a sua retirada do Estado, a Mesa os declarará incurso na perda dos direitos de membros efetivos.

Art. XII — Só podem ser eleitos membros efetivos da Academia Matogrossense de Letras os brasileiros, domiciliados no Estado, pelo menos ha 3 anos, que tenham publicado trabalho de real valor, em qualquer genero literário.

Art. XIII — As mesmas qualidades são exigidas para a eleição de sócios correspondentes, os quais deverão sêr escolhidos entre intelectuais residentes fóra do Estado.

Art. XIV — A administração da Academia Matogrossense de Letras será feita por uma diretoria composta de um Presidente, um Vice-Presidente, um 1º Secretário, um 2º Secretário e um Tesoureiro, eleitos bianalmente, por escrutínio secreto e reelegiveis.

Art. XV — Cabe ao Presidente dirigir os trabalhos da Academia, bem como representá-la em juízo e nas suas relações com terceiros.

Art. XVI — O Vice-Presidente é o substituto do Presidente, em suas faltas e impedimentos.

Art. XVII — Ao 1º Secretário incumbe a direção da Secretaria, bem como a correspondência oficial, competindo ao 2º a lavratura das atas e bem assim a substituição do 1º, quando necessária.

Art. XVIII — O Tesoureiro é o encarregado da arrecadação, guarda e administração do patrimônio da Academia, devendo a aplicação dos fundos sociais ser feita de acordo com as deliberações da Mesa.

Art. XIX — Concomitantemente com a Diretoria e pela mesma maneira, serão eleitos duas comissões de caráter permanente, cujos membros, em número de 3, servirão pelo tempo de 2 anos e poderão ser reeleitos, a saber:

1ª — Comissão de Contas e Orçamento.

2ª — Comissão de Revista e Bibliografia.

Art. XX — Além destas Comissões, tem o Presidente a faculdade de nomear outras que se fizerem precisas para os trabalhos, noadamente as que se destinam a elaborar a história literária do Estado, seu dicionário bio-bibliográfico e a coordenação de elementos destinados à geografia linguística e aos estudos de folclore regional.

Art. XXI — Só podem ser eleitos para cargos da Diretoria ou das Comissões, os sócios residentes na sede da Academia.

Art. XXII — Nos casos de ausência ou de impedimento prolongado por mais de 3 meses, de qualquer dos membros da Diretoria ou das Comissões, providenciará o Presidente a substituição, submetendo o ato, na primeira reunião, à aprovação da Academia.

Art. XXIII — Se o caso ocorrer com o Presidente e faltar igualmente o seu substituto, proceder-se-á a nova eleição para completar o período administrativo.

Art. XXIV — As sessões ordinárias da Academia serão convocadas pelo Presidente e se realizarão em dia previamente anunciado pela imprensa.

Art. XXV — A Academia funcionará com a presença da maioria dos membros residentes na sede.

Art. XXVI — Para as eleições exige-se a maioria absoluta dos acadêmicos, podendo, os que estiverem impedidos de comparecer, enviar o seu voto por meio de carta ou telegrama, dirigidos ao Presidente, devidamente autenticados.

Art. XXVII — Deverão os acadêmicos eleitos tomar posse das suas cadeiras dentro de 6 meses contados da comunicação oficial da sua eleição, salvo o caso de motivo justificado, apresentado por escrito, em que a Mesa poderá conceder prorrogação por mais 6 meses.

Art. XXVIII — O candidato eleito só poderá usar o título e gozar das outras regalias acadêmicas depois do ato de sua posse, em sessão solene.

Art. XXIX — Extinguem-se os direitos de membros efetivos:

- a) pela morte;
- b) pela renúncia tácita, decorrente da ausência fora do Estado, não justificada, por mais de dois anos.

§ único — A disposição anterior não se aplica aos membros fundadores do "Centro Matogrossense de Letras", hoje "Academia".

Art. XXX — Os correspondentes perderão a qualidade apenas por falecimento ou em virtude de renúncia expressa.

Art. XXXI — A biblioteca, que deverá ser mantida pela Academia, ficará a encargo do 2º Secretário.

Art. XXXII — A Academia terá como seu órgão uma revista, destinada à publicação do expediente e dos trabalhos que forem julgados bons pela respectiva comissão.

Art. XXXIII — Poderá a Academia aceitar e receber subvenções e auxílios oficiais ou particulares, bem como assumir, de acordo com as suas possibilidades econômicas, compromissos exigidos pelo desenvolvimento da cultura literária do Estado.

Art. XXXIV — O Presidente da Academia Matogrossense de Letras, remeterá à Federação, em Janeiro de cada ano, um relatório das atividades da corporação que dirige, com as sugestões que lhe parecerem convenientes. Juntará a esses relatórios os endereços dos respectivos membros.

Art. XXXV — A Academia Matogrossense deverá interessar-se junto ao Governo do Estado, às livrarias locais e à imprensa, para obter recursos que facilitem a publicação do dicionário bibliográfico, da história literária, da geografia linguística e de estudos do folclore regional.

Art. XXXVI — O candidato ao título acadêmico deverá juntar ao requerimento de inscrição, em duplicata, a ficha bibliográfica respectiva, que obedecerá ao modelo adotado pela Federação, e ao menos dois exemplares de cada uma das obras de sua autoria, pelas quais se julgará do mérito do pretendente.

Art. XXXVII — Quando tomar posse o candidato, um dos exemplares da ficha será remetido à Federação com informes relativos ao ato da posse.

Art. XXXVIII -- Cumpra ao candidato eleito estudar, no discurso de posse, a vida e a obra do seu antecessor, com referência aos demais antecessores e patronos. Fará o mesmo em relação ao patrono da cadeira, no caso de ser o seu primeiro ocupante.

Art. XXXIX — O membro efetivo de qualquer Academia filiada à Federação, poderá tomar parte, discutir e fazer propostas, nas sessões da Academia Matogrossense, sem direito a voto.

Art. XL — Sempre que um membro da Academia Matogrossense visitar localidade sede de academia federada, deverá levar, para esta, mensagem da associação a que pertence, com o objetivo do maior estreitamento de relações entre elas.

Art. XLI — Verificado o falecimento de um acadêmico, deve o Presidente da Academia comunicar, sem demora, o fato à Federação, por meio de telegrama ou de carta aérea, providenciando, com os consócios, sobre as homenagens ao extinto. Da data das homenagens correrá o prazo para a substituição.

Art. XLII — O chefe do executivo estadual terá o título de Presidente de Honra da Academia Matogrossense de Letras.

Art. XLIII — As publicações da Academia Matogrossense de Letras serão escritas em ortografia oficial, como o serão as dos seus membros, uma vez que nelas se empregue o título acadêmico.

Art. XLIV — No caso de extinção da Academia, proceder-se-á à liquidação do seu passivo, revertendo o saldo existente, bem como todos os seus bens, em favor do Estado de Mato Grosso.

Art. XLV — A Mesa da Academia Matogrossense de Letras promoverá a reforma do seu Regimento Interno, adaptando-o às exigências para as Academias filiadas, devendo os presentes estatutos entrar em vigor após a sua publicação e o registro a que se refere o art. 18 do Código Civil.

Art. XLVI — Os presentes estatutos poderão ser reformados, no todo ou em parte, mediante proposta formulada pela maioria dos membros efetivos, e aprovada, no mínimo, por dois terços dos mesmos, em tres sessões consecutivas.

Art. XLVII — A Academia reconhece e ratifica o título de Presidente de Honra conferido pelo "Centro Matogrossense de Letras" ao acadêmico D. Francisco de Aquino Corrêa.

Art. XLVIII — Além da Galeria dos Patronos, manterá a Academia, na sua séde, duas outras galerias glorificadoras -- a dos escritores nacionais, de reconhecido valor, e a dos acadêmicos falecidos, cujas obras serão editadas, sempre que possível, pela Academia, em sua revista ou, em livros, constantes da série *Obras matogrossenses*.

Art. XLIX — Não se estendem aos atuais patronos e correspondentes as exigências dos arts. IX e XIII dos presentes Estatutos.

Art. L — As seis cadeiras criadas, em virtude da presente reforma, terão os seus patronos e ocupantes escolhidos, por escrutínio secreto, na primeira sessão que se seguir à publicação dos presentes Estatutos, obedecendo-se aos requisitos nêles prescritos para a escolha dos mesmos.

Art. LI — Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Academia Matogrossense de Letras,
em Cuiabá. 28 de Agosto de 1940.

(a.a.) *Jose de Mesquita*, Presidente, por si e pelos acadêmicos *D. Aquino Corrêa*, *Virgílio Corrêa Filho*, *João Barbosa de Faria*, *Amarílio Novis*, *Cesário Prado*, *Palmiro Pimenta*, *Nilo Póvoas* e *Alirio de Figueiredo*.
Philogonio Corrêa, 1º Secretário
Francisco A. Ferreira Mendes, 2º Secretário
Isac Póvoas, Tesoureiro
Maria de Arruda Müller
Oscarino Ramos
Olegario Moreira de Barros
Estevão de Mendonça
José Raul Vilá
Benjamin Duarte Monteiro
Ulisses Cuiabano
Antonio Fernandes de Souza
M. C. Oliveira Mello



Atas das sessões

Acta da decima terceira (13ª) sessão ordinaria da Academia Matogrossense de Letras

Aos treze (13) dias do mês de Fevereiro do ano de mil novecentos e trinta e cinco, em sua séde social, casa "Barão de Melgaço", realisou a Academia Matogrossense de Letras a sua decima terceira sessão ordinaria, a ela comparecendo os snrs. academicos José de Mesquita, Presidente, Amarilio Novis, Alirio de Figueiredo, Isac Póvoas, Franklin Cassiano e Francisco Mendes. Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi pelo segundo secretario dado conta do expediente em mesa, que constou do seguinte: — Officios da Academia Carióca de Letras comunicando a eleição de ~~seu presidente~~ **seu presidente** a cooperação da Academia Matogrossense de Letras para o intercambio mental inter-estaduano; da Fundação "Pandiá Calógeras", relativo á sua organização; do Nucleo municipal integralista de Cuiabá, dando ciencia da sua fundação; do Centro de Letras, do Paraná e do Mixto Esporte Clube, participando a escolha dos seus novos dirigentes; do Dr. Albano de Oliveira, Director substituto da Faculdade de Direito de Cuiabá, e do Tenente Hildeberto Vieira de Mélo, Chefe de Policia, comunicando a sua posse; do Circulo de Estudos Bandeirantes de Curitiba, da Bibliotéca Municipal de São Paulo, Sociedade de Cultura S. Rosa, de S. Rosa (Missões) e da Universidade de La Plata (Argentina), esta por intermédio da Diretoria da Estatistica Nacional, solicitando remessa de publicações; e da Papelaria Ribeiro, do Rio e de Linotype Company, enviando prospectos. Na ordem do dia foi lida uma proposta firmada pelos academicos Franklin Cassiano,

Francisco Mendes e Alirio de Figueiredo, apresentando o nome do Snr. José Victorino de Lima para membro correspondente da Academia no Estado do Espírito Santo, sendo unanimemente aprovada. O Snr. Presidente comunicou á casa que em Março deveria iniciar-se a impressão do terceiro (3º) numero da "Revista da Academia", para a qual solicitou a colaboração dos snrs. academicos. E nada mais havendo a tratar-se, o Snr. Presidente encerrou a sessão ás 20 horas. Sala das sessões da Academia Matogrossense de Letras em Cuiabá, 13 de Fevereiro de 1935.

José de Mesquita.

Palmiro Pimenta.

Alirio Figueiredo.

Isac Póvoas.

Oscarino Ramos.

Francisco Mendes.

Acta da decima quarta (14ª) sessão ordinaria da Academia Matogrossense de Letras

Aos trinta e um (31), dias do mês de Julho do ano de mil novecentos e trinta e cinco, no Salão nobre do Seminário da Conceição, por se achar em obras a séde social, realizou a Academia Matogrossense de Letras a sua decima quarta sessão ordinaria a ella comparecendo os snrs. academicos José de Mesquita, Presidente, Palmiro Pimenta, Alirio Figueiredo, Oscarino Ramos, Isac Póvoas e Francisco Mendes. Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi dado conta do expediente em mesa, que constou do seguinte: Officios da Academia Brasileira de Letras e agradecendo a remessa dos mesmos; officios da Academia Carióca de Letras solicitando a cooperação da Academia Matogrossense de Letras para o intercambio intelectual e convidando a Academia para tomar parte no Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura, a realizar se no Rio em Dezembro; officio do Centro Matogrossense, de São Paulo, pedindo o apoio da Academia para a sua campanha de propaganda do Estado de Mato Grosso na Capital do Estado de S. Paulo; officio da Escola Normal e Ginásio de Alagoinhas, Estado da Baía, solicitando remessa de publicação; idem da Bibliotheca Nacional de Paris, agradecendo a remessa da "Revista da Academia Matogrossense de Letras"; comunicações de posse da Directoria do Gremio Julia Lopes e do Cap. Eudóro Correa, comandante do 16 Batalhão de Caçadores; prospectos referentes aos Concursos academicos de 1936 e ao Album gráfico, pro-

jetado pelo Snr. Carlos de Araujo, e uma carta autógrafa do confrade José Victorino de Lima, agradecendo a sua eleição. O Presidente deu conta á casa de acharem-se quasi concluidas as obras do Salão nobre da "Casa Barão de Melgaço", que vinha sendo construido pelo governo do Interventor Dr. Fenelon Müller, o qual será inaugurado com um dos numeros da festa da Patria, a 7 de Setembro de 1935. Informou igualmente achar-se quasi pronto o n.º 3 da Revista da Academia, correspondente ao ano de 1935. A Academia resolveu homologar a deliberação da mesa, aderindo entusiasticamente ao Congresso das Sociedades literarias, promovido pela Academia Carióca de Letras. E nada mais havendo a tratar-se, o Sr. Presidente encerrou a sessão ás 21 horas.

Francisco, Arcebispo de Cuiabá.

José de Mesquita.

Palmiro Fimenta.

Oscarino Ramos.

Francisco Mendes.

Acta da decima quinta (15^a) sessão ordinaria da Academia Matogrossense de Letras

Aos dezoito (18) dias do mês de Janeiro do ano de mil novecentos e trinta e seis, no Seminário da Conceição, por se achar em obras a sede social, sob a presidencia do academico José de Mesquita, ás vinte (20) horas realisou a Academia Matogrossense de Letras a sua decima quinta sessão ordinaria, com a presença dos seus academicos, D. Aquino Corrêa, presidente de honra da Academia, Palmiro Pimenta, Oscarino Ramos e Francisco Mendes. Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi dado conta do expediente em mesa que constou do seguinte: — Officios de comunicação de posse da Diretoria do Centro Matogrossense do Rio de Janeiro; do Dr. Gabriel Vandoni de Barros, Secretario Geral do Estado; do Snr. Alvaro Pinto de Oliveira, Prefeito de Cuiabá; do Snr. João Nunes Ribeiro, Diretor da Tipografia Oficial; da Associação Beneficente dos Garimpeiros de Poxorêu; officios do Centro Matogrossense de S. Paulo, do Circulo de Estudos Banderantes, de Curitiba e da Faculdade de Direito de S. Paulo, solicitando o concurso da Academia Matogrossense de Letras e remessa de publicações; do Dr. Mario Corrêa, Governador do Estado, agradecendo a remessa do ultimo numero da "Revista"; do Tie. Cel. Alicio Souto, do E. M. da Presidencia da Republica, referente a colaboração da Academia ás festas da Patria; do Snr. Carlos

Araujo, solicitando o concurso da mesma Academia Matogrossense de Letras, para o seu trabalho de divulgação de homens e cousas matogrossenses. Convidado pelo Snr. Presidente, assistiu a sessão o mesmo Snr. Carlos de Araujo, que fez succinta exposição acerca do assunto, ficando a Mesa intimada do mesmo, para as oportunas providencias. Na ordem do dia, foi pelo snr. Presidente proposto que se delegasse ao Prof. José Victorino a função de representante da Academia Matogrossense de Letras, cabendo entretanto ao Snr. Presidente da Academia Matogrossense de Letras a função de seu representante nato, sendo a proposta aprovada por todos os presentes. O Presidente deu conta á casa de se a terem quasi concluídos os trabalhos de reconstrução do telhado do salão nobre da "Casa Barão de Melgço", levados a effecto pelo Governo do Estado e declarou que devia entrar para o preço o numero da "Revista" correspondente ao ano corrente. E nada mais havendo a tratar-se o Snr. Presidente encerrou a sessão ás 21 horas precisas.

Jose de Mesquita.

Palmiro Pimenta.

Isac Póvoas.

Alirio de Figueiredo.

Acta da decima sexta (16ª) sessão ordinaria da Academia Matogrossense de Letras

Aos tres (3) dias do mês de Abril de novecentos e trinta e seis (1936) nesta cidade de Curitiba e na sua sede social, á rua Barão de Melgço, reuniu a Academia Matogrossense de Letras ás 19 horas a **decima sexta sessão ordinaria. Presidiu-a o academico** José de Mesquita com a presença dos academicos Palmiro Pimenta, Alirio de Figueiredo e Isac Póvoas. Aberta a sessão convidou o Presidente o academico Isac Póvoas para servir de secretario *ad hoc*, na ausencia do efectivo, professor Francisco Mendes que justamente se encontrava, por motivo de molestia em pessoa de sua familia, conforme justificou. Foi lido o expediente, que consistiu de officios da Diretoria Geral de Informaçoes, Estatística e Divulgações, do Ministerio de Educação e Saude Publica, pedindo dados sobre escritores matogrossenses; do Sindicato dos Ferrovias da Mogiana, comunicando a eleição da sua nova Diretoria; do Centro de Preparação Militar e Naval do Rio de Janeiro, contendo o prospecto informativo desse instituto e um telegrama da Academia Carioca de Letras, aludindo ao Congresso das Academias de Letras. Foi a seguir, apresentada uma proposta do nome do

Dr. Luiz Felipe Vieira Souto para correspondente da Academia Matogrossense de Letras no Rio, tendo ela unanime aceitação. Declarou em seguida o Snr. Presidente. acharem-se prontas as obras da reconstrução do tecto do "Salão Nobre", levadas a efeito pelo governo e que no proximo dia 12 seria realizada, no mesmo, uma "Hora literaria". Serviu-se ainda da oportunidade o academico presidente para apresentar as suas despedidas aos seus confrades, por ter de seguir para o Rio na segunda quinzena do corrente mês, afim de representar a Academia Matogrossense no Congresso das Academias, dizendo que ficava na sua ausencia á testa da nossa Academia o seu digno Vice-Presidente, academico Palmiro Pimenta, cuja dedicação ás causas que abraça, dispensa qualquer recomendação. Nada mais havendo a tratar-se na presente sessão foi a mesma suspensa pelo Snr. Presidente, ás vinte (20) horas.

José de Mesquita
Philogonio de Paula Corrêa.
Oscarino Ramos.
José Raul Vilá
Isac Póvoas.
Estevão de Mendonça.
M. C. Oliveira Mello
Palmiro Pimenta.
Octavio Cunha.
Francisco Mendes.

**Acta da sessão extraordinaria realisada a 20 de Maio,
para nomeação do representante da Academia Matogrossense de Letras, nos trabalhos da organização do plano da Federação das Academias**

Aos vinte (20) dias de mez de Maio do ano de 1936, em sua séde social, casa "Barão de Melgaço", sob a presidencia do academico vice-presidente Palmiro Pimenta, realisou a Academia Matogrossense de Letras uma sessão extraordinaria, para tratar da nomeação do representante da Academia de Letras nos trabalhos preliminares da organização do plano da Federação das Academias, e bem assim para ratificar todos os actos para esse fim já praticados pelo academico José de Mesquita, Presidente da Academia, atualmente no Rio de Janeiro, representando a Academia Matogrossense de Letras no Congresso das Academias. Aberta a sessão e havendo numero de academicos presentes, o Snr. Presidente leu uma carta que lhe foi endereçada pelo academico José de Mesquita, em a qual, para melhor desempenho das suas

funções, solicitava da Academia, poderes necessários para representa-la. Posta em discussão foi unanimemente aprovada a proposta tendo o Snr. Presidente declarado que iria dar conhecimento da deliberação, por telegrama ao academico José de Mesquita o que foi feito em data de 22 de Maio, nos seguintes termos: «Desembargador José de Mesquita — Hotel Suíço — Rio — Tenho a honra comunicar V. Excia. que Academia Matogrossense de Letras em sessão plena hoje realizada, decidiu conceder V. Excia. amplos poderes para representa-la nos trabalhos preliminares organização plano Federação Academias, como também ratifica todos os actos por V. Excia. para esse fim praticados. Saudações — (a) Palmiro Pimenta.» E nada mais havendo a tratar-se o Sr. Presidente levantou a sessão ás 10 horas. Sala das sessões da Academia Matogrossense de Letras em Cuiabá, 20 de Maio de 1936.

Palmiro Pimenta.

Isac Póvoas.

Amarílio Novis.

Franklin Cassiano.

Olegario de Barros.

Francisco Mendes.

Acta da decima setima (17^a) sessão ordinaria da Academia Matogrossense de Letras

Aos vinte e seis dias do mes de Agosto de mil novecentos e trinta e seis em sua séde social, casa "Barão de Melgaço", realisou a Academia Matogrossense de Letras a sua decima setima (17^a) sessão ordinaria destinada á eleição da Mesa para o bienio mil novecentos e trinta e seis a mil novecentos e trinta e oito (1936-1938). Compareceram á mesma os academicos José de Mesquita, Presidente; Palmiro Pimenta, Oscarino Ramos, Olegario de Barros, Philogonio Correa, Francisco Mendes, Isac Póvoas, Miguel Mello, Estevão Mendonça, Octavio Cunha, José Vilá, tendo-se feito representar os academicos Virgilio Correa Filho, João Barbosa de Faria, Cesario Prado, Lamartine Mendes e Franklin Cassiano, num total de 16. Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi acusado pelo segundo secretario, Francisco Mendes, o expediente que constou de um officio do Club Esportivo Feminino, comunicando a posse da nova directoria e outro do Dr. Laudelino Freire, presidente da Federação das Academias comunicando a instalação da mesma Federação. Procedeu-se em primeiro lugar, a eleição da Mesa, servindo de escrutinadores

os academicos Philogonio Corrêa e Francisco Mendes, sendo o resultado o seguinte: — Presidente — José de Mesquita, com 15 votos; Virgílio Correa Filho, 1 voto; Vice-Presidente—Palmiro Pimenta, 15 votos; 1 em branco; 1º Secretário—Philogonio Correa, 16 votos; 2º Secretário — Francisco Mendes, 15 votos; Oscarino Ramos, 1 voto. Para a Comissão de Revista e Bibliografia saíram eleitos por unanimidade: D. Maria Arruda Müller, Oscarino Ramos e Amarílio Novis e para a de Contas e Orçamento: Isac Póvoas, Olegario de Barros e José Vilá. Passou a seguir a Academia a deliberar sobre a filiação á Federação, sendo unanimemente resolvido promover a mesma adhesão, e escolhidos Delegados junto á Federação das Academias de Letras do Brasil, os academicos Virgílio Correa Filho e João Barbosa Faria. Resolveu ainda a Academia Matogrossense de Letras, sob proposta do Presidente, aclamar seu correspondente no Rio de Janeiro o academico Afonso Costa, presidente da Academia Carioca de Letras, tendo em vista os inestimaveis serviços prestados ás letras, sobre tudo a sua ação coordenadora levando a termo, com exito admiravel o Congresso das Academias de Letras, ultimamente realizado na capital do paiz. O Presidente deu conta á casa da sua actuação como delegado ao referido Congresso, sendo pelo academico Palmiro Pimenta, proposto um voto de louvor e simpatia ao presidente; proposta que foi unanimemente aprovada.

Foi constituída a Comissão de Regimento, com os nomes dos academicos Miguel Mello, Estevão de Mendonça e Octavio Cunha, ficando deliberado ainda, que a posse da nova Diretoria se realise á 7 de Setembro, data anniversaria da Academia, em sessão solene, comemorativa do "Dia da Patria". O Sr. Presidente comunicou ainda á casa haver marcado o dia 26 de Setembro para a eleição do novo academico que deverá ocupar a cadeira nº 11, vaga por falecimento do academico Leonidas de Matos; e, ao encerrar, agradeceu a sua reeleição e as homenagens carinhosas e expressivas que recebera da Academia Matogrossense de Letras desde o seu regresso a esta Capital. E nada mais havendo a tratar-se o snr. Presidente encerrou a sessão ás 21 horas.

José de Mesquita
Miguel de Oliveira Mello
José Raul Vilá
Franklin Cassiano
Palmiro Pimenta
Amarílio Novis
Estevão de Meudonça
Oscarino Ramos
Francisco Mendés

Acta da decima oitava (18^a) sessão ordinaria
da
Academia Matogrossense de Letras

Aos vinte e seis (26) dias do mês de Setembro do ano mil novecentos e trinta e seis (1936) em sua séde social a "Casa Barão de Melgaço", realisou a Academia Matogrossense de Letras a sua decima oitava (18^a) sessão ordinaria, destinada á posse da Mesa eleita para o bienio 1936-1938. e eleição para a cadeira n. 11, vaga com o falecimento do seu segundo occupante o academico Leonidas de Matos, sendo a mesma presidida pelo academico José de Mesquita, secretariado pelo academico Francisco Mendes, a ela comparecendo os academicos Palmiro Pimenta, Oscarino Ramos, Amarilio Novis, Estevão de Mendonça, Miguel Melo, Franklin Cassiano, José Vilá, tendo-se feito representar, enviando os seus votos, os academicos D. Aquino Corrêa, Virgilio Corrêa Filho, João Barbosa, Cesario Prado, Lamartine Mendes, Alirio de Figueiredo e Isac Póvoas, num total de desesseis (16), tendo faltado com causa participada o academico Philogonio Corrêa. No expediente foram lidos um radio do Estado do Paraná, comunicando haver instituido ortografia simplificada naquele Estado; um officio do Centro Literario "José de Anchieta", Campo-Grande, comunicando a sua fundação e escolha da primeira Diretoria; uma carta do Sr. Adrião Bernardes, de Catanduvás, S. Paulo, pedindo o concurso da Academia para uma obra que está elaborando, e um cartão da Biblioteca Calixto Nobrega, de João Pessoa, Paraíba, agradecendo a remessa da "Revista da Academia". Em seguida o Sr. Presidente declarou empossada a Diretoria eleita em sessão de 26 de Agosto e cujos nomes constavam da acta que acabára de ser aprovada, e, após, leu o relatorio das occurrencias sociaes do bienio findo, referindo-se de maneira especial ao Congresso das Academias, realisado no Rio de Janeiro, em Maio do ano expirante, e a construção do Salão da Casa "Barão de Melgaço". Passando-se á eleição para a cadeira n. 11, depois de verificado haver *quorum*, de acordo com os Estatutos, foi procedido o escrutinio, que apurado, deu o seguinte resultado: — Dr. Benjamin Duarte Monteiro, 15 vótos; Professor Cesario Neto, 1 vóto. A seguir o Snr. Presidente proclamou eleito para a cadeira n.º 11, o Dr. Benjamin Duarte Monteiro, nomeando, para dar conhecimento ao novel academico, da sua escolha, uma comissão composta dos academicos Amarilio Novis, Palmiro Pimenta e Franklin Cassiano.

E nada mais havendo a tratar-se na presente sessão, o Snr. Presidente declarou-a encerrada ás 21 horas.

José de Mesquita.

Philogonio Corrêa.

Oscarino Ramos

Palmiro Pimenta.

Isác Póvoas.

Francisco Mendes.

Acta da decima nona (19^a) sessão ordinária da Academia Matogrossense de Letras

Aos dez (10) dias do mês de Novembro do ano de mil novecentos e trinta e seis, em sua sede social, casa "Barão de Melgaço" realisou a Academia Matogrossense de Letras a sua decima nona sessão ordinária, a ella comparecendo os snrs. academicos José de Mesquita, Presidente; Francisco Mendes, Secretário; Philogonio Corrêa, Palmiro Pimenta, Oscarino Ramos e Isác Póvoas. Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi dado conta pelo secretario do expediente em Mesa que constou do seguinte:—oficio da Federação das Academias de Letras do Brasil, comunicando haver sido deliberada a filiação da Academia Matogrossense de Letras á mesma Federação; carta do Dr. Francisco Bianco Filho, oferecendo á Academia um exemplar do seu romance "Mirko"; comunicações de posse do Delegado Fiscal do Tesouro Nacional neste Estado, das diretorias dos Gremios "José de Mesquita", desta Capital, e "José de Anchieta" de Campo Grande, do Centro Matogrossense do Rio de Janeiro e do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul. Em seguida, passando-se á parte deliberativa ficou resolvido nomear-se uma Comissão mixta, composta dos Presidentes da Academia e do Instituto Historico e do Vice Presidente deste e o Secretário da Academia, academicos José de Mesquita, Philogonio Corrêa e Professor Firmo Rodrigues, para pleitearem junto ao Snr. Prefeito Municipal um auxilio para as duas sociedades no exercicio de 1937. O Sr. Presidente justificou a necessidade desse auxilio com o aumento dos encargos decorrentes da filiação á Federação, que obriga os institutos filiados a concorrer com uma quota para a manutenção da Federação. O Presidente nomeou uma comissão para apresentar uma synthese acerca do Estado historico (academico Philogonio Corrêa); — possibilidades economicas (academico Francisco Mendes)— fertilidade e clima (academico Palmiro Pimenta)— pro-

blemas sociais e economicos (academico Isac Póvoas) e monografia sobre Cuiabá (academico Oscarino Ramos), afim de atender ao pedido do Sr. Adrião Bernardes, que se propõem a organizar uma seleta inglesa, com fins didaticos e de propaganda. Finalmente foi marcado o dia 25 de Dezembro, para a posse do academico eleito Snr. Benjamin Duarte Monteiro, e designado para recebe-lo, em nome da corporação o academico Octavio Cunha. A sessão foi levantada ás 21 horas por nada mais haver a tratar-se. Sala das sessões da Academia Matogrossense de Letras, em Cuiabá, 10 de Novembro de 1936.

Francisco Arcebispo de Cuiabá.

José de Mesquita.

Amarilio Novis

Palmiro Pimenta.

Oscarino Ramos.

Francisco Mendes.

Acta da vigesima (20^a) sessão ordinaria da Academia Matogrossense de Letras

Aos cinco (5) dias do mês de Abril de mil novecentos e trinta e sete (1937), no Seminario da Conceição e com a presença dos Exmos. Snrs. Academicos D. Aquino Corrêa, Presidente de Honra da Academia, José de Mesquita, Palmiro Pimenta, Oscarino Ramos, Amarilio Novis e Francisco Mendes realizou a Academia Matogrossense de Letras, a sua vigesima (20^a) sessão ordinaria. Lida e aprovada a acta da sessão anterior, o 2^o Secretario, academico **Francisco Mendes, deu conta do expediente em mesa, que** constou do seguinte: officios da Federação das Academias de Letras, transmitindo sugestões e instruções; do academico João Barbosa Faria, agradecendo sua eleição para Delegado da Academia Matogrossense de Letras, junto á Federação; do Snr. Luiz Feitosa Rodrigues, remetendo o seu livro "Inspirações"; da Comissão Pró-Monumento á Graça Aranha, solicitando cooperação desta Academia; do Circulo de Estatutos Bandeirantes da Academia de Letras do Rio Grande do Sul; da Biblioteca Municipal de São Paulo e da Universidade de Cuba, remetendo e pedindo remessa de publicações; da Federação das Academias, da Academia Riograndense de Letras, do Centro de Ciencias, Letras e Artes de Campinas, do Centro de Letras do Paraná, da Secretaria do Interior, Diretoria Geral da Instrução, Prefeituras Municipaes da Capital e Cáceres, Diretoria do Tesouro, Clube Esportivo Feminino e Liga Pró-

Lazaros, fazendo comunicação da posse; do presidente da Assembleia Legislativa, convidando para a instalação dos trabalhos d'aquella corporação: da Revista "Imprensa Medica", pedindo publicação duma nota, e telegrama do Snr. Benjamin Duarte, solicitando prorrogação de prazo para tomar posse da sua cadeira. Passando se á ordem do dia, resolveu a casa conceder, nos termos dos Estatutos, art. 3º, uma prorrogação de 6 meses ao academico eleito Benjamin Duarte, para tomar posse da cadeira nº 11. Ficou deliberado realisar-se a 3 de Maio, uma "Hora literaria", por ocasião da visita official do Sr. Interventor Federal, á casa "Barão de Melgaço", séde da Academia e bem assim que se reiterasse ao Prefeito Municipal, o pedido de auxilio que se fizera sem resultado em Novembro de 1936. O Snr. Presidente, academico José de Mesquita, deu conta á casa de varias providencias administrativas tomadas pela mesa, e annunciou achar se quasi concluida a impressão da Revista, relativa ao anno fluente e nada mais havendo a tratar-se o Snr. Presidente levantou a sessão ás 20 horas. Sala do Seminario da Conceição em Cuiabá, 5 de Abril de 1937.

Francisco, Arcebispo de Cuiabá.

José de Mesquita.

Oscarino Ramos.

Isac Póvoas.

Amarilio Novis.

Francisco Mendes.

Acta da vigesima primeira (21ª) sessão ordinaria da Academia Matogrossense de Letras

Aos seis (6) dias do mês de Agosto do ano de mil novecentos e trinta e sete, no Salão nobre do Seminario da Conceição, por se achar em obras a séde social, realisou a Academia Matogrossense de Letras a sua vigesima primeira sessão ordinaria a ella comparecendo os Snrs. academicos D. Aquino Corrêa, Presidente de honra; — José de Mesquita, Presidente; — Oscarino Ramos, Amarilio Novis, Isac Póvoas e Francisco Mendes. Lida e aprovada a acta da sessão anterior. foi pelo Secretário, dado conta do expediente em Mesa, que constou de officio das Academias de Letras, enviando instruções para orientação dos trabalhos; da Academia Paranaense de Letras, da Ordem dos Advogados, (seção local), e do Club Esportivo Feminino, comunicando a posse de suas Diretorias; do Gremio Esportivo e Literário D. Pedro

2º (de Rio Preto, São Paulo), da Oficina Internacional de Informaçõs Universitarias, de Havana (Cuba) e da União Pan-Americana (Washington), pedindo remessa de publicaçõs. Ficou resolvido que a Academia, em acção conjunta com outras sociedades, promovesse a 7 de Setembro a comemoraçãõ do Dia da Pátria. O Snr. Presidente congratulou-se com a casa pelo projeto de lei de autorizaçãõ do Deputado Rosário Congo, membro correspondente da Academia, elevando a sua dotaçãõ anual. E nada mais havendo a tratar-se, o Snr. Presidente encerrou a sessãõ á Sala do Seminario da Conceiçãõ em Cuiabá, 6 de Agosto de 1937.

Francisco, arcebispo de Cuiabá.

José de Mesquita.

Isac Póvoas

Amarilio Novis

Franklin Cassiano.

Acta da vigésima segunda (22ª) sessãõ ordinaria da Academia Matogrossense de Letras

Aos cinco (5) dias do mês de Fevereiro de 1938, ás 19 horas, no salão nobre do Seminario da Conceiçãõ, realisou a Academia Matogrossense de Letras a sua 22ª sessãõ ordinaria, com a presença dos Srs. academicos: D. Aquino Corrêa, Presidente de Honra, José de Mesquita, Presidente, Isac Póvoas, Amarilio Novis e Franklin Cassiano, presidindo os trabalhos o academico José de Mesquita que convidou para secretaria-los o academico Isac Póvoas, por não ter comparecido por motivo justificado o 2º Secretario Francisco Mendes. Constou o expediente do seguinte: comunicaçõs de posse do Dr. João Ponce de Arruda, Secretario Geral do Estado, Bel. Isac Póvoas, Prefeito da Capital, Dr. Benedito Vaz de Figueiredo, Consultor Juridico do Estado, Hamilton de Faria Rocha, Diretor em comissãõ da Estatistica e Publicidade do Estado, Cap. Joaquim Vicente Rondon, Secretario Geral do Centro Matogrossense do Rio, Clarindo Brandãõ, 1º Secretario do Gremio "Alvares de Azevedo", Luiz da Camara Cascudo, Secretario Geral da Academia Rio Grandense de Letras (Natal), senhorinha Marilly Aguiar, 1º Secretaria do Club Feminino de Corumbá e Joaquim A. S. Rebelo, secretario da Acacia Cuiabana; cartas da Academia Paranaense, do Circulo de Estudos Bandeirantes (Curitiba), da Biblioteca Publica de São Paulo, acusando o recebimento do nº IX e X, da Revista da Academia Matogrossense de Letras, officios do Diretor interino do Archivo, Biblioteca e Mapo-

theza, do Itamaraty, pedindo a remessa de fichários relativos aos membros da Academia; do Presidente da Junta Regional de Estatística, solicitando informes, agradecendo a remessa e enviando dois exemplares da "Sinopse Estatística do Estado"; do Secretario Geral do Estado, de referencia ás comemorações centenárias de Couto Magalhães; do Snr. Coronel Temistocles Brasil, Chefe da Comissão Brasileira demarcadora dos limites de Oéste, remetendo uma carta geográfica da fronteira; do Dr. Afonso Costa, 1º Secretario da Federação das Academias, enviando sugestões da Universidade Popular de Panamá, pedindo permuta de publicações e do Instituto Historico do Espirito-Santo declarando que não tem publicações para permuta. O Snr. Presidente declarou que breve entrará para o préio o numero da Revista para o ano corrente para o qual solicitava colaboração dos academicos e propôs que a Mesa ficasse autorizada a contratar serviços de copia de documentos. Sugeriu ainda que se nomeasse uma Comissão para apresentar as boas-vindas ao academico Palmiro Pimenta no seu regresso a esta Capital, Comissão Mixta da Academia e do Instituto e que ficou assim constituída: — Major Firmo Rodrigues, Amarilio Novis e Isác Póvoas. O academico Amarilio Novis propôs a inserção de um voto de pesar, na acta, pelo infausto passamento do academico Antonio Tolentino de Almeida, correspondente da Academia em Santo Antonio do Rio Abaixo, propótas que foram unanimemente aprovadas. E nada mais havendo a tratar-se, o Snr. Presidente encerrou a sessão ás 20 horas. Sala do Seminario da Conceição em Cuiabá, 5 de Fevereiro de 1938.

Francisco, arcebispo de Cuiabá.

José de Mesquita.

Oscarino Ramos

Isác Póvoas

Francisco Mendes.

Acta da vigesima terceira (23ª) sessão ordinária da Academia Matogrossense de Letras

Aos vinte e nove (29) dias do mez de Abril do ano de 1938, no Seminario da Conceição, realisou a Academia Matogrossense de Letras, a sua vigesima terceira (23ª) sessão ordinária, a ela comparecendo os snrs. academicos D. Aquino Corrêa, José de Mesquita, Oscarino Ramos, Isác Póvoas e Francisco Mendes, presidindo-a o academico D. Aquino Corrêa, Presidente de Honra da Academia. Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi pelo secretario dado conta do expediente em Mesa que

constou de seguinte: — officio do Gremio Literario "José de Mesquita", da Capital; da Academia Acreana de Letras do Rio Branco e da Academia de Letras do Rio Grande do Sul; da Rádio Difusora Matogrossense, de Corumbá, comunicando a eleição e posse de suas diretorias; do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriarios, dando ciência da sua instalação á rua 13 de Junho, 52, nesta cidade; da Biblioteca Municipal de São Paulo, pedindo remessa da "Revista da Academia"; do Snr. Luiz da Camara Cascudo, de Natal (Rio Grande do Norte), solicitando dados acerca do folk-lore matogrossense; da União Pan Americana, de Washington, enviando um questionario para ser preenchido; da Associação de Escritores y Artistas Americanos, de Habana, comunicando a resolução de adotar o dia 18 de Outubro como o dia da Cultura Americana, e do Serviço de Cooperação Intelectual, do Itamaraty e da Federação das Academias de Letras, pedindo remessas de fichas dos academicos. Na ordem do dia foi resolvido, a exemplo do que fizera o Instituto Historico Geografico de Mato-Grosso, incumbir o snr. Zelador da Academia, mediante contrato, dos serviços extraordinarios de copias para a Revista e catalogação de jornais e publicações avulsas da Biblioteca. O snr. Presidente da Academia, deu conta á casa de já se achar no prélo o volume da Revista da Academia, correspondente ao ano corrente, para o qual solicitou a colaboração dos senhores academicos. E, nada mais havendo a tratar-se, o Snr. Presidente declarou encerrada a sessão, ás 20 horas. Sala das sessões da Academia Matogrossense de Letras, em Cuiabá 29 de Abril de 1938.

José de Mesquita

Palmiro Pimenta.

Philogonio de Paula Corrêa.

Alirio de Figueiredo

Oscarino Ramos.

Isac Póvoas.

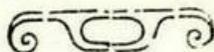
Maria de Arruda Müller

Amarilio Novis

Benjamin Duarte Monteiro

Franklin Cassiano.

Francisco Mendes.



BIBLIOGRAFIA

UM POEMA ÉPICO BRASILEIRO

Nilo Póvoas

(Da Academia Maranhense de Letras)

Em nove inspirados cantos, primorosamente tecidos em endecassílabos brancos, veio ao lume a segunda edição do poema épico OS BRASILEIDAS, essa obra de inestimável valor artístico, com que acaba o nosso prestante patricio Sr. Carlos Alberto Nunes de enriquecer o acervo das patrias letras e de firmar, definitivamente, a sua reputação de grande poeta, e, sobretudo, de um clássico da lingua portuguesa.

Esse poema vi-o no mostruário de uma modesta livraria, na simpática cidade paulista de Guaratinguetá, e, à nímia gentileza do livreiro, devo o haver folheado, ligeiramente, essa alta novidade poética, que tão agradável impressão me deixaria.

Recebi-o mais tarde em Cuiabá, com grande alvoroço e alegria. Vinha-me, agora, diretamente do autor e trazia o seu gentil e desvanecedor ofertamento. Foi somente então que o li, atenta e demoradamente, sorvendo em curtos haustos, o delicioso néctar, de que tão amavelmente me serviu o Sr. Nunes, em taça dourada.

Dizem-me as informações, que logrei obter, naquela florescente cidade bandeirante, ser o Sr. Carlos Alberto natural do Estado do Maranhão, ninho de condores, em que se emplumára o cantor de I-JUCA-PIRAMA, residindo, atualmente, ali, onde exerce atividade profissional como médico.

Que me conste, não teve, nos nossos círculos literários, em geral impregnados de "futurismo" dissolvente, a repercussão que deveria ter o poema do Sr. Carlos Alberto. Uma que outra manifestação despertou da nossa crítica essa obra tão profundamente brasileira, que arrancou ao Sr. Júlio Dantas o qualificativo de "notável" e o seu autor o de «um dos maiores poetas do Brasil contemporâneo e de um clássico da lingua portuguesa.»

Infelizmente tem a nossa crítica desses cochilozinhos. Idêntica insensibilidade demonstrou ela, quando do aparecimento dos Primeiros Cantos, de Gonçalves Dias, conterrâneo do Sr. Carlos Alberto. Foi preciso que primeiro se fizessem ouvir as palmas e os aplausos do grande Alexandre Herculano, para que, no Bra-

sil, se voltassem as atenções para o mavioso aedo do *Gigante de pedra*. Pois ouça, agora, a nossa crítica a palavra encomiástica de Júlio Dantas sobre o poema OS BRASILEIDAS.

Com a publicação desse poema que, sem pruridos de crítica literária, me permito considerar magnífico, fez o Sr. Carlos Alberto Nunes ruir por terra, fragorosamente, a velha crença afagada pelos nossos críticos, de que os poetas brasileiros, liris-tas por excelência, revelam pouca aptidão para a epopéa.

Concedo seja o lirismo o traço o mais forte da nossa poesia e mais ao sabor dos nossos poetas; isso não obstante, não importa um atestado da sua inaptidão para o gênero épico, que, seja dito de passagem, é o que mai res dificuldades oferece, não somente da concepção, senão também, e principalmente, na execução. Sendo a poesia épica uma das mais altas manifestações do engenho humano, bem é de vê-se que ela é somente acessível às organizações artísticas privilegiadas. Nela a imaginação alteia e sublima e, nos seus surtos aleandorados, vóa até à morada dos Deuses, cujos arcanos devassa, cujos mistérios desvenda e cuja linguagem interpreta e traduz. O seu característico-mestre é o maravilhoso; assim, a sua ação deve assumir proporções verdadeiramente grandiosas, capazes de interessar, de encantar, de arrebatat e destacar-se o seu estilo por atributos que o tornem sedutor. A liberdade que tem o poeta de fingir, de inventar, de dar as azas à imaginação, não deve de descambar para a inverosimilhança. Os caracteres hão de ser apresentados e sustentados com a mesma nobreza e importância, para que se não desmereçam, não resvalem para o banal, e se não incompatibilizem com a natureza do poema. Ora, as exigencias são estas, de alta monta, cuja satisfação depende de qualidades superiores, que, evidente, não se venham ao alcance da turba perpêtradora de versos. Para tanto, ha mistér talento e muito talento.

Ésses cotes supernos, privativos dos espíritos de eleição, demonstrou-os o Sr. Carlos Alberto Nunes, à saciedade, do primeiro ao derradeiro canto do poema.

Trabalhando com outo de lei da hõa, da lídima fala portuguesa, OS BRASILEIDAS antolham-se me um verdadeiro repositório de saber vernáculo, em que as belesas enxameiam, afeiçoadas, como raro gosto artístico, por mãos hábeis de mestre.

Nesse poema imortal, sólido pedestal em que assentou o illustre poeta maranhense o monumento de seu renome, não sei que mais deva admirar: se a magnificencia dos quadros, se a capacidade descritiva, se a animação das cenas, se o vigor de imaginação, se, alfini, a opulencia e vernaculidade de linguagem sempre bela e extreme, rica e altanada, inteiramente harmônica com

a natureza do assunto, que é a bravura indômita dos bandeirantes.

..... os altos feitos
dos heróis que o Brasil plasmar souberam
través do Pindorama, demarcando
nos sertões a conquista e as esperanças.

Identificando com os descendentes da raça hercúlea dos bandeirantes, era natural que o motivo empolgasse inteiramente o espírito do poeta. De feito, soube ele plasmar no bronze de seu poema os impressionantes rasgos de heroísmo desses Brasileidas ínclitos, quando, no esplêndido ciclo da presa ao índio e da caça ao ouro, investiam ousados contra as agrestias das nossas suntuosas selvas tropicais e, tendo numa das mãos a foice e na outra a espada, iam enfrentando a oposição insidiosa do aborígine, desvendando as fabulosas riquezas da nossa terra, fundando currais, lançando os germes das nossas primeiras cidades, leguas grandes à Patria incorporando.

O tema é amplo e altamente sugestivo. E o poeta soube bem aproveitá-lo, dele arrancando um poema admirável sob todos os aspectos. Foi-lhe propícia a Musa, satisfazendo gentil ao seu apelo:

Dá que em visões se fixem tantas fôrmas
de nunca ousado arrojo porque a Patria
perdure na Poesia e com mais bronze
na memoria do tempo se eternize:
— A luta dos Titãs, os novos Deuses,
as Amazonas varonis e a raça
que o Gigante de pedra em sonhos altos
da terra fez brotar, idéas novas
de grandeza forçando à Eternidade.

Imortalizando *Os Brasileidas* a obra dos bandeirantes, ~~con-~~
~~sagrando também os versos do autor.~~ E, incontestavelmente, uma
obra de alta significação literária. Para lhe perpetuar o nome e
conferir-lhe um logar proeminente entre os clássicos, é o quan-
to basta, de vez que outros, com muito menos, o alcançaram.

Admirável a descrição que faz o poeta da peregrinação do
invicto Raposo, varando as espessuras das matas virgens e trans-
pondo inumeráveis cursos caudalosos, medindo a terra, passo a
passo

Desda Serra do Mar, desda corrente
sagrada do Anhembi, por toda a costa
que o grande Abalador bramando açoita,
até aos Andes, onde, junto às aguas

do grande Mar de dentro as Amazonas
procura belicosas por que à Patria
de tornada apresente os doces frutos
na excellencia das fôrmas afamados.

E este rápido aspecto de um pouso na região dos Andes:

Zumbi, e sobre o barranco o bandeirante
 contempla a rósea aurora que se eleva
 desparzindo grinaldas pelas ilhas.
 Os mamelucos dormem; qual, as armas
 ao lado inda apresenta: qual, em gemeas
 tiritando em seu manto se aconchega.
 Raposo atento os mira, os arcabouços
 por febres abatidos, pés inchados,
 leguas tendo aos sertões calcado inúmeras.

Como se põe de manifesto, os seus versos são a expressão do que de mais precioso há na língua em limpidez clássica, em polidez requintada e em castidade inviolável. Harmonia, número, grandeza de estro, em tudo são iguais, impecáveis.

Veja-se, por exemplo, no segundo canto, o trecho em que descreve a porta do templo dos Atlantes, com as suas doze colunas e a sua pirâmide truncada, que o sol nascente banha, onde Tamira presidia ao Congresso das Guerreiras:

Já dos matins o canto na floresta
 audara a madrugada quando ao templo
 dos Atlantes Tamira se encaminha.
 Corta pelos canais; já deixa as pontes
 e as muralhas e o tronco consagrado
 da régia castanheira, já das doze
 colunas se aproxima em que os Atlantes
 com gesto lapidar o templo escoram.
 De par em par o patenteia, duplas
 portadas amostrando, porque os raios
 do sol nascente o banhem quando surja
 das águas fragoroso e quando à tarde
 desatrele os cavacos e os recolha.
 Ao centro então se posta da pirâmide
 truncada, enquanto em torno os mais guerreiros
no Congresso silentes aguardavam.
 A sombra esfaz-se: aos poucos se detem
 lapidares contornos onde a glória
 dos ínclitos Titãs se concretiza.

O solene ritual com que se desenvolve o Congresso dos Tuxauas, com os cânticos dos seus cânticos e os ritmos das suas dansas; os adêmanes graciosos de Tamira, a soberana; a eloquência de Cerusa, a bela guerreira de tez morena e pés pequenos, dando início à cerimonia; a fereza indomável de Ajuricaba, a arengar ameaçadoramente contra os homens de couro, que devastaram as paragens amenas, que se estendem para além da serra Ibiapaba; as acerbas recriminações de Apinagé, o condutor das tribus do Tocantins e do Araguaia, aos monstros alados a cujos pés secam-se os próprios rios; a réplica inspi-

raça de Gerusa e a serenidade de Comandré, o famoso entre os mais fortes das praias

que o grande Abalador bramando açoita;

a dignidade e fidalguia acolhedora de Tamira, domando com energia a cólera e calando os ressentimentos dos seus, tudo é aí expressivo, imprimindo o autor à sua narrativa grande animação e vigor.

Onde, porém, excele o poeta, é na fala com que responde Raposo à divina Tamira. É, talvez, o mais belo trecho do seu poema:

Por meu nome darei começo ao canto
dos fortes Brasileidas, porque saibas
quando aos meus de tornada retirar-me
qual hóspede abrigaste: eu sou Raposo
que o sertão retalhando a Patria estendo
na gloria dos meus feitos. Já nas tabas
mais longinquas a Fama em voz de ferro
meus passos assinala e alegre imprime
rubras fulgurações nas fantasias.
Pertença à Geração dos que se esforçam
das Trevas para a luz, dos que no solo
brasilio radicados à conquista
dos Andes imortais se abalançaram.

E assim se desdobra, longa e alíssonas, a poranduba do bandeirante que os taxanas escutam estupefatos, em meio ao silencio profundo, que domina o templo dos Atlantes, ordenados pelos sons cavos do troceno. Raposo, semelhante a um Deus soberbo nas suas vestes táureas, a postura nobre e serena,

que a luz do sol nascente envolve e doura,

narra as terríveis peripecias que teve de vencer com os seus companheiros exangues, durante a longa e penosa rota palmilhada pela Bandeira,

..... desdas aguas
onde o Cruzeiro não se esconde aos picos
dos Andes luminosos.

Nessas narrativas (diz o Sr. Júlio Dantas), austeros baixos-relevos teogônicos, que se diriam abertos em bronze, ou coloridas e animadas tapeçarias históricas, rasmam quase todos os grandes mitos americanos, a escalada dos Andes pelos titãs que Tupã fulmina, a lenda do Gigante de pedra, o cataclismo que submergiu a Atlântida e quase todos os acontecimentos da nossa história comum, desde as navegações gloriosas dos portugueses até a expulsão dos batavos (batalha dos Guararapes), à guerra dos Palmares terminada pelo suicídio épico do negro

Zumbí, e, sobretudo até a gigantesca obra colonizadora dos bandeirantes ...»

A narrativa é efetivamente viva e animada, apresentando aqui e ali rasgos verdadeiramente impressionantes, que rivalizam com os mais belos passos da Ilíada e da Odisseia. Vejam-se, por exemplo, as cenas gloriosas dos Guararapes, o episódio da morte de Zumbí e outros.

O Sr. Júlio Dantas teceu a melhor corôa para o poeta, com estas palavras lapidares: «Mas, se o encenador nem sempre é impecável, o poeta, esse sim, é simplesmente extraordinário. Que dignidade de expressão, que nobreza de imagens, que alto sentido do estilo épico, que vigor e que movimento nas narrativas, que conhecimento substancial da língua, que domínio absoluto da forma, que marmórea solidez na construção do verso branco, quasi sempre escultural! Ha tempo que não me é dado admirar um poeta tão dextro no manejo do vernáculo, que ele enriquece, a um tempo, pelo afluxo vocabular dos dialetos tupi e tapuias (onomástica, topinímia, fauna, flora) e pelo pesado e suntuoso tecido erúcido dos neologismos, cuja abundancia em étimos gregos e latinos denota no autor (e não poucas vezes a sintaxe também) íntimo e diuturno convívio com os textos clássicos.»

Obra de humano, não é o poema isento de falhas e imperfeições, conforme fez sentir o notável crítico a que acima me referi. São, porém, bagatelas, que se perdem num oceano de belezas.

Tenho para mim que OS BRASILEIDAS são um poema que deveria ser franqueado ao trato dos nossos estudantes, pois ha muito que colher de precioso nesse veio riquíssimo.

Na época que atravessamos, de verdadeira e lastimavel derrocada do gosto artistico e literário, muito para louvado é o esforço do autor em opôr uma barreira à corrente demolidora, com um trabalho da natureza e porte de OS BRASILEIDAS, em que a poesia, a boa e genuina poesia, aflora esplendorosa, cheia de majestade, como a vitória régia, em meio à corrente da sã, da opulenta linguagem clássica.

BRASIL DE OESTE

Paula Achilles

José de Mesquita

Mato-Grosso começa, realmente, a despertar interesse lá fóra. Já não é «a terra das onças e sucuris», nem o «Estado que faz uma revolução de cada sete anos». A sua vida de trabalho e de resistência às duras circunstâncias adversas, os aspectos próprios e inconfundíveis do seu *habitat* e da sua gente, a sua cultura, admirável fenómeno, no magnífico isolamento em que se opera, já impressionam os nossos homens de pensamento, escritores e jornalistas, e disso temos prova na farta messe de publicações que vão surgindo acerca da Interlândia. Ainda agora nos chega este volumoso e interessante *Brasil de Oeste*, em que Paula Achilles, numa bela edição de Coelho Branco — um grande amigo de Mato-Grosso — focaliza aspectos do nosso Estado central. Paula Achilles pertence à Academia Fluminense, é poeta, didacta, jornalista e ensaísta. Tem várias obras publicadas.

Esta de agora, porém, nos merece especial carinho, dado o tema para que se lhe voltou o espirito de observador arguto. O volume me veio encaminhado pelo autor e pelo meu velho amigo Lavaquial que, em Pádua, no interior fluminense, cultiva o magistério e honra, pela competência e pelo labor dignificante, o nome matogrossense. São 28 capítulos, qual a qual mais interessante, versando cousas de nossa gleba. O estilo é vivo, impressivo, forte, moderno. Lêm-se com prazer as suas frases, *que fotografam as impressões*. Acompanhamos o drama da civilização matogrossense desde as monções, «a avançada de um mundo dentro de outro mundo.» Vêmos, nesses episódios heróicos «a herança inteira de muitos antepassados que se eternizam em suas reservas morais como influências de tradição.» A natureza e o homem se associam, nesta série de instantâneos, para nos dar uma visão panorâmica da grande Terra, a verdadeira Canaan do Brasil. Ha, nas páginas de *Brasil de Oeste* uma viva reminiscência euclideana, *não tanto no modo de exprimir, como naquilo que exprime*. As descrições são dum colorido forte, que caia no espirito, como se víssemos realmente a paisagem que nos revela, em traços nítidos. Para exemplo, esta de nós muito conhecida, a *Serra da Chapada*: «O observador caminha para

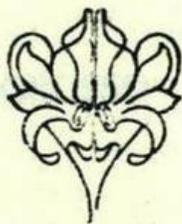
cima. E' uma vertigem de iluminação. Sobe. Vai vencendo roteiros íngremes. Ziguezagueia naquela avançada para o alto. Mergulha em mutações cerradas. Trilha sobre pedras soltas. Defronta o encachoeiramento de um córrego. E muitas vezes, repetidas vezes, passa pela correnteza cristalina das águas solitárias. Entroniza-se o volume líquido e desfaz-se em sucessivas voltas pelas faldas da montanha. E continua o observador. Atinge o massiço da chapada que coroa a serra! E ouve, extático, o ruído característico da queda. Aquela grita do córrego naquela garganta, em que as águas se apertam, é como a voz do desconhecido surgindo de uma ressurreição. Florestas compactas cobrem a cordilheira. E o córrego transformado em cascata, é um segredo naquele coração da rocha. O observador ouve-lhe o gemido. Procura-o. Não o vê. Chega ao alto. Domina-se pelo deslumbramento. E' grandiosa a perspectiva. Tem a magnificência do imponderado. Como um traço sinuoso, ao longe serpeia o rio Cuiabá... O observador entontece o olhar naquela paisagem de significação desmesurada e incompreendida. E' atraído para a imensidade que se descortina. Estaca diante daquele quadro. E' a brasilidade que o empolga. »

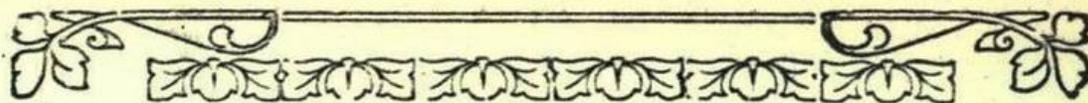
O livro é todo assim. Rico de imagens, pródigo de belezas picturais. Longe iria si me propuzesse a dar uma pálida idéia desta obra, em que Mato-Grosso surge glorificado pela pena dum escritor de escola e cheio de entusiasmo e carinho pela nossa maravilhosa região. Os conceitos, externados com rara concisão, ficam, calam, imprimem-se no espírito do leitor. Estes, ao acaso: «Nestes sertões descobrimos que somos a possibilidade de nós mesmos. *O sertanejo de Oeste confina com a própria personalidade.*» O passado glorioso de nossa terra, as suas tradições, a sua vida admirável de brasilidade sadia e forte, palpita, como num poema em prosa, nas laudas deste ensaio. Há uma nota épica, uma constante de entusiasmo e calor, da primeira à última página de *Brasil de Oeste*. Abram-se-lhe a esmo as folhas, e cair-se-á quasi sempre em plena vibração eufórica. *A subida dos rios* (pag. 220) é típica. «Como tudo é grande na subida dos rios! Pátria! teu destino é enorme como o destino das tuas caudais. Quem viaja o curso das tuas águas, tem a impressão da imensidade infinita... Teu destino é forte! Tua gloria é eterna! Tua grandea esplende! Por ti, nosso sangue é um rio. E' tradição que sobe. *A subida dos rios.* »

Não pareça, entretanto, que a obra de Paula Achilles se desenvolva toda só nesse tom poemático — ha, nela verdadeiros estudos sintéticos de problemas de sociologia, antropologia, historia, *folk-lore*, etc.

Algumas incorreções, longe de afeiárem a obra, dão ao painel o efeito leve dos sombrejos. Explicam-se aliás naturalmente, pela distância das fontes. Assim, Frei Masserata aparece como Monserrate (pag. 71); Corumbá, como *cidade-verde*, quando é conhecida por *cidade-branca*, reservado aquêle epíteto para a Capital (pag 160); Diamantino é recuado 80 leguas acima de Cuiabá, e que, de fato, só dista 30 e poucas (pag. 237). Senões que a lealdade manda apontar, mas que, já disse, facilmente se justificam e serão, a seu tempo, corrigidos.

A impressão de conjunto que *Brasil de Oeste* nos deixa é magnífica. Lendo-o, o matogrossense se orgulha ao vêr compreendido e interpretado, ao vivo, *sur la choir*, o grande e profundo sentido de brasilidade que enformou a sua História e fará a sua grandeza futura.





Publicações recebidas

Registamos, com praser, e agradecemos as seguintes publicações pedindo excusas antecipadas por alguma omissão involuntária:

Periódicos

1) Jornais:

DIÁRIO OFICIAL	}	de Cuiabá
A CRUZ		
O ESTADO DE MATO-GROSSO		
PENA EVANGELICA		
O OPERARIO		
Gazeta de Noticias	}	do Rio
O Portuário		
Correio da Noroeste — de Baurú		
O Progressista	}	de Campo Grande
Jornal do Comercio		
O Campograndense		
Gazeta do Comercio — de Tres Lagôas		
A Razão — de Cáceres		

2) Revistas e anuários:

A Violeta
O Liceu
Intercambio

} de Cuiabá

O Éco
Folha da Serra

{ de Campo Grande

O Garimpeiro — de Lageado

Revista da Academia Brasileira de Letras

Revista das Academias de Letras (orgão da F. A. L. B.) } do Rio

Revista de Cultura

Diretrizes

Revista da Academia Paulista de Letras

Oéste

Gazeta Clínica

Ciências e Letras

} de S. Paulo

Manaíra — de João Pessoa (Paraíba)

Livros e opúsculos

José de Mesquita — Professoras novas para um mundo novo

Zoran Ninitch — Saudade

Faustino do Nascimento — Rítmos do Novo Continente

Pueblos del Perú y de America — Lima

Correio do Departamento de Cooperação Intelectual — *Washington*

A Gran-Bretanha de hoje — Londres

Publicações da Federação das Academias de Letras do Brasil:

Conferências (2ª série)

Machado de Assis: Conferências

Estudos e ensaios

Publicações do D. N. P. (enviadas pelo Delegado da A. M. L.
Prof. José Vitorino)

Publicações do I. N. L.